

MACAU

IV Série - Nº 2

Março, 2006 Trimestral

LÍNGUA UNIVERSAL

Entrevista a Malaca Casteleiro
Pela unificação do português

AMBIÇÃO ECONÓMICA

"9+2" = cooperação regional
na "fábrica do mundo"

ANO DO CÃO

Astros ajudam ao diálogo
As previsões dos almanaques

UM PARCEIRO NO ESPAÇO

Quase 40 anos após o sonho de Qian Xuesen, pai do seu programa espacial, a China afirma-se num clube reservado às grandes potências. O novo milénio trouxe as primeiras missões tripuladas, decisivas para a futura estação espacial e para o objectivo de colocar astronautas na Lua

Director

Victor Chan Chi Ping

Director Executivo

Louie Wong Lok I

Editor Executivo

Fernando Sales Lopes

PropriedadeGabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau**Endereço**Rua de S. Domingos, nº 1 A-B, Macau
Tel.: 853 332 886 Fax: 853 355 426**Produção, Gestão e Distribuição**

Delta Edições, Lda.

Telefone/Fax: + (853) 323 660

e-mail: info@deltapublishing.com.mo

Editor

Luís Ortet

Coordenador

Paulo Rego

Direção Gráfica

José Manuel Cardoso

Graffiti - Arte & Comunicação

Colaboradores Permanentes

Ina Chiu, Luis Pereira e Patrícia Lemos

Colaboraram nesta ediçãoCarmo Correia (fotografia), Gilberto Lopes,
João Costeira Varela, João Francisco Pinto, John
Si (fotografia), José Carlos Matias, José I. Duarte,
Luísa Ferreira (fotografia), Luís Andrade de
Sá, Luís Miguel Viana, Miguel Andrade, Nuno
Calçada Bastos (fotografia), Paulo A. Azevedo e
Severo Portela**Administração, Redacção e Publicidade**

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E

Edf. Centro Comercial First International

14º andar, Sala 1404

Telefone/Fax: + (853) 323 660

e-mail: contacto@revistamacau.com

Tipografia

Tipografia Welfare, Macau

Tiragem

3 500 exemplares

ISSN: 0871-004X

Desbravar os caminhos do desconhecido é um sonho comum a todos os povos. Com o envio de astronautas para o espaço, a República Popular da China manifestou o seu empenho na aventura tecnológica e científica que, num futuro não muito distante, irá abrir novos horizontes à Humanidade. No entanto, a presença de astronautas chineses em naves tripuladas é apenas a ponta do icebergue de todo um projecto que a China tem vindo a desenvolver nas últimas décadas e de que damos conta no artigo destacado na capa desta edição.

No campo económico, abordamos um tema que será certamente de interesse para muitos dos nossos leitores, já que, de um ou de outro modo, acaba por se reflectir na política de cooperação entre a China e os países de língua oficial portuguesa. Trata-se do Fórum para a Cooperação e Desenvolvimento da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas, também conhecido por “9+2”, que engloba diversas províncias e as duas regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong. Refira-se, para se ter uma ideia da importância e da dimensão desta plataforma de cooperação regional, que ela corresponde a mais de um terço do Produto Interno Bruto de toda a China e a mais de 30 por cento da sua população.

Merece também referência, entre os muitos assuntos abordados, a entrevista que nos concedeu o prof. Malaca Casteleiro, uma figura de relevo nos meios académicos do mundo lusófono, que teve a seu cargo a coordenação do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea e, recentemente, recebeu o doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Macau. A universalidade da língua foi, naturalmente, um tema em foco.

Outra figura trazida para esta edição é Rui Cunha, natural de Damão e radicado há cerca de 25 anos em Macau, terra em que desenvolveu um trajecto profissional invejável, depois de ter já ter percorrido meio mundo como juiz. Ele é secretário-geral de uma das concessionárias do jogo e co-proprietário de um pujante escritório de advogados, já com ramificações para o mundo da lusofonia. Mas no perfil que traçamos desta personalidade, vamos bem além de uma mera história de sucesso e revelamos o Homem que, discretamente, dá vida e sentido a este percurso ímpar. ■

Luís Ortet

CAPA



No clube restrito do Espaço, a China aposta em parcerias

com o Brasil e a União Europeia no quadro da sua internacionalização e dos avanços tecnológicos. Além de uma rede própria de satélites, destaca-se entre os seus objectivos a ida à Lua, em 2020.

CHINA-PORTUGAL



A visita oficial do primeiro-ministro Wen Jiabao a

Portugal serviu para selar uma “parceria privilegiada”, estatuto que a China até então apenas partilhava, no contexto da U. E., com países como a Espanha, Alemanha, França e Reino Unido.

RUI CUNHA



Um dos mais prestigiados advogados de Macau recorda

a história da sua vida: de menino em Goa à consagração como magistrado em Portugal. Até que um telefonema tudo mudou. Às quatro da madrugada, do outro lado da linha estava Stanley Ho.

■ Entrevista

Malaca Casteleiro: Paladino do português como língua universal, 4
Luís Miguel Viana

■ Lusofonia

China precisa da rede em português, 12
Luís Pereira

■ Diáspora

Chineses Alfacinhas, 18
Miguel Andrade

■ Informação

Economia on-line, 26
Luís Ortet

Motor de busca a dois tempos, 28
José Miguel Encarnação

■ Perfil

Jurista sem fronteiras, 30
João Costeira Varela

■ Instituições

Raimundo Rosário: “Corro por gosto”, 38
Severo Portela

■ Homenagem

Cheong Vai Kei: O espírito de Macau, 44
Gilberto Lopes

■ China-Portugal

Parceria com privilégios, 50
Gilberto Lopes

■ Grande Delta

“9+2” = ambição económica, 56
João Francisco Pinto

Projecto de elevado potencial, 61
José I. Duarte

■ Projecto Espacial

O grande salto, 62
José Carlos Matias

■ Transportes

Novos voos do Aeroporto Internacional, 72
José Carlos Matias
Tufões, filmes e piratas, 78
Luís Andrade de Sá

■ Ano Novo Chinês

Sob o signo do Cão, 84
Luís Ortet e Ina Chiu
O ciclo da tradição, 98
Patrícia Lemos e Ina Chiu

■ Grand Ricci

50 anos de paixão, 108
Paulo A. Azevedo

■ Artes

Pequim, 3285 dias, 116
Charles Chauderlot

SECÇÕES

■ CASAS DE MACAU Pag. 42

■ NOTICIÁRIO Pags. 46, 82 e 124

■ HISTÓRIAS COM PALADAR Pag. 106

■ CARTAZ Pag. 118

■ RETRATO Pag. 126

Macau 2005 Livro do Ano



MACAU 2005 Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistematizada o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial

MACAU 2005 Livro do Ano, meio essencial para todos quantos desejam estudar e compreender melhor a realidade da RAEM, publica-se nas versões chinesa, portuguesa e inglesa ao preço de capa de 120 patacas

As edições chinesa, portuguesa e inglesa podem ser adquiridas em Macau nos seguintes locais: Plaza Cultural, Livraria Seng Kwong, Livraria Portuguesa, Livraria Wan Tat, Elite Bookstore, Livraria Uma, Livraria Universal e, ainda, na loja da Divisão de Filatelia (Sede) e estações dos serviços de correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo, do Aeroporto e da Urbanização Nova Taipa, na Imprensa Oficial (Sede) e Loja da Imprensa Oficial sita na Rua do Campo Edifício Administração Pública; e em Hong Kong na Commercial Press (HK) LTD e Cosmos Books LTD.

Paladino do português

como língua universal

Malaca Casteleiro tem uma longa carreira a lutar para que a língua portuguesa tenha as mesmas regras em qualquer parte do mundo: universo de 200 milhões de falantes

João Malaca Casteleiro é um linguista ilustre e um académico de longa e brilhante carreira, que se distinguiu na tentativa de que a língua portuguesa se afirmasse no mundo como espaço de partilha cultural e instrumento de trabalho comum aos cinco continentes. Ainda a palavra “globalização” não tinha entrado no léxico universal, ainda a China não se tinha transformado numa potência económica com interesses económicos no Brasil e em Angola, e já Malaca Casteleiro trabalhava em diversas frentes para que o português tivesse as mesmas regras nos oito países de expressão portuguesa, com os seus 200 milhões de falantes.

João Malaca Casteleiro licenciou-se em Filologia Românica (Português/Francês) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1960, e doutorou-se em 1979 pela mesma Faculdade, com uma dissertação sobre sintaxe da língua portuguesa. É professor catedrático na sua faculdade desde 1981 e professor convidado na Universidade da Beira Interior. É ainda membro da Academia das Ciências de Lisboa desde 1979 e, desde há muitos anos, director do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa.

Malaca Casteleiro colabora também com a Universidade de Macau desde 1987; ou seja, desde os tempos da sua antecessora, Universidade da Ásia Oriental, tendo des-

de então dirigido várias teses de mestrado e de doutoramento. Em 2004 recebeu dela o grau de Doutor em Letras *Honoris Causa*, tendo o seu elogio académico sido proferido pela professora Maria Antónia Espadinha.

Em 1990, quando Portugal assinou o Acordo Ortográfico com os outros países lusófonos, Malaca Casteleiro assumiu com naturalidade a liderança da equipa técnica do seu país. Depois, no final dos anos 90, coordenou o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, editado em 2001 pela Academia das Ciências de Lisboa, que ficou justamente conhecido por “Dicionário da Academia”. Sobre esse trabalho, disse o Presidente da República Portuguesa, Jorge Sampaio: “É um marco como instrumento de trabalho e de estudo para o mundo lusófono. De facto, o dicionário acolhe, actualiza e projecta o estado actual da investigação e dos nossos conhecimentos linguísticos, com recursos às novas tecnologias, numa perspectiva de futuro e de abertura a todo o universo lusófono”.

João Malaca Casteleiro foi agraciado pelo governo francês com o grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas em 4 de Julho de 1986. Mais tarde, em 26 de Abril de 2001, Jorge Sampaio impôs-lhe a comenda de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. ■



Malaca Casteleiro liderou a equipa portuguesa que assinou o Acordo Ortográfico. Coordenou também o "Dicionário da Academia", considerado pelo Presidente português, Jorge Sampaio, "um marco como instrumento de trabalho e de estudo para o mundo lusófono"

Quinze anos de Acordo Ortográfico

Cumpriram-se no passado dia 16 de Dezembro 15 anos da assinatura do Acordo Ortográfico entre os membros da comunidade de países de língua oficial portuguesa. O acordo visava a unificação da língua portuguesa nos países lusófonos e, quando

tem estado, desde então, em banho-maria.

Na vida real as consequências também foram nenhuma. Quinze anos depois, os portugueses continuam a escrever “ótimo” e não “ótimo”, “factura” e não “fatura”. Ora, uma das mudan-

jornal português “Público” assinalou os 15 anos do Acordo e, nessa edição, uma assessora da actual ministra portuguesa da Cultura, Maria do Céu Novais, declarava: “Cabo Verde e Brasil estão em processo de ratificação” e “em Portugal existe dis-



Os académicos propuseram alterações em 2600 palavras, tentando pôr termo a duas ortografias oficiais

anos mais tarde o trabalho técnico ficou concluído, propuseram-se alterações em 2600 palavras, pondo fim à existência de duas ortografias oficiais: a lusitana e a brasileira.

Quando no início dos anos 90 o Acordo foi colocado à discussão, a contestação foi muito viva. Em Portugal chegou mesmo a organizar-se o “Movimento Contra o Acordo Ortográfico”, congregando centenas de universitários, políticos e empresários. Fixou-se o dia 1 de Janeiro de 1994 como a data da sua aplicação nos países signatários, mas Portugal, Brasil e Cabo Verde foram os únicos a ratificar o projecto. E, mesmo nesses países, o acordo

ças mais radicais previstas no projecto era precisamente a eliminação das consoantes mudas, “abrasileirando” o vocabulário português.

O último impulso ao Acordo Ortográfico foi dado na última Cimeira da CPLP em S. Tomé e Príncipe, em Julho de 2004, na qual os governos decidiram que bastaria a ratificação do Acordo por três signatários para entrar em vigor nos respectivos países, prescindindo da sua aplicação unânime nas oito nações aderentes. Mas esta alteração ou protocolo modificativo do documento original ainda não foi ratificada.

Em 16 de Dezembro último, o

ponibilidade para ratificar”. A hipótese mais provável – mas não definitiva – será a de impor “uma dilação no tempo para a entrada em vigor do Acordo Ortográfico em Portugal”. Mas “nada disto tem prazos”, ressaltou.

A referida assessora adianta também que, antes de se concretizar a ratificação, o Governo português pretende relançar o debate público em torno da adequação e da validade do Acordo. O “Público” apurou entretanto que o Instituto Camões está a coligir uma série de pareceres sobre a aplicação do protocolo modificativo. Porém, a presidente do instituto, Simonetta Luz Afonso, não confirmou essas diligências. ■

“Português unificado seria uma grande vantagem”

João Malaca Casteleiro lamenta que os oito países de língua oficial portuguesa não se entendam, de forma a escreverem todos por igual. O que prejudica a afirmação do português nas instâncias internacionais bem como a partilha de livros



– O Governo português anunciou em Dezembro que irá pedir o adiamento da aplicação do Acordo Ortográfico, lançado há 15 anos. Pensa que esse adiamento compromete o uso do português como instrumento importante num mundo cada vez mais global?

– O Acordo Ortográfico foi celebrado em 16 de Dezembro de 1990 pelos ministros da Cultura dos sete países lusófonos (aos quais mais tarde se juntou Timor Leste). Na altura previa-se que ele entraria em vigor em 1 de Janeiro de 1994. O problema é que tinha que ser ratificado pelos parlamentos dos diversos países – e foi só ratificado pelos parlamentos de Portugal, do Brasil e de Cabo Verde. Por esse motivo nunca chegou a entrar a vigor.

– **Entretanto, na Cimeira da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) de Julho de 2004, em S. Tomé e Príncipe, decidiu-se prescindir da aplicação unânime nas oito nações aderentes – bastando a ratificação de três signatários para entrar em vigor nos respectivos países.**

– Foi nessa Cimeira que Timor se associou. O Acordo Ortográfico tinha um objectivo fundamental: promover a unidade, não apenas gráfica, da língua escrita para, desse modo, contribuir para uma maior difusão do português como grande língua de projecção internacional. Portanto, esses objectivos estão em grande medida prejudicados com estes adiamentos.

– **Acha que fez sentido aprovar condições para uma aplicação não unânime? O Acordo faz sentido sem unanimidade?**

– Acho que essa não é a perspectiva mais correcta. Nessa altura, na Academia das Ciências de Lisboa, fomos consultados e dissemos que a perspectiva do acordo era a totalidade dos países aderirem. Faria muito mais sentido que fossem todos! Eu creio que a ideia em S. Tomé foi a de criar um “motor”: três países aplicavam e os outros iriam atrás, por inércia ou por vontade explícita. Pensou-se: não faz sentido que um vasto espaço de duzentos e tal milhões de falantes do português não tenha a mesma ortografia.



“Estamos já a trabalhar numa segunda edição (do ‘Dicionário da Academia’). Vai ser uma edição maior, com mais entradas lexicais. Prevemos que seja em três volumes, com mais vinte mil entradas.”

– Mas um dos problemas é, precisamente, o do Acordo Ortográfico a que se chegou estar longe de obter consenso. Mais de uma década depois, os portugueses continuam a escrever “óptimo” e não “ótimo”, “factura” e não “fatura” – ou seja: não abasileiraram a sua ortografia.

– Bom, nós somos regidos pela chamada convenção ortográfica luso-brasileira de 1945 – com as alterações que foram introduzidas em Portugal por um decreto-lei de 1973, na sequência de um outro no Brasil. Portanto, essas são as ortografias que estão oficialmente consagradas... E, neste caso, não estando em vigor o novo Acordo, estar a aplicar alguns dos seus aspectos era complicado.

– Quais são as vantagens de se escrever exactamente da mesma maneira em África ou em Timor?

– É mais simples! É essa a principal vanta-

gem da unificação gráfica da língua portuguesa. Não é salutar para o ensino e a aprendizagem do português no estrangeiro – ou do ponto de vista da utilização do português como língua oficial de certas instituições internacionais – que haja a necessidade de optar entre duas ortografias: a brasileira ou a portuguesa. Haver uma ortografia unificada tem enormes vantagens do ponto de vista da projecção da língua no plano internacional. Do ponto de vista interno não há grande problema em se escrever “óptimo” sem “p”, mas na difusão da língua ou no envio de livros de uns países para os outros, cria-se uma enorme barreira. Por exemplo: se for um aluno do ensino básico, então, é muito complicado – dificilmente consegue passar de uma norma gráfica para outra. É por isso que os livros brasileiros são reeditados em Portugal, adaptados, e

vice-versa, às vezes já com alterações do ponto de vista sintáctico, que implica com a compreensão dos textos.

– **Continua, portanto, um entusiasta do acordo?**

– Na minha perspectiva havia muita vantagem em que houvesse uma ortografia tanto quanto possível unificada. E seria muito salutar que fosse adoptada por todos os oito países ao mesmo tempo, também no sentido de evitar, e contrariar, uma certa deriva ortográfica: em alguns países, como Angola, há uma tendência para afirmar o nacionalismo e a independência escrevendo palavras de um modo ‘próprio’. Ora, isso não faz sentido: não é pela ortografia que se manifesta a identidade de um país! Essa manifesta-se através do léxico: palavras usadas no português falado e escrito mas que são proveinentes das línguas nacionais.

– **Faltou ao Governo português capacidade política para sustentar essa deriva?**

– Eu creio que sim! Repare: o Acordo de 1990 foi uma segunda tentativa de unificação da ortografia, depois de uma iniciativa do Brasil, em 1986, que tinha um carácter ainda mais unificador: suprimiam-se os acentos de palavras esdrúxulas como ‘género’ ou ‘antónimo’, em que havia acento circunflexo no Brasil e agudo em Portugal: suprimia-se como forma de unificação. Como houve em Portugal uma grande reacção a essa proposta, o Governo português tomou a iniciativa de propor uma segunda versão, menos unificadora, em 1990. Portanto, a ‘bola’ ficou do lado português...

– **Que não a jogou...**

– Promulgar um Acordo Ortográfico, implantá-lo, é um acto de soberania – é um acto político. Portanto, têm de ser os políticos a levar por diante a sua implantação – ouvindo, naturalmente, os especialistas da área: neste caso a bola ficou do lado de Portugal, que não desenvolveu diligências, nomeadamente diplomáticas, que levassem à ratificação do Acordo.

– **Tem alguma explicação para isso?**

– É devido, com certeza, às constantes mudanças de governo e, por consequência,

das estratégias políticas que com elas vão mudando. Mas, quanto ao acordo, houve ainda uma segunda razão: a existência de guerra em vários países africanos, como Angola e Moçambique e, mais tarde, a própria Guiné-Bissau. Pelo contrário, o Brasil esteve sempre muito mais interessado na implantação de um acordo: em 1996-97 procurou, através da Academia Brasileira de Letras, que o Acordo fosse entrando em prática mesmo só com três países.

– **Em 2000 foi publicado o Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea, conhecido como Dicionário da Academia. Como seu coordenador, quando é que pensa que será chegada a altura de fazer uma primeira revisão?**

– Estamos já a trabalhar numa segunda edição. Vai ser uma edição maior, com mais entradas lexicais. Prevemos que seja em três volumes, com mais vinte mil entradas. O primeiro teve 70 mil; nesta segunda edição irá passar as 90 mil. Mas, entretanto, trabalhamos para um dicionário mais destinado às escolas, que está no prelo. Um dicionário num volume só, com 53 mil entradas lexicais. É mais um dicionário de aprendizagem, com uma finalidade mais pedagógica.

– **Para quando a segunda edição do Dicionário da Academia?**

– Penso que será possível dentro de, o mais tardar, dois anos e meio, três anos. Para além de eu trabalhar com uma equipa pequena e há uma outra limitação: o financiamento. É necessário dizer que este Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea é uma trilogia que compreende um Dicionário de Língua portuguesa Medieval (séculos XII a XV), que está em curso com outra equipa, financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Em Setembro de 2008 espero que o dicionário esteja concluído. O outro elemento da trilogia é o dicionário da Língua Portuguesa Clássica (séculos XVI a XVIII). A segunda edição do Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea já abrangerá, para além dos séculos XIX e XX, este início do século XXI. ■

“Macau superou as melhores expectativas”

– Como é que avalia o trabalho que está a ser feito em Macau para a preservação e funcionalidade da língua portuguesa?

– Eu acho que Macau superou as melhores expectativas que havia aquando da transição para a administração chinesa. Nós imaginávamos que o português ficaria muito mais reduzido, que haveria menos interesse na sua aprendizagem. Mas verificou-se exactamente o contrário: eu estive em Macau em Novembro passado e verifiquei, com muita satisfação, a grande procura de aprendizagem, quer na Universidade de Macau, quer no Instituto Politécnico de Macau, quer no Instituto Português do Oriente (IPOR), quer na Escola Portuguesa de Macau.

– Há grande procura?

– Há e estende-se à restante China: temos cinco universidades chinesas, com preponderância para as de Pequim, Xangai e Cantão, em que há departamentos de português com muito mais procura de alunos para aprender português do que o número de inscrições disponíveis.

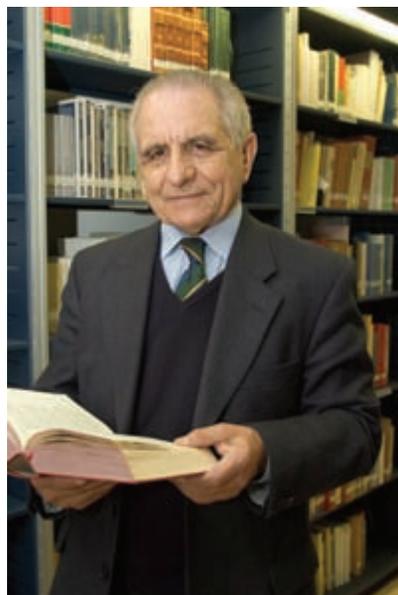
– Porque é que há tanto interesse pelo português?

– Por razões de natureza

política e de natureza económica. A China está numa fase de expansão imensa, com interesses nos países de expressão portuguesa como Brasil, Moçambique, Angola... Portanto, todas as pessoas que acabam a licenciatura em português têm imediatamente saídas profissionais no domínio diplomático, económico ou mediático. Em Macau, então, essa procura é claríssima.

O que é falta para aproximar a oferta a essa procura?

– Um maior número de professores, recrutados a partir de Portugal ou de Macau, que tem recursos financeiros de sobra para promover o português, tal como tem feito. Até hoje, boa parte da promoção tem sido feita por autoridades chinesas. Por exemplo, o presidente do Instituto Politécnico de Macau foi nosso aluno, por volta de 1982, na Faculdade de Letras de Lisboa. É de Pequim e é um dos principais prosélitos da promoção do português em Macau, com ligações magníficas ao resto



do país. Tem programas de acolhimento de estudantes que estão a tirar a licenciatura em universidades chinesas e que passam um ano de estudos em Macau, com processos de equivalência perfeitamente assumidos. A Universidade de Macau também faz isso. E o IPOR também tem muita procura.

– Como é que se pode tornar esse movimento ainda mais dinâmico?

– Com a abertura de mais cursos, com mais professores. Mas neste momento o Instituto Politécnico está, por exemplo, muito empenhado em preservar a qualidade do ensino. E, por vezes, a qualidade é incompatível com a quantidade. ■

“Eu acho que Macau superou as melhores expectativas que havia aquando da transição para a administração chinesa. Imaginávamos que (em Macau) o português ficaria muito mais reduzido, que haveria menos interesse na sua aprendizagem. Mas verificou-se exactamente o contrário.”

China “precisa” da rede em português



Wang Cheng An, secretário-geral adjunto do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, explica que a China, para além das matérias-primas e de outras oportunidades económicas, procura na África lusófona uma “rede de parceiros” para agirem na economia global

“A China precisa dos países de língua portuguesa”. A tese é assumida, sem rodeios, por Wang Cheng An, alto quadro do Ministério do Comércio e responsável pelo incremento da cooperação económica e comercial entre a China e esses países. Mas então porquê? Por que razão uma potência emergente “precisa” desses mercados de expressão portuguesa? O que leva o Governo Central a eleger essa relação como desígnio nacional?

A ponta da meada desvenda-se no fio de uma economia sem fronteiras. Em 2005, a China importou cerca de 130 milhões de toneladas de crude para fazer face a um consumo de 330 milhões de toneladas. Em 2006, prevê-se que esse apetite pelo “ouro negro” aumente cinco a dez por cento. A este ritmo, o segundo maior

ceito global de diplomacia económica. O presidente do Fórum Luso-Asiático, Arnaldo Gonçalves, sublinha a propósito a drástica redução de efectivos no Exército Popular de Libertação e a modernização das Forças Armadas, na linha das forças rápidas de intervenção – à semelhança da Europa –, bem como o papel central da China no diálogo antinuclear com a Coreia do Norte. Iniciativas, explica, que apaziguaram receios da comunidade internacional face ao crescente poderio do “gigante asiático”. Contudo, sinaliza aquele especialista em relações internacionais, a China encontra-se ainda desprovida das redes de “parceiros tradicionais” que a Europa e a América do Norte cultivaram ao longo dos tempos, com elas garantindo um fluxo regular de recursos. No jogo

O “Fórum Macau” aposta na aproximação da China aos países de língua portuguesa, desígnio do Governo Central assumido como pedra fundamental da sua política externa. Nos planos económico e geo-estratégico, a RAEM apresenta-se como elo dinamizador desse projecto

consumidor mundial de petróleo, atrás dos Estados Unidos, enfrentará no curto prazo necessidades quatro vezes superiores à sua capacidade de produção de crude. A profunda remodelação do tecido produtivo da “fábrica do mundo”, bem como a metamorfose do seu consumo interno, exige ainda um enorme esforço de equilíbrio da balança comercial. Às importações de energia e de matérias-primas adicionam-se crescentes necessidades – e exigências – por parte de uma população urbana que se multiplica à medida de um êxodo rural que já fez migrar mais de 80 milhões de pessoas.

Rede estratégica

Com a “ascensão económica pacífica” – contraponto à hegemonia militar norte-americana – a China afirma-se pelo con-

dos interesses geoestratégicos, no qual a maioria das pedras-mestras segue alinhamentos há muito definidos, a China “vira o tabuleiro” a seu favor ao aplicar uma regra que lhe é peculiar: a perseverança em materializar, no longo prazo, a sua visão própria do mundo.

Com esta aposta em países em vias de desenvolvimento, a China evita dispersar recursos por mercados já alinhados e condenados à saturação prematura, concentrando-se antes em otimizar relações com pólos de vasto potencial de crescimento: América Latina e África. A extensão e a diversidade dos seus recursos, história e localização geográfica, identificam no conjunto dos países de língua portuguesa - 220 milhões de pessoas e a quinta língua mais falada no planeta - mercados ideais para a formação e desenvolvimento de redes estratégicas. Aí a China encontra

Mais do que fonte de minérios e de produtos alimentares, a China vê no Brasil uma porta aberta para a América Latina, dada a posição de relevo que aquele país ostenta no Mercosul

o que “precisa” para a sua modernização interna e ascensão internacional. Por seu turno, as várias frentes de expressão portuguesa apostam nos benefícios da parceria estratégica, contra a opção insustentável da concorrência hostil com a China.

Brasil na linha da frente

O Brasil é o país de língua portuguesa com uma parceria mais estreita com a China, ao ponto de ambos assumirem posições concertadas em diversos fóruns internacionais, como foi o caso da conferência ministerial da Organização Mundial de Comércio (OMC) em finais do ano passado, em Hong

Kong. As trocas comerciais entre estes dois países crescem ao vertiginoso ritmo de 30 por cento ao ano, desde a adesão da China à OMC, em 2001. Mais do que fonte de minérios e de produtos alimentares, o Brasil é uma porta aberta para a América Latina, através da posição de relevo que ostenta no Mercosul, região económica que, segundo vários analistas internacionais, conhecerá uma explosão do consumo no futuro próximo. Entretanto, o Brasil reconheceu a China como economia de mercado, facto relevante aos olhos da comunidade internacional. E é conhecido o apoio da China para que o Brasil ganhe assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Na África de expressão portuguesa e em Timor -Leste, à China interessam os ricos depósitos de minérios e outros recursos naturais; nomeadamente em Angola, com quem nos últimos três anos aumentou em sete vezes o volume de importações de petróleo. Mas esses mercados permitem também escoar milhares de toneladas de contentores empilhados nas costas da China. É com Moçambique que decorrem negociações para a construção de um vasto posto de abastecimento e distribuição de produtos chineses para toda a África Austral – desde têxteis a bens de consumo, passando por medicamentos e ingredientes usados na Medicina Tradicional Chinesa. Do outro lado do tabuleiro, o interesse chinês é avaliado como veículo para uma economia competitiva e, acima tudo, sustentada. Recorde-se que o investimento chinês nesses países tem sido maioritariamente direccionado para a rede de infra-estruturas: auto-estradas, caminhos-de-ferro, pontes, portos de águas profundas, hospitais, escolas, edifícios governamentais...

A China como Portugal reconhecem que as excelentes relações diplomáticas, reforçadas pelo êxito da transferência de administração de Macau, não encontram paralelo no âmbito comercial. Embora o comércio bilateral tenha aumentado cinco por cento em 2005, aproximando-se dos dez mil milhões de patacas (USD 1250 milhões), ficou aquém das expectativas chinesas. As esperanças recaem agora sobre o novo estatuto a que o primeiro-ministro chinês, Wen Jiabao, elevou as relações bilaterais. Durante a sua visita a Portugal, em Dezembro último, assumiu o nível preferencial de “parceria estratégica” (ver páginas 44 a 48), estatuto que sinaliza ao empresariado chinês a importância dos mercados em causa. Sendo uma das portas de entrada possível na Europa de uma vasta gama de produtos chineses - dos têxteis aos automóveis ligeiros - Portugal assume na União Europeia empatias estratégicas com a China, como foi patente no caso da sensível questão do levantamento do embargo à de venda de armas. ■

Com o objectivo de facilitar a exportação de uma vasta gama de produtos chineses, incluindo bens alimentares e de consumo, decorrem negociações para a construção em Moçambique de um vasto posto de abastecimento e distribuição, que servirá toda a África Austral



Macau organizou, em 2005, a Reunião Preparatória para a Conferência Ministerial que terá lugar na segunda metade do corrente ano



Trunfo Macau

Foto: GFCE

Estados Unidos, União Europeia e outras potências económicas batem-se também por oportunidades nos mercados de língua portuguesa. Mas a China apresenta um trunfo importante: Macau, hoje uma região administrativa especial, ontem o primeiro interposto comercial e cultural entre Oriente e Ocidente.

Ciente desse potencial dinamizador, o Governo Central definiu a RAEM como plataforma preferencial das relações entre a China e os países de língua portuguesa. A ratificação oficial dessa estratégia surgiu em Outubro de 2003 pela voz da vice-primeira-ministra chinesa, Wu Yi, por ocasião do primeiro “Fórum de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa”, que reuniu em Macau os ministros da Economia de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste. O êxito dessa iniciativa levaria à criação do denominado “Fórum Macau”, organismo que promove oportunidades de negócio nesses mercados junto do empresariado chinês. Entretanto, a China abriu linhas de crédito para esses países, inicialmente de 20 mil milhões de patacas (USD 2500 mil milhões),

entretanto reforçadas para o dobro.

Quatro séculos de diálogo civilizacional fazem de Macau um ponto de contacto ideal, reforçado por circunstâncias da modernidade como sejam o facto de ter mantido o português como uma das línguas oficiais e um sistema jurídico que obedece à mesma matriz seguida pelos países de língua portuguesa. Não deve também ser desprezado o coeficiente afectivo nessa ligação, lembra Rita Santos, coordenadora do Gabinete de Apoio ao “Fórum Macau”. “A língua une-nos”, sublinha.

Os residentes da RAEM, mas também os do interior do país, vêem demonstrando crescente apetência pela aprendizagem do português, razão pela qual instituições locais que leccionam a língua e a cultura portuguesas se preparam para alargar a sua oferta. No caso do Instituto Politécnico de Macau, está a ser criado um centro de investigação vocacionado para o estudo dos países de língua portuguesa. Outras instituições preparam programas curriculares a pensar nos milhares de alunos oriundos desses países que pretendem aprender chinês. Aliás, são já mais de oito mil os alunos africanos que frequentam cursos de chinês. Ainda a operar

em estágio embrionário, e maioritariamente ao nível governamental, o objectivo de longo prazo do “Fórum Macau” passa por alargar a cooperação ao tecido empresarial (o que depende de um maior conhecimento mútuo e justifica a aposta em acções de formação) que tem pautado a actuação desse organismo. Por norma são ainda as grandes empresas estatais chinesas que investem nos mercados de língua portuguesa, assegurando participações em empresas locais. Enquanto decorrem os preparativos para o segundo Fórum ministerial, agendado para o final deste ano, em Macau, assume-se a prioridade da elaboração de um guia para o investimento nos mercados lusófonos, dirigido especificamente aos pequenos e médios empresários chineses.

A estratégia da China nos países de língua portuguesa tem criado significativas oportunidades de negócio, como é o caso da parceria entre a petro-

Foto: GFCE



Wei Jianguo cumprimenta Hélder Oliveira

lífera brasileira Petrobrás e a sua homóloga chinesa para a exploração de petróleo em São Tomé e Príncipe. E se os primeiros resultados do Fórum são animadores – as trocas comerciais entre a China e os mercados de expressão portuguesa registaram aumentos na ordem dos 30 por cento, menos de dois anos após o início deste projecto. “Isto é apenas o princípio”, vaticina Ambrose So, cônsul honorário de Portugal em Hong Kong e membro da direcção da Geocapital. Esta empresa de capitais chineses, liderada por Stanley Ho, sustenta a operação financeira através da qual a transportadora aérea portuguesa, a TAP, pretende assumir o controlo da sua congénere brasileira, a Varig.

Entretanto, a Geocapital assinou em Dezembro do ano passado, em Macau, um protocolo que fixa avultados investimentos no Vale do Zambeze, em Moçambique. ■

L. P.



Foto: GFCE

A vice-primeira-ministra chinesa Wu Yi (ao centro) reforçou o papel da RAEM no projecto lusófono

Base do Fórum

Por iniciativa do Governo Central, a RAEM organizou, em Outubro de 2003, o 1º Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, que culminou com a assinatura de um Plano de Acção por parte dos representantes ministeriais dos sete países membros. Entretanto, foi criado um mecanismo de acompanhamento com sede em Macau. Tendo como principais áreas de intervenção os domínios da agro-pecuária, pescas, infra-estruturas, recursos naturais e humanos, o secretariado permanente é constituído por quatro secretários gerais adjuntos - um em representação do Ministério do Comércio da China, outro nomeado pelo Governo da RAEM e os restantes dois em representação dos países de língua portuguesa – que se articulam com os embaixadores acreditados em Pequim e o representante da pasta económica de cada um dos países membros. O plano de actividades para 2006 do Secretariado Permanente inclui a organização da 2ª Conferência Ministerial (Macau, 4º trimestre), a participação no 3º Encontro de Empresários para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Portugal, 10 a 12 de Abril), bem como a organização de um conjunto de colóquios e seminários. Esses encontros terão por temas, entre outros, a área dos transportes e comunicações (Macau, segundo trimestre), o papel dos advogados na cooperação económica (Macau, Novembro), a administração económica chinesa (Pequim, Xiamen e Macau, terceiro trimestre), a gestão das normas técnicas do comércio (Pequim, segundo trimestre) e a cooperação na exploração de recursos humanos (segundo trimestre). De entre os projectos em curso destaca-se a redacção e publicação do “Guia de Investimento nos Países de Língua Portuguesa”. ■

L. P.

*Primeiro casamento
de Olga Lam, com Alfredo
Rodrigues. Macau, 1944*

Chineses alfacinhas



De facto, nos actuais estudos sobre imigração em Portugal, não é possível localizar mais do que breves referências a este já longínquo e muito esquecido ciclo migratório, verificado genericamente a partir do início do século XX, período em que se deram profundas mudanças na organização política e social da China e de Portugal - o fim das monarquias e o estabelecimento das repúblicas.

A memória das nossas fontes vivas não refere factos anteriores aos anos vinte do século passado. Segundo elas, já então Moçambique, onde a comunidade chinesa era mais significativa, seria ponto de partida de chineses para Portugal. Porém, como se sabe, vindos de diversas regiões da China, circula v a m chineses já por diferentes países da Europa, sem autorização de trabalho, nem de residência, até conseguirem fixar-se em

alguns deles. E uma ínfima parte desses pioneiros terá acabado por se estabelecer em Portugal. Entretanto, um outro também pequeno número veio directamente de Macau, na sequência de ligações matrimoniais entre militares portugueses e

mulheres chinesas daquele território, bem ao jeito das malhas que aquele tempo tecia.

A história de Olga Maria Lam Hing enquadra-se neste último caso e, nesse contexto, é o ponto de partida e referência central nesta breve crónica dos laços que se apertam e desapertam ao sabor do fluxo de vida.

De Lam Pui Yi a Olga Maria Lam Hing

Nascida em Macau em 1923, Olga começou por chamar-se Lam Pui Yi e guarda da infância recordações de uma vida relativamente confortável,

nos ao nível profissional. Se a infância e a adolescência foram vividas em total sintonia com os padrões de conduta próprios da sociedade chinesa de Macau, já os tempos de juventude vieram propiciar novos contactos e ambições...

Com praticamente todo o Extremo Oriente mergulhado na imensa turbulência provocada pelo início da Segunda Grande Guerra, foi por pouco tempo que Macau escapou às consequências da agitação que abalou o planeta.

Foi nesse contexto que em 1939 desembarcou no enclave um anónimo cidadão português, de nome Alfredo Rodrigues, para uma

comissão de serviço de sete anos como militar do exército português. Sobre a vida de Alfredo Rodrigues em Macau nada mais se sabe. Apenas a poderemos imaginar passada entre a curiosidade por

uma sociedade bem diferente da portuguesa e as obrigações militares, até 1942, ano em que o militar português e a jovem chinesa Lam Pui Yi foram apresentados por uma amiga comum. Tinha ela então quase 20 anos de idade - e a

*Estão unidos pelos traços
fisionómicos, culturais
e linguísticos, mas muito distantes
da maioria dos seus conterrâneos
imigrados nos últimos anos. Fazem
parte ou são os descendentes
das primeiras gerações
de emigrantes chineses que
escolheram Portugal como destino.
São poucos e estão integrados*

membro de família chinesa, logo, muito distante dos hábitos que caracterizavam a comunidade portuguesa em Macau. Mas o pai era agente da Polícia de Segurança Pública e, por isso, tinha contacto frequente com portugueses, pelo me-

sua vida mudou de rumo. Apesar de todas as resistências familiares, a jovem chinesa acabaria, pouco tempo depois, por ir viver com Alfredo para uma casa situada algures junto ao actual Mercado Vermelho. Ficou grávida nesse mesmo ano. E começava a familiarizar-se com o idioma de Camões.

Ao filho nascido em 1943 foi dado o nome de Armando, mas só a 25 de Maio do ano seguinte se deu a dupla conversão da jovem mãe, na Igreja Paroquial de Santo António, onde tiveram lugar as cerimónias de baptismo de Lam Pui Yi - que recebeu o nome



Olga Lam com Alfredo Rodrigues e o filho Armando. Macau, 1945

de Olga Maria Lam - e a do seu casamento com Alfredo Rodrigues, já então seu companheiro em regime de união de facto, como hoje em dia se diz. Foi oficiante o padre Manuel Pinto Basaloco e o assento de casamento fala em “chinas

gentios”, ao referir-se às ligações familiares da noiva. A partir desse ano, Macau entraria em contagem decrescente como local de residência da jovem Olga e seu marido. Acabada a Guerra do Pacífico, em 1946, teve início uma nova fase da História da China, com a aliás não menos inquietante guerra civil entre nacionalistas e comunistas. Foi assim que, para o jovem casal luso-chinês, a vinda para Portugal surgiu no horizonte como a melhor alternativa, uma vez que estava a chegar ao fim a comissão de serviço de Alfredo Rodrigues e o desempenho de outras funções não parecia concretizável naquela conjuntura.

Outros ramos da árvore

Angelina Chai terá sido das primeiras pessoas de etnia chinesa a nascerem em Portugal, mais exactamente no Porto, em 1928. Os pais escolheram Portugal como destino no início dos anos vinte. E hoje, ao cabo de 78 anos de vida, Angelina já tem alguma dificuldade em reconstituir o *puzzle* da vida dos seus ascendentes. Embora perdidas no tempo as razões da opção dos pais de Angelina Chai pela cidade do Porto, pode-se ter como certo que a escolha teve por fundamento essa constante busca de melho-

res condições de vida, eloquentemente confirmada, aliás, pelas suas memórias de infância, que reconstituem sem hesitar o quadro das actividades a que os seus familiares se dedicavam: a venda ambulante de bijuterias, começada no Porto e que veio a ter continuidade em Lisboa, a partir de 1937, tinha Angelina já nove anos de idade.

Apesar de ter nascido em Portugal, Angelina viveu sempre a condição de membro de uma família exclusivamente chinesa, cujos laços étnico-culturais e de subsistência se prolongaram ainda pelo casamento com Yuan Wen Chai e nos cinco filhos que tiveram.

As gravatas do sucesso

Yuan Wen Chai, nascido nos arredores de Xangai em 1911, residia em Lisboa desde 1935. Antes vivera alguns anos de atribulações várias pela Europa, em conjunto com o seu irmão Yuan Y Hing, nascido em 1904.

De facto, os irmãos Yuan emigraram originalmente para a Holanda, no início da década de 30, mas Y Hing esteve detido nesse país por permanência ilegal, o que levou ambos até Itália. Mas aí também não se conseguiram fixar e Portugal foi o destino seguinte...

Tal como a grande maioria dos imigrantes chineses em Portugal, naquela época, os irmãos Yuan encontraram nas dificuldades económi-

cas que então vivam, bem como no contexto social e político que os desagradava, a motivação fundamental para emigrarem.

Na década seguinte, Chiang Kai Chek viria a gozar das boas simpatias do governo de Lisboa, circunstância que veio a ditar a instalação na capital portuguesa de um consulado de Taiwan, que acabaria por exercer significativa influência entre a reduzida comunidade chinesa que gradualmente se ia instalando em Portugal.

As boas relações de amizade que os irmãos Yuan estabeleceram com o cônsul viriam a revelar-se proveitosas e Portugal, como país de acolhimento, viria a compensá-los — afinal acabariam por prosperar de forma imparável em Lisboa!

Destinos cruzados em Lisboa

Quando, uns anos depois, em 1946, Olga Lam tomou a decisão de embarcar rumo a Portugal, os negócios dos irmãos Yuan já prosperavam e a venda ambulante das gravatas já dera origem a um estabelecimento comercial em plena baixa de

Lisboa, na Travessa da Madalena.

Claro que a jovem Olga Lam desconhecia tais factos, nem poderia imaginar o quanto isso se tornaria



Juang Y Hing. Fotografia tirada em Lisboa, em data anterior a 1946, ano de chegada de Olga Lam a Portugal

importante na sua vida. A cansativa viagem marítima, de 57 dias, fora mais um obstáculo posto no caminho das incertezas do futuro, amenizadas talvez pela companhia do marido e do filho e pelo desejo de ir ao encontro de uma vida melhor.

Mas eis que, digamos as-

sim, o militar fez sair “o tiro pela culatra”, acontecendo o impensável, apenas sete meses depois da chegada: Alfredo abandonou a esposa e o filho! Olga tinha 23 anos. O filho Armando contava somente três.

Sozinha e com o filho para cuidar, foi o desespero que levou Olga Lam, portuguesa de etnia chinesa, natural de Macau e a viver em Lisboa, a socorrer-se do Consulado de Taiwan, na altura a única instituição em Portugal que tratava de interesses chineses, uma vez que o regime de Salazar não tinha relações diplomáticas com a China. Apesar de não lhe financiarem a viagem de regresso a Macau, hipótese que chegou a ponderar, prontificaram-se a conceder-lhe apoio para alimentação e pagamento do quarto que alugou na Rua Castilho.

Pouco depois, Olga conseguiu emprego numa fábrica de conservas no Seixal, onde esteve cerca de três meses, juntamente com outras duas compatriotas.

E a verdade é que foi ainda por iniciativa do cônsul, de quem o então já empresário do negócio das gravatas Yuan Y Hing (que a par-

tir de certa altura passou a apresentar-se como “Juang”, por semelhança fonética ao português João) era amigo chegado, que Olga Lam, dois ou três meses depois, mudou radicalmente

da Travessa da Madalena e Juang Y Hing não hesitou. Foi mesmo decisão à primeira vista: optou pela jovem Olga, que imediatamente se mudou com o filho para casa de Wen Chai,

Lam e o seu patrão Juang Y Hing...

Por isso, dessa vez aconteceu o desejado: Olga casou com Juang em 1954, antecipadamente divorciada de Alfredo, como quem encerra um capítulo e inicia outro, num casamento que inaugurou tempos de estabilidade laboriosa e tranquilizadora respeitabilidade.

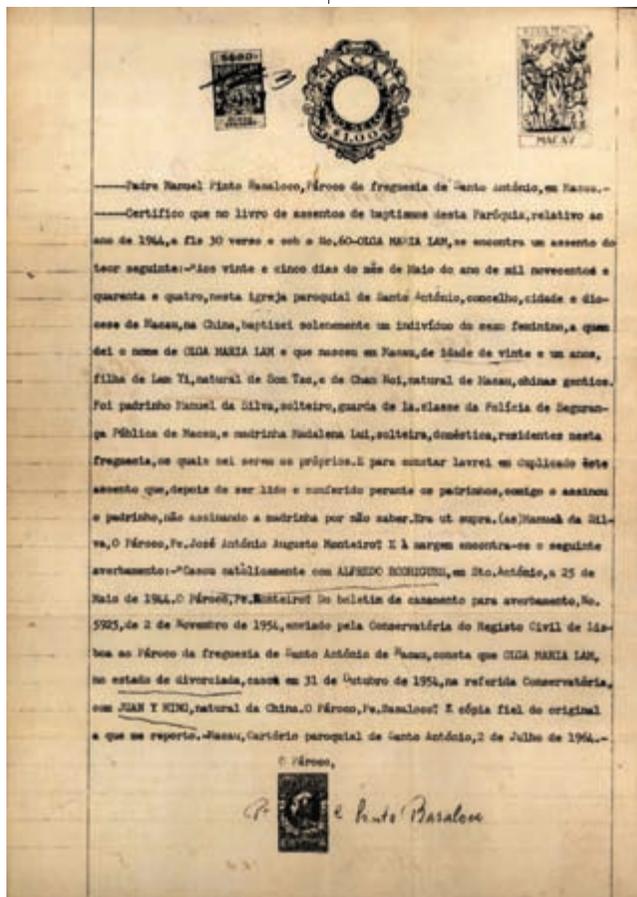
Como as exigências do negócio não paravam de crescer, nesse mesmo ano o casal mudou-se para um 3º andar na Praça da Figueira, instalações que passaram a albergar quatro diferentes funções, em simultâneo: a de residência, a de atelier de produção, a de posto de venda e a de armazém de gravatas.

Novelo transcultural

Nos anos 50, por altura do estabelecimento da República Popular da China, verificou-se um novo fluxo de emigração.

Foi nesse contexto que, a exemplo do que se havia verificado noutros países, também a pequena comunidade chinesa residente em Portugal acolheu alguns compatriotas e apoiou a vinda de familiares.

Acontece que Juang tinha deixado na China um filho, Leong Lam, entretanto casado e com duas filhas, e ainda hoje residente na cidade de Wengzhou. Ocorreu, por isso, aos Yuan a hipótese da vinda para Portugal de Leong Lam, a esposa e as filhas. E foi assim que em 1958 Leong Lam e Chi



Assento de casamento

a sua situação: decorria o ano de 1947 e o negócio das gravatas prosperava de tal maneira que Juang teve necessidade de contratar mais empregados. De facto, o volume das encomendas era tal que Yuan não tinha mãos para medir tantas gravatas...

Juntamente com outras três chinesas, Olga foi candidata a empregada de balcão na loja de gravatas

irmão do novo patrão e da cunhada sino-portuguesa Angelina, nas proximidades da Sé de Lisboa.

Olga aproveitou bem a oportunidade que estes novos conhecimentos e um salário substancialmente aumentado (de doze escudos por semana para quase quatro vezes mais) lhe proporcionaram. E estreitaram-se os laços de trabalho e afectividade entre Olga



Juan Y Hing, Olga Lam, na Praia, com amigos. Anos cinquenta, Lisboa.

Mei, sua esposa, e as filhas Li Chien Yuan e Hua Chien Yuan, a primeira apenas com quatro anos de idade e a segunda acabada de nascer, mudaram-se para Portugal.

Eis, no entanto, que desta feita o optimismo que tradicionalmente acompanhava Dona Olga não teve confirmação na vida real: a presença do casal em Portugal acabou por ser marcada por inúmeras dificuldades de adaptação, algumas delas tão sérias que, quatro anos depois, o casal entendeu que o melhor seria mesmo regressar à China. Estava-se no ano de 1962, em plena Revolução Cultural!

Trata-se, certamente, de um muito raro caso de opção pelo regresso à China, em contexto idêntico, visto que dificilmente se pode-

ria imaginar aliciante, para chineses de modesta condição, mas voluntariamente emigrados no Ocidente, um mergulho no turbilhão político chinês desses tempos da Revolução Cultural. Foi, porém, a decisão do casal: regressar à Mãe Pátria, mas sem os filhos - não só as meninas nascidas na China e trazidas pelos pais ficaram em Portugal com os avós, mas também João Lin Yun, o menino nascido dois anos antes no Porto, onde o casal esteve durante um curto período a viver junto de amigos chineses, também negociantes de gravatas, após desentendimentos ocorridos em Lisboa com o patriarca do clã.

A década de sessenta foi simultaneamente o culminar e o termo da actividade que durante anos animou

a vida de Juan Y Hing e da esposa - foi em 1961 que aconteceu o primeiro grande dissabor da vida de Dona Olga depois do casamento com Juang: a morte de Armando, único filho da sua ligação com o militar Alfredo Rodrigues, vítima de doença grave.

As leis da sobrevivência

Juang e Dona Olga prosseguiram, apesar disso, a sua actividade comercial e, com clientes espalhados por todo o país, Juang não esmoreceu e decidiu começar a investir na compra de imobiliário nos arredores de Lisboa, mais precisamente na Amadora, expandindo desse modo a sua área de negócios. Juang faleceu em 1965.

Foi praticamente o fim da prosperidade da produção e do comércio de gravatas, doravante conduzido sob a orientação exclusiva de Dona Olga. Mas os proventos já não justificam o seu empenho e em

cunhados Wen e Angelina Chai que, em 1966, já haviam aberto um dos primeiros restaurantes chineses em Lisboa, o “Xangai”, na Avenida Duque de Loulé, deslocando para esse ramo o centro da sua

atividade - porque o comércio das gravatas

esmorecera e havia deixado de ser um sector maioritariamente chinês, fora-se disseminando por outras mãos, ganhando novos caminhos e outros protagonistas.

Wen Chai faleceu em 1974 e, hoje em dia, Angelina dirige um estabelecimento de retalho em conjunto com a sua filha primogénita

Maria do Carmo, a “Casa Chinesa”, na Rua João das Regras, em plena Baixa de Lisboa.

Em Lisboa, Olga Lam prosseguiu o seu caminho. Retirada das tarefas absorventes da vida dos negócios, vive uma vida

pacata e confortável. À medida que os anos passaram foi-se integrando da melhor forma possível, ou seja, adoptando hábitos próprios da cultura portuguesa, embora mantendo intactos alguns costumes próprios da sua cultura de origem.

Oriente próximo

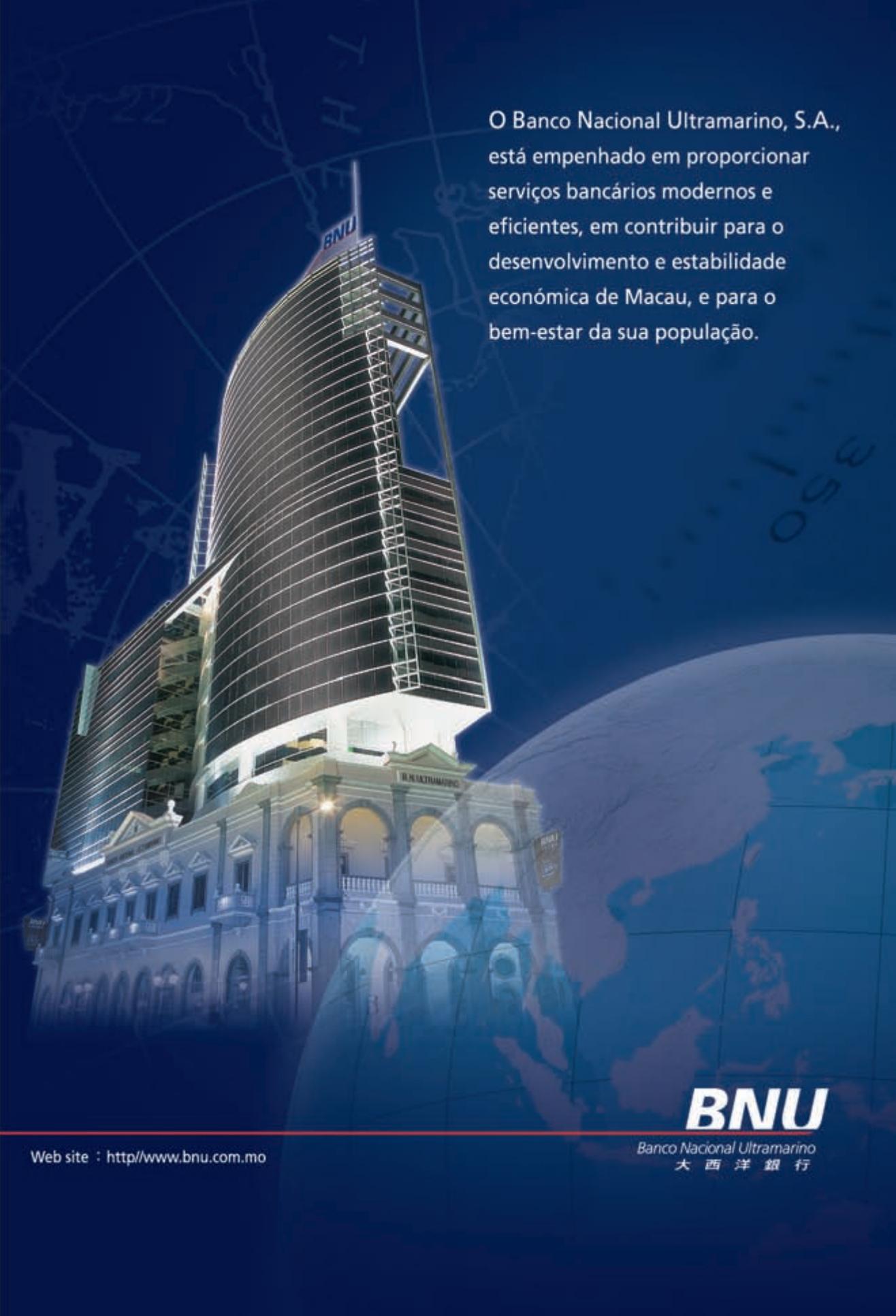
Por outro lado, nos últimos anos, com a vaga maciça de imigrantes chineses, Lisboa ficou mais próxima do Oriente e conhece uma fervilhante e crescente actividade comercial da comunidade chinesa espalhada pela capital. E de tudo há um pouco, nalguns casos até, bem mais do que pouco: da venda ambulante, ao comércio em estabelecimentos próprios, de restaurantes a sapatarias, de lojas de revenda de roupa a papelarias, de minimercados a mercearias, onde praticamente há de tudo - fresco, enlatado ou congelado - o que é essencial para a confecção da culinária chinesa mais apreciada, tudo é actualmente possível encontrar.

É esta Lisboa multicultural a que cada vez mais se veste ao gosto de Dona Olga. Por isso, já não a larga: nem a cidade que a acolheu, nem a casa onde, normalmente ao entardecer, à janela do seu terceiro andar voltado para a Praça da Figueira, põe-se a observar a vida que corre num frémito pelas ruas da Baixa Pombalina. ■



Olga Lam, Lisboa. Anos cinquenta

1968 Dona Olga opta por abandonar esse negócio e prestar mais atenção ao comércio de imobiliário, a que ainda hoje se dedica. Tal como Dona Olga se adaptou à mudança, assim o fizeram todos os seus familiares, bem como os



O Banco Nacional Ultramarino, S.A.,
está empenhado em proporcionar
serviços bancários modernos e
eficientes, em contribuir para o
desenvolvimento e estabilidade
económica de Macau, e para o
bem-estar da sua população.

Web site : <http://www.bnu.com.mo>

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行

Economia on-line

Macau tornou-se um local privilegiado para que homens de negócios e empresas dos países de expressão portuguesa entrem em contacto com os seus homólogos chineses

O Gabinete de Comunicação Social (GCS) do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) lançou em finais do ano passado um *web-site* que passou a disponibilizar, de forma gratuita, informação económica visando a promoção de negócios entre a China e os países de expressão portuguesa. No Macauhub (www.macauhub.com.mo) é possível encontrar dados sobre oportunidades de

investimento, estatísticas, eventos e legislação referentes a todos os países envolvidos, isto é, Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

“O lançamento do Macauhub visa realçar o entendimento mútuo entre a China, em especial a região do Grande Delta do Rio dos Pérolas, e os países de expressão portuguesa” – diz Victor Chan, director do

macauhub
macauhub
经贸资讯网
Economic Information Service
Serviço de Informação Económica
HOME
中文
PORTUGUÊS
ENGLISH

促进中国与葡语国家和地区经贸关系的信息网站

Portal de informação económica para promover as relações comerciais entre a China e o mundo de língua portuguesa.

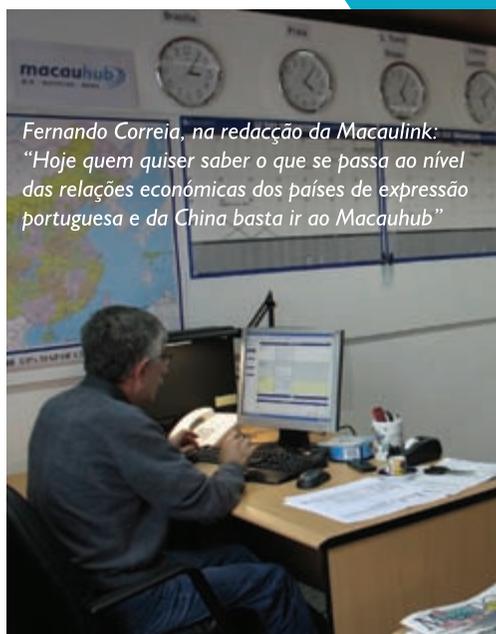
A designated economic information portal to promote business ties between China and the Portuguese speaking world.

Copyright © 2005 macauhub All rights reserved.
Produced by macaulink

Homepage: www.macauhub.com.mo

GCS. O mesmo responsável salienta que a transformação de Macau numa plataforma económica e comercial constitui um dos objectivos definidos pelo Governo e que o próprio Governo Central atribui grande importância a esse papel da região administrativa especial.

Como se explica num outro artigo desta edição (Páginas 12 a 17), o Governo Central instituiu em 2003 o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, na sequência do qual foi criado, na



Fernando Correia, na redacção da Macaulink:
 “Hoje quem quiser saber o que se passa ao nível das relações económicas dos países de expressão portuguesa e da China basta ir ao Macauhub”

RAEM, o Gabinete de Apoio ao Secretariado do Fórum. “A abertura desse Gabinete significa um reconhecimento e uma reafirmação do estatuto de Macau como uma plataforma”, comenta o director do GCS.

Victor Chen sublinha ainda a circunstância histórica de Macau ter desenvolvido aos longos dos séculos relações com os actuais países de expressão portuguesa:

“É a única cidade chinesa capaz de desenvolver relações especiais com esses países, que se distribuem por quatro continentes, pelo que oferece a vantagem de poder servir de ponte económica e comercial”.

O website produz cerca de 180 notícias por mês com base em informação diária ela-

borada por uma rede de correspondentes sedeados nos países de expressão portuguesa e ainda informação adicional proveniente de acordos e parcerias feitas com agências internacionais de língua portuguesa, nomeadamente, a Lusa e organizações de *media* da República Popular da China. O Macauhub pode ser consultado em português, em chinês ou em inglês.

Produção de conteúdos

A produção dos conteúdos para o site, bem como a respectiva rede informativa, está a cargo da empresa Macaulink, que tem como consultores três jornalistas com larga experiência na Ásia e dos países de expressão portuguesa: Harald Bruning, director do “The Macau Post Daily”, Gonçalo César de Sá, director para a Ásia da agência de notícias Lusa, e Wang Zhigen, editor-chefe da revista *Empresário Chinês*, que se publica em Pequim. Além disso a Macaulink integra nos seus quadros Fernando Correia, ex-jornalista da Lusa que viveu durante duas décadas na Ásia e agora regressou a Macau.

“Criámos uma base de informação e dados económicos única a nível mundial em três línguas. Hoje quem quiser saber o que se passa a nível das relações económicas dos países de expressão portuguesa e da China basta ir ao Macauhub”, refere Fernando Correia. Por seu turno, Mércia Gonçalves, administradora da Macaulink considera que “ainda há um longo caminho a percorrer” em termos de desenvolvimento do site. “Lançámos o Macauhub há dois meses e estamos numa fase de expansão, nomeadamente no Sul da China, e de consolidação de contactos e estruturas fora de Macau” – diz.

Mércia Gonçalves acrescenta ainda que o site é consultado diariamente por centenas de utilizadores e encontra-se acessível nos principais motores de busca como o Google, Yahoo, UOL, AEIOU e outros. Mas “ainda há muito para fazer com vista à nossa internacionalização, que queremos seja concretizada por etapas, com a máxima segurança e credibilidade”. ■

A Universidade Nova de Lisboa projectou um motor de busca informático para potenciar parcerias entre empresários chineses e europeus. O Euro China Global Info foi apresentado em Macau por Carlos Correia, gestor do projecto, durante o XI Congresso da Associação de Imprensa Portuguesa

O Centro de Investigação para Tecnologias Interactivas (CITI) da Universidade Nova de Lisboa está a desenvolver um motor de busca informático para aproximar empresários e investidores chineses e europeus. O Euro China Global Info (ECGI) “pretende dar resposta à necessidade da Europa e da China encontrarem

uma semelhante, para que também os empresários do “Velho Continente” possam procurar potenciais parceiros a Oriente. À semelhança de outros motores de busca, este estará acessível ao grande público, embora a maioria da informação seja reservada aos assinantes. “Queremos dar uma resposta gratuita e universal para

Motor de busca a dois tempos

um ponto comum no ciberespaço, no qual o interesse comercial fomenta a iniciativa”, explica o director do CITI, Carlos Correia.

Na prática, o ECGI vai facilitar o contacto entre empresários de ambos os lados, na medida em que as necessidades de cada um podem ser colmatadas através do estabelecimento de parcerias e trocas comerciais. Para melhor compreender esta ideia, Carlos Correia dá como exemplo o sector da indústria automóvel: “Imagine-mos que um empresário chinês procura na Europa um fabricante de assentos para um modelo que venha a construir. Ora, se fizer uma pesquisa na nossa base de dados, encontrará rapidamente um parceiro em Portugal ou em qualquer outro país da União Europeia”.

O ECGI irá contar com a colaboração permanente de vários grupos espalhados pelos 25 países da Europa comunitária, cuja função passará pela recolha, tratamento e organização da informação. No que respeita à China, será criada uma plataforma

que as comunidades saibam quem somos e o que estamos a fazer. Mas também rentabilizar a nossa informação, sendo esta a parte que vai alimentar e sustentar o projecto”, sublinha o director do CITI.

Até ao momento foram dados alguns passos importantes para a concretização destas ideias, cujas linhas orientadoras já foram apresentadas nas instâncias europeias. O interesse demonstrado por Bruxelas levou a que tenha sido dada luz verde ao desenvolvimento de um protótipo, que será posteriormente avaliado por uma universidade independente. Cumpridas todas as etapas da sua construção, o ECGI irá ser explorado pelo sector privado.

O centro nevrálgico desta base de dados estará situado no ciberespaço, sendo controlado por vários núcleos distribuídos entre a Europa e a China. Numa primeira fase, a Universidade de Macau será a única entidade responsável pelas operações a Oriente, até que Pequim e Xianmen estejam em condições de integrar a rede.

Segundo Carlos Correia, “a diferença en-



Carlos Correia: “A diferença entre o Euro China Global Info e outros motores de busca conhecidos no mercado prende-se com o facto deste permitir uma resposta mais personificada e directa às necessidades.”

tre o Euro China Global Info e outros motores de busca conhecidos no mercado prende-se com o facto deste permitir uma resposta mais personificada e directa às necessidades. Sempre que pesquisamos no Google ou no Yahoo deparamo-nos com muita informação que não nos interessa. O que pretendemos é construir uma base muito mais pequena, de modo a dar às pessoas apenas aquilo que procuram. Suponhamos que a União Europeia leva um projecto a concurso. Uma vez implementado, o ECGI dará aos empresários toda a informação vital para que, no momento certo, possam formar uma joint-venture e apresentar a sua proposta. Hoje em dia os projectos ganham-se assim”.

A médio prazo, Carlos Correia admite a hipótese de expandir o ECGI a outros continentes, uma vez que Portugal e Macau mantêm relações privilegiadas com o mundo lusófono. Estão aliás previstos contactos com instituições no Brasil, em Angola e em Moçambique, com o intuito de avaliar aqueles mercados. “Num futuro próximo, a Europa e a China também poderão procurar um parceiro na Amé-

rica Latina ou em África. No dia em que conseguirmos criar um triângulo comercial entre os vários continentes daremos este projecto por concluído”.

Coincidência ou estratégia?

O Euro China Global Info foi apresentado na RAEM, no passado mês de Dezembro, durante os trabalhos do XI Congresso da Associação de Imprensa Portuguesa.

Dedicado ao tema “Os Media e os Desafios da Sociedade de Informação”, este encontro contribuiu também para que fossem dados a conhecer novos projectos, entre os quais o ECGI.

A divulgação do motor de busca coincidiu com a última visita oficial do primeiro-ministro chinês a Portugal, durante a qual Wen Jiabao enalteceu o papel de Macau e de Portugal nas relações entre a China e os países lusófonos. “Do ponto de vista geopolítico, esta coincidência foi bastante interessante. Macau apercebeu-se da importância de se realizar o congresso nesta altura e esteve excepcional em todos os aspectos”, concluiu Carlos Correia. ■

João Costeira Varela (texto) e John Si (fotos)

Jurista sem fronteiras

Foi longo o seu percurso até Rui Cunha atingir o estatuto de que hoje goza em Macau: advogado de sucesso e influente no império de Stanley Ho. O menino de Damão fez-se jovem em Goa e descobriu a maturidade na magistratura exercida nos quatro cantos do mundo lusófono

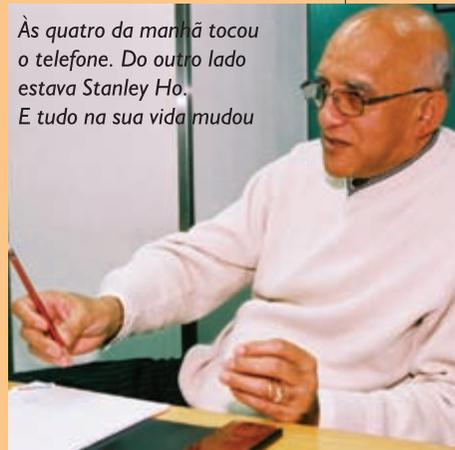
No início de 1981, um telefonema mudou para sempre a vida de Rui Cunha, hoje um dos mais conceituados e influentes advogados de Macau, então um juiz que fizera 16 anos da sua carreira como magistrado um pouco por todo o mundo que fala português. Um amigo, empresário de Timor-Leste que passava por Lisboa, a caminho de Angola, fala-lhe dois dias antes, pela primeira vez, num assunto que o deixara praticamente indiferente. À mesa de um restaurante em Lisboa, Rui Cunha ficou a saber que Stanley Ho, que já era e continuou, até 2002, a ser o único dono de casinos em Macau, precisava com urgência de um assessor jurídico. O amigo que com ele comia era também muito próximo do magnata de Macau.

Dois dias depois, dormia profundamente quando, às quatro da manhã, o telefone tocava. Era o seu amigo e, pela hora, só podia estar a ligar de Macau. Quando deu por si, estava, pela primeira vez, a falar com Stanley Ho. Meses depois, viu-se em Macau. Para iniciar aos 40 anos de idade a segunda fase da sua vida, que começara em Bombaim, em 1941.

Portugal umbilical

O mundo estava em plena II Grande Guerra e, em Damão, onde vivia a sua família há pelo menos três

gerações, não havia hospitais. Foi, para nascer, a única vez que saiu das “Índias Portuguesas” até se mudar para Lisboa, em 1958. A sua infância caracteriza-a como normal, profundamente marcada pela cultura lusitana, na medida em que os pais e avós faziam questão de viver segundo a tradição e costumes de Portugal. Ajudava, claro, o facto de o seu pai ser correspondente de um jornal de Portugal, o Diário Popular, e de, por



Às quatro da manhã tocou o telefone. Do outro lado estava Stanley Ho. E tudo na sua vida mudou

isso, haver um canal privilegiado para receber com relativa actualidade tudo o que de novo se passava na “República”. Bisneto de advogado e filho de solicitador, cedo percebeu que havia, de facto, uma certa propensão para o Direito. O sonho do pai, que fez questão de cumprir mesmo quando, muitos anos mais tarde, já em Lisboa, a tentação era o cinema e a televisão, era que se licenciasse em Direito e das leis fizesse a vida.

Cresceu a ouvir fado, a ir à

escola e a cumprir, “escrupulosamente”, a ida diária à missa na Igreja que ficava mesmo em frente à casa da família. Terminado o ensino básico, Rui Cunha tem, porém, que se mudar para Goa. A vida em Goa, apesar das carências do pós-guerra e da adaptação a uma outra língua de rua, era fácil. Aproveitou para ler a literatura portuguesa e preparar com ainda mais consistência o que há muito estava decidido. O pai, que entretanto falecera

em 1956, deixou bem vivo o desejo de que o filho fosse para Lisboa estudar, mal acabasse o liceu. Em Goa, a presença portuguesa era ainda mais forte e, hoje, Rui Cunha tem a certeza de que “a ida para aquela cidade

foi o gatilho da ligação a Portugal, aos portugueses e ao mundo português.” Foi lá, por exemplo, que viu pela primeira vez o Leão da Estrela, conhecido filme de sucesso. Tal como foi em Goa que ganhou afinidade à rádio, tendo mesmo participado em programas da emissora local relacionados com o campeonato de futebol em Portugal.

Os valores que depois o conduziram na vida adulta foram assimilados em Goa, onde partilhava sen-



O cinema e a televisão passaram de “uma simples ocupação para uma séria paixão, mas continuei a estudar até que, à entrada para o quinto ano de Direito, nova encruzilhada surge na minha vida.”

timentos ligados à portugalidade. Estava em Goa em 1954 quando a União Indiana fez a primeira tentativa de anexação. “Foram momentos de muita tensão, algum desconhecimento sobre o futuro, até percebermos que, naquela altura, eles não estavam, de facto, preparados, pois não tinham tropas suficientes para fazer frente a um contingente português que, entretanto, fora também ele reforçado.” Mas era uma questão de tempo. A vinda desses novos europeus potenciou ainda mais

o contacto com a portugalidade. No fundo, admite hoje, “incentivou ainda mais a minha família a empurrar-me para Lisboa.”

Até terminar o liceu foi construindo uma imagem de Lisboa e de Portugal segundo o que via nos filmes, ouvia na Emissora de Goa ou na Emissora Nacional e escutava a quem trazia relatos frescos. “A nossa ida para Lisboa demorou 36 horas. Uma compridíssima viagem de avião, com partida de Goa, passagem por Carachi, Beirute, Malta e chegada a Lisboa.” Era Setembro de 1958 e Rui Cunha chegava a Lisboa antes das aulas começarem. Saíra da estação quente e chuvosa de Goa e entrara no Outono de Lisboa. “O primeiro choque foi o frio, impressionava-me o facto de termos de vestir muita roupa para sair à rua.” Alugou um quarto com a irmã, que também havia vindo com ele mas para estudar geografia.

Entregue a si próprio

A vida académica e social corria, então, sem sobressaltos dignos de registo. Estar entregue a si próprio

era o único problema que afligia tanto Rui Cunha como todos os portugueses ultramarinos que, em casa, viviam com a família num ambiente restrito e normalmente recatado. Ali era a metrópole, onde “ninguém se preocupava conosco.”

Foi em plena universidade que se deu a anexação de Goa, Damão e Diu pela União Indiana. Foi também nessa situação que deixou de poder receber dinheiro enviado pela família, o que o obrigou a procurar um meio de subsistência, o seu primeiro trabalho. “Um trabalho que me marcou profundamente, embora o tivesse feito por apenas um mês, tal o grau de insatisfação que senti.” Rui Cunha era o homem que registava as entradas de correspondência dum serviço de segurança social, ali ficando confinado horas a fio numa sala escura, à frente de um livro enorme, a escrever meros registos de proveniência e destinatário. “Se continuasse naquilo dava em doido e, naturalmente, desisti.” No entanto, a experiência e a dureza psicológica do trabalho fizeram com que aprendesse e passasse a “respeitar todos os que trabalham, independentemente da aparente irrelevância da função que desempenham.”

O terceiro ano da faculdade traz-lhe, porém, uma experiência traumática. Como era seu hábito, dedicava-se intensamente ao estudo e a uma paixão nova, o ba-

dminton, que jogava a um ritmo profissional no campeonato nacional, representando a Faculdade de Direito. Fazia um esforço imenso para compatibilizar as duas actividades com o objectivo de, nas férias de Verão, poder ir de consciência tranquila - leia-se, sem cadeiras em atraso - a Goa, visitar a família pela primeira vez desde que saíra de casa. O esforço foi tal que um dia, depois de, nos últimos tempos, se sentir estranhamente cansado e até febril, decide ir ao médico da universidade. O diagnóstico foi cruel: tinha metade de um pulmão cheio de água. A receita ainda pior: descanso absoluto e proibição total de tocar num livro. Sob pena de consequências nefastas. Rui Cunha entrou em depressão: “Foi uma machadada de todo o tamanho, parecia que o mundo tinha desabado em cima de mim. Não ia fazer as cadeiras nem poderia ir a Goa.” Resultado, perdeu o ano embora tenha conseguido fazer duas cadeiras.

O “bicho” da magistratura

Estamos em 1961 e o movimento armado pela libertação de Angola ganha de repente uma dinâmica que em pouco tempo degenera na Guerra Colonial, alastrando-se a outras colónias africanas. Como há males que vêm por bem, Rui Cunha, por força da doença, foi o único dos

que naquele dia de Agosto foram à inspecção militar e se safou de ir imediatamente para o teatro de guerra. Tinha então 21 anos, 1, 90 metros e pouco mais do que 50 quilos. Recuperou psicológica e fisicamente, resolvendo-se a atacar, pela segunda vez, o terceiro ano da faculdade. Aproveitou a disponibilidade e entrou para um curso de fotografia e cinema. A paixão pela imagem foi tal que agora levava tão a sério este curso como o de Direito e conseguiu um lugar na então jovem RTP, como assistente de realização. A televisão ocupava-lhe a noite, os estudos o dia. “Aquilo passou de uma simples ocupação para uma séria paixão, mas continuei a estudar até que, à entrada para o quinto ano de Direito, nova encruzilhada surge na minha vida.” A sua envolvência com a RTP ganhara dimensões inesperadas, fazendo parte da equipa do realizador Fernando Frazão, a estrela em ascensão que fazia tudo o que era directo importante e comandava as emissões das estrelas da altura. O seu profissionalismo era tão reconhecido que lhe foi oferecida uma bolsa da Gulbenkian para terminar o curso de realização de cinema, em Paris. Pesou na altura a sua faceta “conservadora e cautelosa” e optou antes pela universidade, embora tenha ficado mais um ano na RTP. Acaba o curso em 1964 e nem sequer lhe passa pela

cabeça enveredar pela advocacia. Concorre para a magistratura e é colocado como sub-delegado do Procurador da República na Boa Hora, em Lisboa. Está em estágio e é ali que, lembra, “descubro um mundo completamente diferente do apreendido na universidade, sinto logo um bicho que me prende aos tribunais, que me faz dependente da vivência diária nos tribunais.” Não perde muito tempo e candidata-se a delegado do Procurador. É colocado na Lourinhã. O mundo estudantil fervilhava então de actividade política, mas Rui Cunha, “embora acompanhasse os movimentos estudantis de 1962, em Lisboa”, nunca esteve ligado a nenhum activismo. Desde que assumiu as funções de magistrado e porque entendia ser essa “uma qualidade essencial”, fazia questão de, em nome da Justiça, pautar a sua postura profissional e pessoal por uma independência total, “designadamente do poder político”. Segue a vontade do pai e resolve tornar-se juiz, objectivo que o leva a continuar como delegado por meia dúzia de anos, a fim de ganhar experiência nos tribunais. Podia optar pela carreira no então “Ulamar” português. E foi o que fez. Concorreu para Moçambique e foi colocado como delegado da Procuradoria da República na comarca de Inham-

bane, 500 quilómetros a norte da então Lourenço Marques, hoje Maputo. Corria o ano de 1966 e também Moçambique já mergulhara na Guerra. A família estava nessa altura em África - uma das suas irmãs estava em Maputo e a outra mudara-se para São Tomé -, e as ligações à Índia esmoreciam. Venderam os bens em Damão e também a mãe foi viver para Moçambique. À Índia só voltaria em 1982, 25 anos depois de rumar de Goa para Lisboa.

Geração especial

Hoje considera-se parte de “uma geração que fechou um longo capítulo da história portuguesa. A que saiu da Índia Portuguesa pouco antes da anexação, assistiu à independência de Angola e Moçambique, trabalhou em Timor-Leste e, finalmente, acompanhou, emocionado, a transferência de Macau para a China, assim ajudando a virar mais esta página da História.” Em Inhambane, sublinha, ganhou a noção de que “a Justiça tem de ser rápida, consciente, segura e contextualizada.”

As vicissitudes de ter querido fazer uma carreira de magistrado no antigo Ultramar português colocam-no em Timor-Leste entre 1969 e 1971, como delegado do Procurador

para toda a colónia. Foi a caminho de Díli que passou pela primeira vez em Macau. É em Timor-Leste, para onde fora com a mãe, que casa por procuração com a mulher que conhecera em Portugal e estava já em Moçambique. Em Timor-Leste enfrenta inicialmente um “choque”, pois tudo lhe parecia estar “do outro lado do mundo” Aí apercebe-se do que é a insularidade: “Cimentei muito a personalidade e, como todos os que lá estavam, apostei como nunca na forte convivência pessoal.” E, reza a história, operou uma revolução no sistema prisional. Deu também um exemplo, ainda hoje recordado numa recente visita a Timor-Leste, de como a Justiça, se praticada por homens bons, pode ser independente do poder político, qualquer que seja tipo de regime”. Preparou e promoveu a condenação, pela primeira vez na história daquela antiga colónia portuguesa, de um administrador de Concelho, oriundo da República, e acusado de abuso de poder.

Apesar de saber há muito tempo saber que esse seria o seu destino, só em Timor-Leste é que, de facto, faz o concurso para juiz. Fica em primeiro lugar no concurso para todo o então Ultramar. E pode escolher para onde quer ir. Escolhe

Angola, Moçâmedes, no sul, cidade fronteira com a Namíbia. É aí que de se dá o regresso a África, instalando-se como juiz dessa comarca em Março de 1971. Está em Moçâmedes dois anos até ser colocado em Luanda, para substituir um “brilhante magistrado, Dr. Rodrigo Leal de Carvalho, bem conhecido em Macau.” Foi juiz na capital angolana até à independência do País, e por lá teria continuado se, num dia de Julho de 1975, enquanto jantava com a família, uma granada não tivesse caído a cerca de 50 metros da sua casa. Antes de se prepararem – já tinha dois filhos – para dormir protegidos por uma mesa decidiram que, no dia seguinte, começariam a fazer as malas para abandonar Angola.

Opções decisivas

Como milhares de outros portugueses, fez uma viagem preparada à pressa para deixar um país que escolhera para passar o resto da vida. O bilhete que levava no bolso dizia muito da sua vontade de regressar a Lisboa. Comprado em Luanda, era um bilhete com o seguinte trajecto: Luanda, Lisboa, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Recife, Lisboa. Rui Cunha ia, isso sim, fazer uma via-



Em Inhambane “ganhei a noção de que a Justiça tem de ser rápida, consciente, segura e contextualizada.”

Finda a aventura ultramarina “acabara ali (em Lisboa) uma vida de saltimbanco, que culminara com noites a fio no cais de Luanda para poder assegurar que tudo o que tínhamos ia, de facto, para Portugal.”

gem de prospecção.

Na passagem por Lisboa sente-se, novamente, um privilegiado. É imediatamente colocado como juiz em Mafra. Integrado no quadro de magistrados de Portugal, do qual ainda hoje faz parte, embora com licença ilimitada. “Acabara ali uma vida de saltimbanco, que culminara com noites a fio no cais de Luanda para poder assegurar que tudo o que tínhamos ia, de facto, para Portugal”.

Esteve apenas um ano em Mafra, sendo depois colocado como juiz auditor do 4º Tribunal Militar de Lis-

boa. Vivia-se em Portugal o Processo Revolucionário em Curso (PREC) e, com a sua “habitual serenidade e serenidade”, Rui Cunha julgou dezenas de processos em que participaram figuras como Spínola, Otelo, Costa Gomes e muitos outros protagonistas do 25 de Abril.

Foi também o juiz do megaprocésso da rede bombista, onde dezenas de pessoas ligadas a atentados foram condenadas por associação criminosa, responsável por vários crimes, entre os quais o assassinio do padre Max. A leitura da sentença foi feita no dia 31 de Agosto

de 1981 e demorou quatro horas, mas Rui Cunha já estava de malas feitas para um novo rumo profissional, uma nova experiência que não sabia no que iria resultar. “Mas era altura de mudar, tal era o desencanto duma Magistratura onde já não me revia com o idealismo que sempre me acompanhou”.

Poucos meses antes Rui Cunha tinha encontrado o tal amigo de Timor-Leste, de passagem por Lisboa, a caminho de Luanda, que lhe dissera que Stanley Ho precisava de um consultor jurídico. ■

Pioneiro da advocacia lusófona

O escritório de advogados C&C é hoje um dos mais importantes de Macau, na medida em que funciona com uma dinâmica de firma de advocacia, embora esse estatuto ainda não seja permitido por lei na RAEM. Rui Cunha, que em 1996 se associou ao também advogado António Correia, chegou a Macau em 1981 para trabalhar como consultor jurídico da STDM, liderada ainda hoje por Stanley Ho. Um ano depois, já integrado na estrutura da então concessionária de jogo, iniciava uma carreira paralela de advogado, à qual demorou algum tempo a adaptar-se, dado ter passado toda a sua vida profissional do outro lado da sala de audiências, como juiz.

Chegou a Macau praticamente sem bagagem, afinal vinha só por um ano. Hoje está à frente de um escritório que não só é o principal apoio jurídico da STDM e da sua Sociedade de Jogos de Macau, como é também, fruto do pioneirismo de Rui Cunha nesta matéria, o primeiro escritório de advogados da RAEM integrado naquilo a que se pode chamar uma rede de advocacia para servir tanto a lusofonia como a relação dos países que falam por-

tuguês com a República Popular da China.

Com uma equipa de 16 licenciados e um total de mais de 40 pessoas a exercer actividade no escritório, a C&C mantém desde há alguns anos contactos fortes com escritórios de advogados em Portugal, China, Hong Kong e, por via de uma associação feita a partir de Lisboa, com Angola e Brasil. O objectivo é potenciar os contactos e dinamizar a rede de negócios que tanto a China como os países lusófonos pretendem criar, e que em 2003 foi materializada com a criação do Fórum de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa.

Ao mesmo tempo que ia participando em praticamente todos os movimentos que permitiram a modernização de Macau – através da sua relação íntima com a STDM, da

qual ainda hoje é secretário-geral, cargo em que substituiu o falecido comendador Morais Alves em 2003 – Rui Cunha construiu este seu sonho. Hoje não tem dúvidas de que “os escritórios de advogados acabam por seguir os relacionamentos económicos” e, por isso, considera que Macau está, de facto, “preparado para servir de plataforma para o relacionamento entre a China e os países lusófonos.” Isto porque, sublinha, “aqui tanto se sente em casa quem fala e come à portuguesa como quem fala e come à chinesa.”

A C&C, diz Cunha, “encarna perfeitamente o papel de empresa que dotou Macau de uma estrutura diferente de prestação de serviços”. A mesma estrutura que a China parece desejar que aqui nasça para servir o desígnio de intensificar as relações com o mundo lusófono. ■



車輛事務

Veículos
Vehicle Affairs

駕駛執照

Condução
Driving Licences

綜合
服務中心

CENTRO DE SERVIÇOS
DO IACM

The Integrated Services
Centre of the Civic and Municipal Affairs Bureau



民政總署
INSTITUTO PARA OS
ASSUNTOS CÍVICOS
E MUNICIPAIS

衛生監督事務

Inspeção e Sanidade
Food and Animal Inspection and Control

行政執照及環保

Licença Administrativa e Protecção Ambiental
Administrative Licensing and Environmental Protection

文康、工程及綠化

Actividades Culturais e Recreativas,
Obras, Zonas Verdes
Cultural and Recreational Activities, Works and Green Projects

辦公時間：星期一至星期五由上午九時至下午六時
(中午照常辦公)

星期六、日及公眾假期休息

Horário de
funcionamento

2ª a 6ª feira, 09:00 - 18:00
(Funciona durante as horas de almoço)
Fecha aos Sábados, Domingos e Feriados.

Opening hours

Monday to Friday: 9:00am-6:00pm (no lunch break)
Closes on Saturdays, Sundays and Public holidays

南灣大馬路762-804號中華廣場
Avenida da Praia Grande N°762-804, Edif. China Plaza

2
字樓
andar

www.iacm.gov.mo

民政總署市民服務熱線 337676
Linha do Cidadão do IACM



“Corro por gosto”

*Raimundo Rosário,
chefe da Delegação
Económica e
Comercial da RAEM,
em Lisboa*

Caso procurássemos uma divisa que pudesse explicitar o conjunto de responsabilidades que recaem sobre a Delegação Económica e Comercial da RAEM, em Lisboa, o chefe da representação, Raimundo do Rosário, avança, reservada a informalidade, com a mais ampla das definições: “Tratamos de tudo o que é de Macau”.

De facto, para além dos aspectos óbvios, económicos e comerciais, a missão da Avenida 5 de Outubro, à capital portuguesa, cuida, também, dos 20 acordos/protocolos celebrados, no quadro do Acordo Geral de Cooperação, entre Macau/China e Portugal, dos aspectos consulares e do apoio aos bolseiros da Região que frequentam cursos e/ou outros módulos de formação técnica e científica. Nas mesmas instalações funcionam, no âmbito do que Rosário classifica como o “capítulo ensino”, cursos das línguas chinesa e portuguesa, bem como algumas actividades, entre outras, agrupadas no “capítulo cultura”, como exposições ou lançamentos de livros. E ainda, de forma autónoma à esfera do chefe da delegação, mas no mesmo espaço físico, uma representação da Direcção dos Serviços de Turismo, na rede intercontinental de escritórios de turismo da RAEM, e uma livraria.

Como se costuma dizer, Raimundo do Rosário, um engenheiro de formação, mas com experiência política e também de gestão, vai a todas. Nomeado, no iní-

cio da RAEM, no ano 2000, pelo Chefe do Executivo, Edmundo Ho, para as funções de delegado da Região Administrativa Especial em Portugal, Raimundo do Rosário tem, por isso, acompanhado a par e passo a cooperação bilateral entre a Região Administrativa Especial de Macau e Portugal.

Convidado pela “Revista Macau” a fazer

um balanço ou ponto de situação, o chefe da representação da RAEM restringe-o ao “plano prático”, pois, frisa, o patamar político “excede” a sua intervenção.

Assim, Rosário propõe a repartição do capítulo cooperação em duas áreas: institucional e prática. No tocante à primeira, considera que esta “tem sido excelente; funciona muito bem”. Tese que ilustra com as visitas oficiais do Chefe do Executivo, todos os elementos da equipa de Ho

tempos de serviço, certificados de habilitações, certidões de casamento, divórcios, e outros, como apoio no encaminhamento de provas de vida dos pensionistas de Macau afectos à Caixa Geral de Aposentações. Um exemplo mais da divisa “tratamos de tudo o que é de Macau”.

“Funcionamos quase como um consulado”, constatou Raimundo do Rosário.

Por outro lado, mais do que isso, e menos figurativo, dir-se-á que as instalações da

Raimundo do Rosário divide-se entre Macau Lisboa, Bruxelas e Genebra. Além das relações institucionais, aposta no apoio aos bolseiros, para quem a representação de Macau funciona como uma “segunda casa”. Os cursos de português e de chinês, como segunda língua, são centrais no projecto

Hau-hwa, e de representações da Assembleia Legislativa da RAEM e das instâncias judiciais.

Quanto ao enfoque mais prático da cooperação bilateral, Raimundo do Rosário entende-o da mesma forma positiva, embora “lembrando” que este é um plano em que “é sempre possível fazer mais”. “Temos duas dezenas de acordos/protocolos, celebrados sob o chapéu do Acordo Geral de Cooperação, que cobrem quase todas as áreas...”. Quase, de facto. Configurando uma aparente singularidade, Macau e Portugal não celebraram um acordo formal no âmbito da “economia”. “Não obstante”, nota o chefe da Delegação Económica da Região, “existe um bom relacionamento entre os institutos de investimento e comércio externo das duas partes”, IPIM e ICEP, respectivamente; bem patente na desmultiplicação de contactos entre missões económicas e empresariais de ambos os lados.

Como acima refere o chefe da Delegação Económica e Comercial da RAEM, a representação intervém em inúmeros aspectos consulares. Desde contagem de

5 de Outubro são uma casa de Macau em Lisboa. Para as dezenas de bolseiros da Região - a língua portuguesa é utilizada com carácter oficial na RAE de Macau - que frequentam as instituições de ensino superior de Portugal.

“São mais de 50; essencialmente, bolseiros do Serviços de Educação, do Instituto Politécnico e da fundação para a Educação patrocinada por Tong Chi Kin; que; aliás, é neste momento o nosso melhor cliente”. Todos eles encontram na 5 de Outubro uma ‘segunda casa’.

Raimundo do Rosário vai ainda mais longe: “Damos total apoio aos bolseiros. Tudo, tudo, em que podemos ajudar. Até em telefonemas para matar saudades da família em Macau”.

A delegação, inclusive, promove anualmente grandes festas - Ano Novo Chinês e Natal obviamente - e organiza outros convívios e actividades. Recorda Rosário: “Já subimos o Rio Tejo com os bolseiros”. Em suma, acrescenta, no plano menos lúdico, “atendemos a todas as suas necessidades”. ‘Segunda casa’ será, pois, eufemismo. A 5 de Outubro é uma ‘primeira

casa'. Nesta casa, como se disse, acolhe-se, também, um capítulo de ensino. Das línguas portuguesa e chinesa. As aulas de língua de Camões, arrumadas em três níveis - iniciação, intermédio e consolidado -, são frequentadas, explicou o chefe da delegação da RAEM, basicamente, pela comunidade imigrante e, no nível consolidado, precisamente pelos bolseiros da Região. O contingente global não chega às seis dezenas, razão pela qual Raimundo Rosário admite que haja, neste caso, um "défice de divulgação". A língua chinesa, por seu turno, é estudada por "mais de duas centenas" de alunos de Portugal, em cinco níveis de aprendizagem. "Há mais procura do que oferta", admite Rosário, mas afiança que "a experiência a tal recomenda", dados os recursos disponíveis.

Interesse pelos cursos de Português e de Chinês

À medida que a sociedade portuguesa afina a percepção da real projecção da China no Mundo, o interesse pela língua e cultura chinesas cresce. Embora a disponibilização do ensino das línguas não corresponda de todo à "vocação natural" da Delegação Económica e Comercial da RAEM, esta, justifica o seu coordenador, surgiu de "forma suplectiva" e optou-se por a manter no activo. Se bem que não esteja habilitada a conferir graus formais, há lugar à emissão de um "certificado" com um objectivo mais "pragmático". Atesta a seriedade pedagógica - há testes, verificações, avaliações.

Tudo isto somado e ponderado, concluir-se-ia que Raimundo do Rosário já tem com que se entreter. Só que... Rosário assegura igualmente a representação da Região Administrativa Especial de Macau junto da União Europeia, em Bruxelas, e da Organização Mundial do Comércio, em Genebra. Assim, um mês normal do engenheiro é passado entre os escritórios da Região em Lisboa, em Bruxelas e Genebra: as três casas de Raimundo do Rosário.

"Corro por gosto", garante. ■



deseja

KUNG
HEI
FAT
CHOI



**Pousada de Mong-Há,
An Educational Hotel
of
Institute For Tourism Studies
Macao**



Back to ordinary things in life...



旅遊學院
INSTITUTO DE FORMAÇÃO TURÍSTICA
Institute For Tourism Studies

Colina de Mong-Há, Macau, China
Tel: (853) 515 222 Fax: (853) 556 925
iftpmh@ift.edu.mo
<http://www.ift.edu.mo/pousada>



■ Sam Hou Fai “cumprir dever”

A Casa de Macau de São Paulo recebeu a visita do presidente do Tribunal da Última Instância da RAEM. “É um dever visitar a Casa de Macau”, disse Sam Hou Fai quando foi recebido pelo Secretário Geral da Casa de Macau de São Paulo, Rogério da Luz. O presidente do Tribunal de Última Instância encontrava-se no Brasil para participar da VI Reunião dos Presidentes de Tribunais Supremos de Justiça dos Países e Territórios de Língua Portuguesa, em Brasília. Antes de regressar à RAEM Sam Hoi Fai visitou também as instalações da Casa de Macau do Rio de Janeiro. São Paulo recebeu ainda a visita da consulesa da República Popular da China em São Paulo, Li Jiaoyun, obsequiada com um livro de receitas da tão famosa gastronomia macaense. Como já vem sendo hábito dos diplomatas chineses acreditados em São Paulo, Li Jiaoyun retribuiu o convite com um jantar convívio nas instalações do Consulado.

■ S. Paulo dinamiza juventude

A Comissão da Nova Geração da Casa de Macau de São Paulo, estrutura que tem como objectivo dinamizar as camadas mais jovens da diáspora, promoveu um baile do Dia das Bruxas que contou com a participação de cerca de 150 pessoas, na maioria jovens, entre associados e convidados. Muitos compareceram vestidos a rigor para dançar pela noite dentro. O resultado da festa foi animador, conforme comentário dos promotores, pois os custos foram absorvidos pelas receitas das

vendas de bilhetes e pelo consumo de bebidas e outros petiscos. Segundo a organização, o evento contribuiu ainda para divulgar a Casa de Macau junto de outros jovens convidados.



■ Fundação Macau viabiliza Centro Cultural da Califórnia

A Fundação Macau viabilizou os trabalhos de renovação do edifício que acolherá o Centro Cultural de Macau na Califórnia, quebrando assim um impasse que já se arrastava há vários anos. O edifício de três pisos, situado num complexo comercial na cidade de Fremont, foi adquirido por 11 milhões de patacas, estando os trabalhos de recuperação orçados em quatro milhões de patacas. A pedido das autoridades municipais, no primeiro piso da infra-estrutura funcionará um restaurante tipicamente europeu, enquanto os andares superiores albergarão os escritórios da Associação dos Comerciantes Macaenses na Califórnia e do Centro de Informação de Turismo da RAEM.



■ Comunidade de Hong Kong perde figura histórica

Com a morte de Cassiano Dias Azedo (1914-2005), a diáspora macaense radcada em Hong Kong perdeu um importante marco da sua memória colectiva. Evacuado para Macau no fim de 1941, Dias Azedo foi sempre considerado um elemento dinamizador da comunidade, especialmente depois da década de 60, quando se envolveu nas remodelações do Clube Lusitano, na *Ice House Street*. Contemporâneo dos 700 elementos lusos ao serviço da *Hong Kong and Shanghai Banking Corporation*, dos médicos, advogados e proprietários de Tsim Sha Tsui, e de instituições como o Clube de Recreio e a Escola Camões, Dias Azedo nunca criticou o êxodo da comunidade para outras paragens, em 1949, no fim da Guerra, ou nas vésperas da transferência de Administração, em 1997, para América, Austrália ou Brasil. Lamentou contudo ter assistido ao desaparecimento de tão vibrante e vital presença no tecido social de Hong Kong. Cassiano Dias Azedo deixou viúva Lucia Heloisa, com três filhos, oito netos e oito bisnetos.



■ Natal “Down Under”

Como manda a tradição, as 12 Casas de Macau, sem excepção, celebraram a quadra em animado convívio entre os seus associados. Os programas de festas foram variados, incluindo os habituais serões culturais, troca de presentes e, como não podia deixar de ser, especial destaque para a gastronomia macaense. Em Sydney, na Austrália, a quadra teve um sabor diferente, já que a Casa de Macau recebeu a visita de membros de uma casa irmã: o Clube Lusitano da Califórnia.

■ Eleições em Portugal



A Assembleia Geral Eleitoral da Casa de Macau em Portugal elegeu os novos membros dos seus órgãos sociais para o triénio 2006/2008 onde figura, como presidente da Direcção, Álvaro Henrique da Graça d’Andrade. Para presidir à Assembleia Geral foi eleito Rui Gomes do Amaral, coadjuvado por Isabel Machado, vice-presidente, Josefina Ana Placé Estevão, 1º secretário, e João Mendes Calado, 2º Secretário. A vice-presidência da Direcção é assegurada por António Luís Faria Fernandes Santos, Lúcia Capela estará no secretariado e José Andrade na tesouraria.

■ Lisboa celebra Ano do Cão

Celebrando a entrada do Ano do Cão, a Casa de Macau em Portugal organizou o já tradicional almoço no restaurante “Ton Xin”, à beira do Rio Tejo. Cerca de centena e meia de associados, familiares e amigos, reuniram-se em animado convívio onde não faltou um *lai-si* para cada um dos presentes e um cão de peluche para recordação, oferecidos pela associada Rubye de Senna Fernandes.



O espírito de Macau

Antigo deputado, empresário e presidente do Clube Militar, Cheong Vai Kei era uma figura consensual e um elo de ligação entre as várias comunidades de uma cidade em grande transformação

O ar afável de fazer girar a conversa prendia quem o conhecia ou os que com ele privavam. No Clube Militar, na Assembleia Legislativa, nos espectáculos e acontecimentos desportivos ou em muitas outras ocasiões, Cheong Vai Kei, que nos deixou em Dezembro, evidenciava sempre a mesma postura.

O sorriso aberto, a atenção com que ouvia o interlocutor e a cordialidade que colocava em todos os contactos que mantinha, eram traços marcantes de uma personalidade que nas últimas décadas contribuiu para que Macau ultrapassasse sem sobressaltos as transformações sociais, políticas e económicas verificadas nos últimos anos. A morte do empresário e antigo deputado, constituiu, de facto, uma enorme perda, uma vez que o presidente do Clube Militar era uma figura de consenso, de união entre as várias comunidades residentes na Região Administrativa Especial de Macau. Personificava o verdadeiro espírito de Macau, como notam os amigos e os que ao longo da sua vida trabalharam com ele nas mais diversificadas áreas. No desporto, na política, no associativismo.

“Era um homem inteligente, de consensos, que procurava sempre encontrar as melhores soluções. Um profundo conhecedor da realidade de Macau”, lembra o deputado e membro do Conselho Executivo, Leonel Alves. O antigo deputado Jorge Fão destaca a actuação na Assembleia Legislativa. “Conhecia as matérias de muitas áreas, as suas opiniões eram muito importantes. Era discreto, não gostava de falar muito, mas dava um grande contributo, nas Comissões Especializadas, aos trabalhos da Assembleia Legislativa”. Natural de Macau, onde nasceu em Setembro de 1957, Cheong Vai Kei esteve durante anos ligado ao desporto, tendo exercido funções no Comité Olímpico (secretário-geral), na Comissão Organizadora do Grande Prémio e dos Jogos da Ásia Oriental. Manuel Silvério que, conjuntamente com Cheong Vai Kei e Morais Alves, trabalhou durante anos na promoção do desporto local e na afirmação de Macau no contexto internacional, recorda o

seu trabalho foi incansável nos bastidores a trabalhar em prol de Macau. Amigo do seu amigo, vai ser muito difícil substituí-lo no Comité Olímpico”.

Presidente do Clube Militar desde 2001, mantinha uma forte ligação à comunidade portuguesa. José Brás Gomes, vice-presidente da colectividade, diz que “era um grande homem, com características especiais, um conciliador, que fazia a ponte entre as comunidades portuguesa e chinesa”. Manuel Geraldês, que em 1995 convidou Cheong Vai Kei a integrar a direcção do Clube Militar, considera que se tratava de “um homem bom, apaziguador, atento aos problemas dos outros. Com grande sensibilidade política e um enorme sentido universalista, mostrou sempre grande atenção aos problemas sociais”. Facetas que demonstrou na maneira como conduziu o Clube Militar ao longo dos últimos anos, em que a agremiação “continuou a ser um ponto de encontro e de referência para a comunidade, um marco da gastronomia portuguesa e uma porta aberta a todas as comunidades de Macau”. O cônsul-geral de Portugal em Macau, Pedro Moitinho de Almeida, sublinha que “foi sempre impecável com a comunidade portuguesa”.

Licenciado em Gestão de Empresas pela Universidade de Adamson (Filipinas), estava ligado ao ramo da construção civil (era director-geral das empresas *Good Faith Property Investment* e da *Cheong Land Investment*). Integrava o conselho de administração da empresa de transportes públicos Transmac, foi membro da Câmara de Comércio de Macau e vice-presidente da Federação Nacional da Juventude da China. Deputado nomeado na anterior Legislatura, era próximo do actual Chefe do Executivo, tendo sido um dos dinamizadores da candidatura de Edmund Ho a Chefe do Executivo, em Maio de 1999.

A secretária para a Administração e Justiça, Florinda Chan, recorda a disponibilidade que sempre evidenciou: “É uma grande perda. Sempre bem disposto, era amigo de todos e gostava de ajudar as várias comunidades”. ■



Morreu Roque Choi

Roque Choi, figura incontornável do século XX em Macau, faleceu dia 19 de Janeiro, aos 86 anos, vítima de doença prolongada. Empresário de nacionalidade portuguesa e etnia chinesa, o seu nome é sinónimo de consenso entre as comunidades portuguesa e chinesa. Exercia a vice-presidência da influente Associação Industrial de Macau, foi membro do Conselho Consultivo do último governador português de Macau, da Comissão Consultiva da Lei Básica de Macau e da Comissão Política Consultiva do Povo Chinês da província de Guangdong. Exerceu a presidência da já extinta edilidade de Macau, o Leal Senado, tendo em 1982 assinado com Krus Abecassis o protocolo de geminação entre Macau e Lisboa. Desempenhou várias funções públicas ao longo da sua vida, tendo sido um dos elementos cruciais nas negociações que antecederam a transferência da administração. Tio do actual número dois do Executivo de Hong Kong, Rafael Hui Si-yan, Roque Choi foi secretário de Pedro José Lobo, figura central no território nas décadas de trinta e quarenta. Assumiria mais tarde funções na equipa de Ho Yin, pai do actual Chefe do Executivo, Edmund Ho, à época o mais destacado líder da comunidade chinesa de Macau. Como empresário foi fundador do Banco Seng Heng, que anos depois viria a ser adquirido por Stanley Ho.



Geely via Lisboa

Portugal vai ser o primeiro país europeu onde os automóveis chineses Geely serão vendidos, a partir de Julho, depois de as autoridades portuguesas terem homologado os dois primeiros modelos da marca chinesa. A Sociedade Hispânica de Automóveis, responsável pela importação da marca, que introduziu em Portugal também motociclos chineses, afirma que os veículos destinam-se aos estratos básicos do mercado, e que vão afirmar-se pela sua relação qualidade-preço. Os automóveis são produzidos pela *Geely Automobile Holdings*, com sede em Xangai, cotada na Bolsa de Hong Kong. O grupo prevê este ano duplicar a sua produção para 200 mil unidades.



Paixão cabo-verdiana

O ministro dos Negócios Estrangeiros da China, Li Zhaoxing, confessou-se “apaixonado” pelo “mar formoso” e pelo “inteligente e laborioso” povo cabo-verdiano, durante uma visita ao arquipélago no início de Janeiro. Ao assinar um acordo de cooperação bilateral, prometeu “incentivar” as empresas chinesas a investirem no arquipélago, pois “bons amigos e irmãos” podem ajudar-se mutuamente. Entretanto, Cabo Verde foi considerada a segunda economia mais livre para os investidores, logo a seguir ao Botsuana, de acordo com o Índice de Liberdade Económica 2006 do *Wall Street Journal* e da *Heritage Foundation*, surgindo à frente do Brasil e Moçambique.



Reconstrução a crédito

Angola já usou mil milhões de dólares da linha de crédito concedida pela China - metade do previsto - e pode esgotá-la até final de 2006. A maior fatia foi aplicada na reconstrução de estradas e construção do aeroporto de Luanda, com fatias também importantes na aquisição de camiões e alfaia agrícola, construção de escolas, hospitais e mercados. A linha de crédito poderá ser alargada para quatro mil milhões de dólares, e o prazo da sua utilização estendido por mais dois anos.



Macau promove cooperação

O Chefe do Executivo da RAEM, Edmund Ho, garantiu o empenho de Macau no apoio às províncias chinesas no contacto com os países de língua portuguesa. “Acredito que Macau, como plataforma para as relações com os países de expressão portuguesa, irá empenhar-se no apoio às províncias chinesas nas relações económicas e comerciais com os países lusófonos”, afirmou Edmund Ho durante a visita de três dias à província de Jiangxi.

Parceria de peso

O comércio entre a China e o Brasil cresceu 33 por cento, em 2005, para 12,18 mil milhões de dólares, relativamente aos números de 2004. De acordo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil, a balança comercial foi favorável ao Brasil em 1,48 mil milhões de dólares. As exportações chinesas para o Brasil aumentaram 44,3 por cento, para 5,35 mil milhões de dólares ou 7,28 por cento das importações brasileiras. Por seu turno, as exportações brasileiras para a China aumentaram 25,62 por cento, para 6,83 mil milhões de dólares. A China já é o terceiro maior parceiro comercial do Brasil, atrás apenas dos Estados Unidos e da Argentina.



Petrobras e CNOOC juntas na Nigéria

A *China National Offshore Oil Corp.* (CNOOC), a maior empresa chinesa de exploração de petróleo *offshore*, adquiriu da nigeriana *South Atlantic Petroleum Limited* (SAPETRO) uma participação de 45 por cento no campo de petróleo e gás Akpo, por 2,3 mil milhões de dólares. Trata-se da maior aquisição de uma empresa estatal chinesa no estrangeiro, que neste negócio será parceira do gigante brasileiro Petrobras, actualmente na posse de uma participação de 16 por cento do campo de exploração em causa.



Portugal e China apostam na distribuição

O Instituto das Empresas para os Mercados Externos (ICEP) está a negociar com os grupos portugueses Sonae, Amorim e Espírito Santo, entre outros, um centro de distribuição de produtos portugueses na China. Marques da Cruz, presidente do ICEP, assinou em Pequim com o Conselho Chinês de Promoção do Comércio Internacional os projectos do centro de distribuição de produtos portugueses na China e de uma infra-estrutura semelhante em Portugal, para exportações chinesas. Foi também abordado um centro de negócios em Macau.



China fornece Portugal

Em 2005, as trocas comerciais entre Portugal e a China atingiram valores recorde: 644 milhões de dólares em importações e 184 milhões em exportações. Portugal exporta sobretudo matérias-primas e produtos de baixa tecnologia (pasta de papel, cortiça, minerais, metais comuns...) além de material eléctrico, maquinaria industrial e aparelhos electrónicos. E importa sobretudo electrodomésticos, computadores e acessórios, produtos químicos, metais e têxteis.





ANO DO PATRIMÓNIO MUNDIAL DE MACAU 2006



Templo de Na Tcha



— O CENTRO HISTÓRICO DE MACAU —



DIREÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macautourism.gov.mo

Parceria com privilégios

Em 2005, cinco anos depois da transferência de administração em Macau, Portugal e a China reforçaram os contactos bilaterais ao mais alto nível, com a deslocação do presidente português a Pequim e do primeiro-ministro chinês a Lisboa. As visitas de Jorge Sampaio, em Janeiro, e Wen Jiabao, em Dezembro último, pretenderam dar um novo impulso às relações entre os dois países, tendo a China atribuído a Portugal o estatuto de parceiro estratégico. No quadro da União Europeia, apenas a França,

A China distingue Portugal com estatuto privilegiado e Lisboa responde com novo Consulado em Xangai e mais atenção ao maior mercado mundial

Alemanha, Espanha e Reino Unido têm essa “distinção”. A parceria estratégica global “envolve vários domínios, desde o diálogo político ao reforço das relações económicas e culturais e da cooperação nas áreas da educação, da ciência e tecnologia, da justiça e da saúde”, explicou o embaixador de Portugal na capital chinesa. Santana Carlos lembra a propósito que a China “é hoje um parceiro privilegiado em termos internacionais e todos os países desejam ser distinguidos com esse tratamento especial”.

Quando se fala em relações bilaterais China-Portugal, a economia surge em primeiro lugar. Os dois países querem duplicar as trocas comerciais nos próximos três anos. Um objectivo ambicioso, mas que Santana Carlos considera ser possível de alcançar. “Entre 2002 e 2005, as ex-

portações portuguesas quase que quadruplicaram (de 80 milhões para mais de 300 milhões de dólares norte-americanos), o que indica que será possível manter essa tendência”, nota, sublinhando que o aumento das trocas comerciais “não pode ser assegurado apenas pelo crescimento das exportações chinesas, mas de uma forma equilibrada”. O comércio bilateral atingiu em 2005 os mil milhões de dólares.

Conselho Empresarial dinamiza negócios

A abertura em Fevereiro da delegação do ICEP em Xangai e a entrada em funcionamento, no segundo semestre de 2006, de um centro de distribuição de produtos portugueses na China, devem contribuir para a subida das exportações portuguesas, mas Santana Carlos pensa que compe-

A visita oficial a Portugal do primeiro-ministro, Wen Jiabao, foi coroada com o acordo de parceria estratégica, estatuto que, na União Europeia, só tem paralelo nas relações da China com a Alemanha, França, Espanha e Reino Unido



te aos empresários aproveitar as condições criadas pelos governos dos dois países.

O Conselho Empresarial, constituído por homens de negócios portugueses e chineses, criado no decorrer da visita de Jorge Sampaio à China, é outro dos instrumentos que pode potenciar o aumento das trocas comerciais. O Conselho Empresarial tem como objectivo facilitar os contactos entre pequenas e médias empresas, realizando regularmente seminários, encontros e debates entre empresários dos dois países. A parte portuguesa vai ser dirigida por Ilídio Serôdio, líder da Profabril Con-

sulplano Grupo, que conhece bem o mercado chinês.

A parceria estratégica entre a China e Portugal tem ainda como mercados prioritários os países africanos de expressão portuguesa. Wen Jiabao afirmou, no final da visita a Lisboa, que Portugal e a China “querem explorar em conjunto os mercados dos países de língua portuguesa”. Em resposta, José Sócrates disse que Portugal “pode oferecer muita coisa à China, além da hospitalidade e do clima. Primeiro, pode afirmar-se como parceiro da China em África. A China dispõe de capital, nós



*Wen Jiabao: Portugal e a China
“querem explorar em conjunto os
mercados dos países
de língua portuguesa”*

conhecemos o terreno, a língua, as tradições”, concluiu o governante português.

Ensino do Chinês em escolas portuguesas

A área da educação é outro dos sectores em que os dois países vão acentuar a cooperação. A introdução do Chinês no ensino curricular em Portugal vai ser primeiro testada em algumas escolas localizadas em zonas onde residem grandes comunidades chinesas. O objectivo é responder aos que nascem em Portugal e também ao aumento do interesse pela língua chinesa por parte dos jovens portugueses.

O desconhecimento do Português é, de resto, a grande dificuldade dos chineses que residem em Portugal, o que justifica a criação de escolas luso-chinesas. “Fizemos um inquérito e uma coisa onde todos coincidiam era no problema da escolaridade dos filhos”, diz Ana Maria Amaro, directora do Centro de Estudos Chineses, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCPS).

O ensino do Português como língua estrangeira continuará, por outro lado, a ser desenvolvido na China com o apoio do Instituto Português do Oriente. Mais de 300 chineses aprendem actualmente a língua de Camões em várias universidades chinesas. Santana Carlos destaca a abertura, em Setembro de 2005, de um novo leitorado na Universidade de Comunicação de Pequim, e mostra-se optimista em relação ao reforço do ensino da língua, uma vez que tem aumentado o interesse pela aprendizagem do Português.

O ministro português da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Mariano Gago, que deve visitar Pequim em 2006, pretende agora dar um novo impulso ao Centro China-Portugal para a História das Ciências, que se dedica ao estudo das relações científicas dos séculos XVII e XVIII entre a Europa e a China. Criado em Junho de 1999, visa promover a colaboração entre historiadores e cientistas chineses e portugueses, mas a sua actividade tem sido dimuta.

Em 2008, Portugal e a China vão assinar os 300 anos do morte do jesuíta Tomás Pereira, que desempenhou importante papel na aproximação entre a China e o Ocidente. Durante 35 anos, entre 1672 e 1708, trabalhou em Pequim no Observatório Astronómico, sendo um dos responsáveis pela modernização do pensamento científico chinês no século XVII.

Repensar programa Eureka-Ásia

O projecto de cooperação científica entre Portugal e a China, “Eureka-Ásia”, cuja última edição decorreu em Macau, em 2000, vai ser alvo de uma avaliação cuidadosa, pois além de Portugal e da China participavam na iniciativa outros países e instituições, designadamente a União Europeia. “Temos que aferir se a China continua ou não interessada no programa e se a União Europeia mantém atenção sobre a iniciativa. É necessário saber se o Eureka-Ásia continua a ser viável com o mesmo formato ou se devemos encontrar outro modelo, reajustando o programa à realidade actual”, frisa Santana Carlos.

Na área da Justiça, Portugal e a China vão negociar acordos sobre extradição e transferência de pessoas condenadas e, na Saúde, estão em curso acções de cooperação, acordadas durante a visita em Novembro de 2005 a Pequim do ministro português Correia de Campos.

Na Defesa, o panorama é idêntico, tendo sido assinado recentemente um protocolo de cooperação. Em Janeiro, China e Portugal criaram uma comissão mista para definir áreas futuras de cooperação militar.

“As relações entre as Forças Armadas dos dois países são uma componente chave do relacionamento geral entre China e Portugal”, disse o ministro chinês da Defesa, Cao Ganchuan, no final de um encontro com o homólogo Luís Amado. “O Exército Popular de Libertação atribui grande importância ao desenvolvimento da cooperação amistosa com as Forças Armadas Portuguesas”, acrescentou. ■



José Sócrates: Portugal “pode afirmar-se como parceiro da China em África. A China dispõe de capital, nós conhecemos o terreno, a língua, as tradições”.

Foto: Lusa

O primeiro-ministro português aceitou o convite do seu homólogo para visitar a China, o que deverá suceder em 2007

Consulado em Abril e Sócrates em 2007



la Santana Carlos (na foto).

O embaixador de Portugal em Pequim realça a propósito a importância de se “preparar com tempo a visita e dotá-la de conteúdos programáticos”. António Guterres foi o último líder do Governo de Lisboa a visitar a China, em Abril de 1998.

O primeiro-ministro português aceitou o convite de Wen Jiabao para visitar a China, o que deverá suceder em 2007. “Não há datas ainda acertadas, mas o mais provável é que a deslocação aconteça no próximo ano”, reve-

Para este ano de 2006 Portugal está a preparar deslocações à China por parte dos responsáveis pelas pastas da Justiça, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e Economia e Inovação.

Quanto à abertura do Consulado de Portugal em Xangai, o diplomata revelou que Abril é agora o mês mais provável. “Portugal dispõe já de instalações, as obras de adaptação do espaço alugado já arrancaram, o que representa que no início da Primavera pode começar a funcionar o Consulado-Geral”.

João Maria Cabral, que no final da década de noventa trabalhou na parte portuguesa do Grupo de Ligação Conjunto, vai ser o representante de Portugal em Xangai, onde se encontra desde o passado mês de Setembro. ■



11/03-01/04
2006

多元文化 世界風情 親觀藝術 熱愛生活

Um Palco de Culturas
Sentir a Arte, Sentir a Vida

A Showcase of Cultures
Wonderful Arts, Wonderful Life



17th macao
arts
festival

xvii festival
de artes
de macau

www.icm.gov.mo



ORGANIZADO POR GOVERNO DE MACAU, ICM E TURISMO

“9+2” = ambição económica

A fórmula é simples! Ou seja, nove províncias mais duas regiões administrativas especiais empenhadas num projecto de desenvolvimento económico conjunto

Foi este o ponto de partida para a criação do Fórum para a Cooperação e Desenvolvimento da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas, uma ideia que deu os primeiros passos em Julho de 2003. O projecto foi pela primeira vez avançado pelos dirigentes da província de Guangdong. Zhang Dejiang, secretário do Partido Comunista na província vizinha a Macau, teve a visão de integrar as economias do Delta do Rio das Pérolas de forma a que, em conjunto, constituíssem um motor para o desenvolvimento.

Zhang tinha chegado a Guangdong no final de 2002 depois de ter estado na província de Zhejiang onde a economia conheceu um progresso notável durante o seu mandato. A ideia foi do agrado do governador da província de Guangdong, Huang Huahua, que afirmou durante uma Conferência Conjunta de Cooperação com Macau que a “efectiva integração do Delta do Rio das Pérolas transformaria a zona na mais dinâmica zona económica do mundo num espaço de 10 a 20 anos”. Huang queria transformar Guangdong na maior base produtiva do planeta, tendo ao seu lado Macau, com todas as potencialidades ao nível do turismo e entretenimento, e Hong Kong, que funcionaria com centro financeiro. Para acelerar a convergência era necessário avançar com medidas destinadas a desmantelar as barreiras existentes e evitar a duplicação de esforços em projectos de infra-estruturas. Em projecto estavam já várias obras como auto-estradas, linhas de caminho de ferro e pontes que ajudariam a movimentar bens e pessoas.

A ideia foi ganhando forma e o Governo Central quis adicionar oito outras províncias que ficavam na sombra do poderio económico de Guangdong. Era o caso de Fujian, Jiangxi, Hunan, Hainan, Sichuan, Yunnan, Guizhou e Guangxi. Depois da necessária aprovação pelo Conselho de Estado estava tudo pronto para a cerimónia de constituição do Fórum para a Cooperação e Desenvolvimento da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas, que decorreu em Hong Kong.

O promotor do projecto inicial, Zhang Dejiang, lembrou na ocasião que o “desenvolvimento de Guangdong” não podia ser visto “independentemente do de Hong Kong e de Macau”, sendo que o inverso também era verdadeiro. Com a adição de mais oito províncias, interessava então importar para essas regiões alguns dos factores que transformaram Guangdong numa das mais prósperas províncias do país.

A sessão inaugural do fórum passou também por Macau e Cantão onde, de resto, foi assinado o acordo quadro de cooperação que envolvia inicialmente sete sectores de actividade onde se incluem as infra-estruturas básicas, indústria e investimento, negócios e comércio, turismo, agricultura, assuntos laborais, ensino e cultura, tecnologias de informação, protecção do ambiente e saúde.

O quadro de cooperação foi assinado pelos governadores das nove províncias, bem como pelos chefes do executivo de Macau e Hong Kong. O protocolo define como objectivos atingir o “desenvolvimento

Macau

Área: 27,5 Km²
PIB: 20,4 mil milhões de patacas
População: 470.000

Hong Kong

Área: 1.103 Km²
PIB: 1281 mil milhões de HKD
População: 6,94 milhões

Guangdong

Área: 186.000 Km²
PIB: 950,6 mil milhões de yuans
População: 69,61 milhões

Fujian

Área: 120.000 Km²
PIB: 633,34 mil milhões de yuans
População: 32,61 milhões

Jiangxi

Área: 166.600 Km²
PIB: 200,307 mil milhões de yuans
População: 41,05 milhões

Hunan

Área: 210.000 Km²
PIB: 369,188 mil milhões de yuans
População: 64,28 milhões

Hainão

Área: 34.000 Km²
PIB: 51,848 mil milhões de yuans
População: 7,34 milhões

Sichuan

Área: 488.000 Km²
PIB: 401,03 mil milhões de yuans
População: 84,28 milhões

Yunnan

Área: 394.000 Km²
PIB: 195,509 mil milhões de yuans
População: 40,42 milhões

Guizhou

Área: 170.100 Km²
PIB: 99,353 mil milhões de yuans
População: 36,57 milhões

Guangxi

Área: 236.300 Km²
PIB: 205,015 mil milhões de yuans
População: 45,89 milhões

Fontes:

- China Today
- Comissão Económica e Social da ONU para a Ásia e Pacífico
- Direcção dos Serviços de Estatística e Censos (Macau)
- Hong Kong Government Information Center





Cerimónia de constituição do Fórum para a Cooperação e Desenvolvimento da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas, no Centro de Convenções de Hong Kong, em Junho de 2004

Foto: GCS

da cooperação dos intervenientes do Grande Delta, fomentar a prosperidade e o desenvolvimento social de Hong Kong e Macau, ampliar a abertura interna e externa e tornar numa realidade a interactividade com as zonas Leste, Oeste e Centro do país.

Eram também objectivos o “reforço da complementaridade para o progresso e desenvolvimento conjunto e o aumento da competitividade das regiões, bem como impulsionar o desenvolvimento da cooperação na Zona de Comércio Livre China-ASEAN”.

Reacções em Macau

O conceito do Grande Delta do Rio das Pérolas foi abraçado por académicos, empresários e políticos. Yang Yunzhong, deputado de Macau na Assembleia Popular Nacional afirmou a propósito que o fórum criava condições para que a prosperidade de Macau e Hong Kong irradiasse para as províncias vizinhas, o que levaria à prosperidade no Sul do país.

Mas para Yang, o conceito era também benéfico para a RAEM. “Macau é uma das mais pequenas economias do mundo. É vulnerável às flutuações das

regiões vizinhas. No entanto, através dos mecanismos de cooperação, pode alargar a sua capacidade de resistir” afirmou Yang.

Mais pragmático surgia o director da Academia de Ciências Sociais de Macau. Wong Hong Keong lembrou na circunstância que não seria fácil a criação de mecanismos de cooperação regional: “Este tipo de combinação regional necessita de um mecanismo de coordenação permanente, objectivos claros comuns e a pesquisa detalhada quanto às necessidades de movimentação dos recursos”, alertou.

Chui Sai Peng, deputado de Macau na Assembleia Nacional Popular, considera que o conceito do Grande Delta do Rio das Pérolas tinha implicações mais de longo prazo do que anteriores modelos de cooperação que se limitavam a Macau, Hong Kong e as regiões adjacentes de Guangdong. “É bom ver os responsáveis da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas reunidos para procurar um quadro comum para o desenvolvimento regional, apesar de cada uma das partes ter a sua própria opinião quanto aos modos de cooperação”, afirmou Chui Sai Peng.

O Fórum para a Cooperação e

Desenvolvimento da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas constitui para Guangdong uma oportunidade para concorrer com outras regiões do país, nomeadamente com o Delta do Rio Yangtze, que tenta rivalizar na atracção do investimento estrangeiro. Logo após a adesão da China à Organização Mundial do Comércio, a maior parte do investimento estrangeiro foi dirigida para Xangai. Em 2003, a província de Jiangsu conseguiu atrair mais investimento estrangeiro do que Guangdong.

As perspectivas não eram as melhores para Guangdong, que corria o risco de se atrasar face a outras regiões do país como o Delta do Yangtze ou a Baía de Bohai. O modelo “9+2” garantia a Guangdong o acesso às matérias-primas produzidas nas províncias vizinhas, tais como a energia, os minerais e a mão-de-obra competitiva. Macau e Hong Kong forneceriam o capital, tecnologia e a capacidade de gestão. Para isso, era considerado fundamental o desenvolvimento das redes de comunicações entre as províncias menos desenvolvidas e as regiões mais ricas.

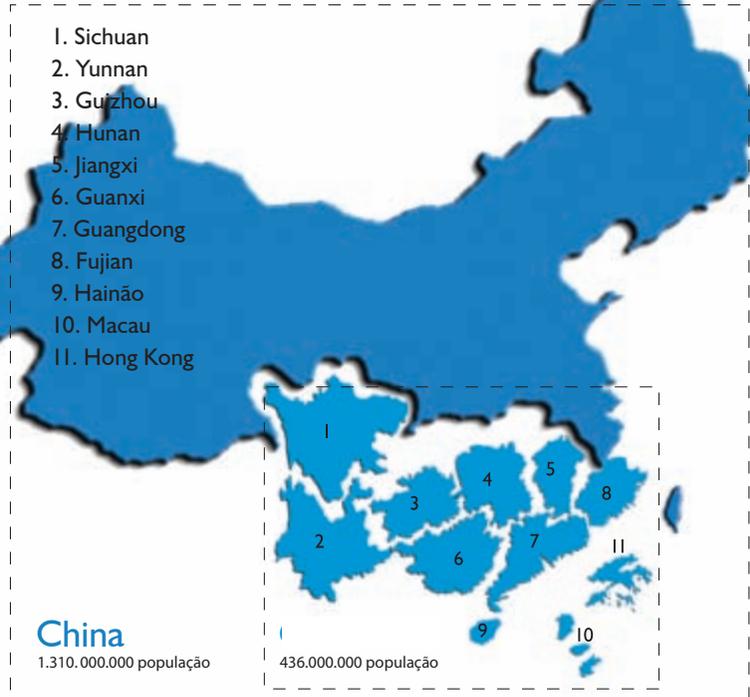
“Sem uma rede de transportes completa, a cooperação económica entre as onze regiões não passará de conversa vazia”, afirmou na altura Anthony Yeh, professor na Universidade de Hong Kong.

Imperfeições antigas e desafios da modernidade

As nove províncias do Grande Delta do Rio das Pérolas atraíram nos primeiros oito meses de 2005 um total de 8500 projectos de investimento, no valor global de 200 mil milhões de patacas (USD 25 mil milhões). De acordo com o Ministério do Comércio, entre Janeiro e Agosto do ano passado, esta região recebeu investimento estrangeiro no valor de 94 mil milhões de patacas (USD 11,75 mil milhões).

A integração do mercado doméstico no Continente é ainda imperfeita, mas evoluiu notavelmente desde a introdução da política de reformas económicas e da abertura dos mercados. O processo de desenvolvimento do mercado interno está ainda longe de estar concluído e os fenómenos de integração económica

As nove províncias mais duas regiões administrativas especiais que constituem esta zona económica integrada, sem precedentes na história da China, representam cerca de um terço da população chinesa e mais de metade dos habitantes da Europa



regional contribuem para uma maior fluidez nos fluxos de bens e pessoas.

Mas a verdade é que existem factores que fazem duvidar do sucesso da iniciativa. Como por exemplo, as disparidades de desenvolvimento entre algumas províncias. O rendimento *per capita* de Hong Kong é de 25 mil dólares norte americanos - 50 vezes superior ao da província mais atrasada, a de Guizhou.

O analista de Hong Kong Leu Siew Ying afirmou, num artigo de opinião publicado no *South China Morning Post*, que “as barreiras não serão facilmente eliminadas uma vez que os interesses próprios de cada província constituem o núcleo do protecçãoismo. Cada província preocupa-se com o crescimento da sua própria economia de forma a evitar a fuga de capitais e a entrada de produtos produzidos noutras regiões”.

A visão do secretário do Partido Comunista de Guangdong, Zhang Dejiang, de criar um grande motor de crescimento está assim longe da sua concretização plena, mantendo-se ainda barreiras à cooperação.

No papel, o conceito “9+2”, parece ser uma ideia magnífica garantindo a Guangdong uma vasta zona para a sua expansão económica, agarrando Macau e Hong Kong de forma a dar ao fórum um perspectiva internacional bem como a capacidade para fazer face à concorrência do principal rival, o Delta do Rio Yangtze. Mas só o tempo dirá se o projecto imaginado pelos dirigentes de Guangdong e apadrinhado pelo Governo Central ajudará a transformar o Delta do Rio das Pérolas na mais dinâmica economia do planeta no espaço de menos de uma geração. ■

Macau na sessão inaugural



Edmund Ho congratulou-se com os instrumentos económicos que facilitam a integração de Macau no Sul da China

Sala cheia no Centro de Convenções de Hong Kong para a sessão inaugural do Fórum para a Cooperação e Desenvolvimento da Região do Grande Delta do Rio das Pérolas. A cerimónia de constituição do fórum, que decorreu primeiro em Hong Kong, no dia 1 de Junho de 2004, passando no dia seguinte por Macau e encerrando em Cantão, ao terceiro dia, serviu para dar o pontapé de saída de uma nova experiência de integração económica que juntava nove províncias e duas regiões administrativas especiais. No fórum estavam reunidos representantes de um terço da população nacional e 40 por cento do produto interno bruto de todo o país. E o parceiro mais pequeno era Macau, com apenas 27,5 quilómetros quadrados de

área para menos de meio milhão de habitantes.

Contudo, a RAEM era, naquela altura, a região que apresentava a mais alta taxa de crescimento da economia com o produto interno bruto *per capita* a ficar apenas aquém do de Hong Kong.

Na sessão inaugural do fórum, o Chefe do Executivo defendeu que Macau não poderia ficar à margem dos processos de integração económica. Edmund Ho citou as várias experiências de integração económica a nível mundial para dizer este tipo de processo era “complexo e difícil, mas do interesse nacional”. O Chefe do Executivo foi mais longe ao dizer que a Região Administrativa Especial de Macau tinha um papel para desempenhar ao nível no desenvolvimento nacional.

Edmund Ho citou também o Acordo de Estreitamento das Relações Económicas e Comerciais Entre o Continente chinês e Macau (CEPA) como um instrumento que facilita a integração da economia da RAEM com as províncias vizinhas. Um dos trunfos que Edmund Ho levou até à sessão inaugural do fórum foi a relação privilegiada com a União Europeia e os países de língua portuguesa. O acesso ao mundo lusófono tem sido referido como um factor de capital importância pelas autoridades centrais e provinciais em todos os contactos que mantêm com a Região. Edmund Ho defendeu ainda a complementaridade na oferta turística de Macau face a outras regiões do Sul da China. ■



Projecto de elevado potencial



José I. Duarte *

A cooperação inter-regional e a queda de barreiras internas, no Grande Delta do Rio das Pérolas, cria um mercado único sem precedentes na história da China

A expressão “9+2” é uma adição recente ao vocabulário económico e político da China. Na sua simplicidade aritmética, esconde uma iniciativa de natureza extremamente inovadora. É conhecido o notável processo de crescimento económico que, nos últimos 20 anos, caracterizou a região do delta do Rio das Pérolas. A constituição da designada Região Económica do Grande Delta do Rio das Pérolas representa a tentativa de alargar aquela experiência a uma área que inclui, praticamente, um terço da população da China e é responsável por mais de um terço do seu Produto Interno Bruto. Uma característica nem sempre perceptível do mercado chinês é a sua grande segmentação. Em sentido económico, a China não constitui um mercado único. Diversas especificidades regionais e múltiplas barreiras internas - ao comércio e à mobilidade de factores - fazem com que o tantas vezes imaginado grande mercado chinês se tenha revelado, para muitos operadores internacionais, uma ilusão. Em consequência, a progressiva eliminação daqueles obstáculos nas relações entre as regiões incluídas no espaço do “9+2” contém em si a promessa de libertação de um enorme potencial de desenvolvimento. A região possui abundantes recursos. Para citar apenas alguns, refiram-se os significativos recursos naturais e energéticos; uma enorme reserva de mão-de-obra internacionalmente competitiva; uma exposição alargada ao comércio in-

ternacional e ao investimento estrangeiro; a presença de numerosas empresas de prestação de serviços financeiros, legais, de logística e de transportes. Ao acordarem entre si o objectivo de alargarem a cooperação inter-regional em domínios tão críticos para a eficiência económica como sejam o desenvolvimento da rede de transportes, a harmonização das políticas comerciais e de investimento, ou a adopção de quadros legais e institucionais que facilitem a mobilidade dos factores de produção, os participantes neste processo propõem-se criar, de facto, um mercado único sem precedentes na China. Pela história das ligações internacionais, como porta secular das relações com o exterior, Macau pode desempenhar neste processo um papel de relevo. Por um lado, como plataforma de prestação de serviços: espaço económico aberto, inserido na região mais dinâmica da China, Macau dispõe de um ordenamento jurídico moderno, estável e coerente, proporcionando ainda uma base de apoio com custos de estabelecimento e operação comparativamente baixos. Por outro lado, pode afirmar-se como pólo de cooperação com os países de língua portuguesa. O longo passado de relações entre Macau e o mundo lusófono deu origem a um património histórico e linguístico partilhado. Para os agentes e entidades daqueles países, interessados no desenvolvimento de relações comerciais ou de investimento com a China, Macau constitui, por isso, uma plataforma com características singulares. Em primeiro lugar, legislação e regulamentação estão publicadas em português; em segundo lugar, porque podem operar num ambiente jurídico e administrativo de matriz comum. Neste contexto, o desenvolvimento da região “9+2” constitui, para Macau e para os países de expressão portuguesa, uma promessa de crescimento e, em simultâneo, uma oportunidade e um desafio para a cooperação. ■

* Economista



Dong Fang Hong 1

Dong Fang Hong 3

Dong Fang Hong 2

Shenzhou

Beidou-1

Ocean 1

O grande salto

Zhongxing-22

Shijian 4

Feng Yun 2

ZiYuan 2

Dong Fang Hong 4

Feng Yun 1

No início do século XVI, em plena dinastia Ming, Wan Hu, um funcionário governamental vivia obcecado com a ideia de viajar para o Espaço. E um dia decidiu mesmo aventurar-se. Construiu uma cadeira com dezenas de pequenos foguetes, feitos de tubos de bambu, e pe-

dias, dois astronautas chineses: Fei Junlong e Nie Haisheng, na missão Shenzhou VI. Para trás ficaram quatro missões não tripuladas e o lançamento de dezenas de satélites científicos; de comunicações; de observação; de navegação e meteorológicos.

Quando em Outubro de 2005 Fei Junlong e Nie Haisheng estiveram cinco dias em órbita, a China dava um grande passo na longa viagem que teve início no final dos anos cinquenta

diu aos seus servos que acendessem os artefactos explosivos, acreditando que iria ser o primeiro astronauta do mundo. Depois de uma grande explosão, a cadeira e o homem desapareceram... e nasceu a lenda.

Cerca de 500 anos depois esse sonho antigo tornou-se realidade. Em 2003, Yang Liwei subiu ao espaço na missão espacial Shenzhou V. Em Outubro de 2005, permanecem em órbita, durante cinco

Actualmente, a Lua é o limite. Alguns especialistas apontam 2020 como a data provável para a primeira missão tripulada ao solo lunar; outros acreditam que possa ser mais tarde. Antes disso, Pequim ambiciona desenvolver um laboratório espacial que possa evoluir para uma estação espacial. É a concretização de um projecto delineado em 1968 por Qiang Xuesen, pai do programa espacial chinês, que apresentara à liderança do Partido Comunista Chinês a ambição de colocar no Espaço dois astronautas, em 1973. Mas a tensão vivida durante a Revolução Cultural e os problemas acabaram por adiar esse projecto para o século XXI.

Satélites chineses

Comunicações

Série Dong Fang Hong
 “O Oriente é vermelho”
 - 10 satélites enviados entre 1970 e 1997
 - 1 Satélite Zhongxing 22 em 2000

Meteorológicos

Série Feng Yun
 - 4 enviados entre 1988 e 1999

Recursos Terrestres

Zi Yuan, lançado em 1999

Recuperáveis

Série Fanhui Shi Weixing
 - 17 lançados entre 1976 e 1996

Testes técnicos

Modelos Ji Shu Shiyan Weixing
 - 3 enviados entre 1975 e 1976
 - Optus MFS, em 1990
 - Iridium MFS (2), em 1997

Científicos

Série Shi Jian
 - 6 lançados entre 1971 e 1999
 - Da Qi (2), enviados em 1990

Navegação

Série Beidou
 - 3 entre 2000 e 2003

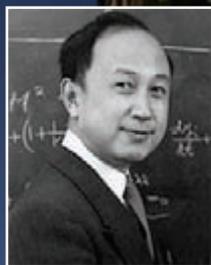
Missões espaciais

- Shenzhou I 1999
 - Shenzhou II 2000
 - Shenzhou III 2002
 - Shenzhou IV 2002
 - Shenzhou V 2003 tripulada
 - Shenzhou VI 2005 tripulada

As naves da classe Shenzhou são hoje o expoente da tecnologia espacial na China, apostada na multiplicação de uma rede de satélites que possa competir com os Estados Unidos, Rússia e União Europeia

O pai do programa espacial chinês

Qian Xuesen (Tsien Hsue-shen) partiu para os Estados Unidos, em 1935, com o objectivo de continuar os estudos



de investigação no prestigiado *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e, mais tarde, no *California Institute of Technology*, onde desenvolveu juntamente com Theodore von Karman o primeiro sistema

norte-americano de foguetões. Vinte anos depois regressou à China decidido a tornar o país onde nasceu em 1911 numa potência espacial, depois de um processo de que foi alvo nos anos do "macartismo", quando foi acusado de ser um espião comunista ao serviço da China e da União Soviética.

Ingressou no Partido Comunista Chinês (PCC) e tornou-se na figura mais importante do programa espacial da China. Em 1958 apresentou à direcção do partido os seus planos de criação do primeiro satélite, o Dong Fang Hong ("O Oriente é Vermelho") e de um veículo de lançamento de foguetões, o Longa Marcha. Dez anos depois, fundou o *Space Flight Medical Space Center* e lançou as bases do Projecto 714, que visava colocar dois astronautas no espaço em 1973. Por dificuldades financeiras esse plano ficou congelado até 1992, altura em que as autoridades anunciaram o plano 921, no qual estava previsto o lançamento do primeiro voo espacial tripulado chinês. Qian Xuesen viu o seu sonho ser concretizado, aos 92 anos, numa cama de hospital onde assistiu, pela televisão, ao lançamento do Shenzhou V. ■

Potência espacial emergente

Será que podemos nesta altura falar na China como uma potência espacial nas relações internacionais? Jason Pun, professor no departamento de Física da Universidade de Hong Kong e antigo funcionário da NASA (Agência Espacial Norte-Americana), considera que “talvez seja ainda cedo” para se falar da China como uma potência espacial. “Se nos restringirmos aos países que já colocaram seres humanos no espaço, é claro que os chineses passaram a integrar um clube do qual só faziam antes parte os Estados Unidos e a ex-União Soviética. Mas se englobarmos outras actividades, desde o lançamento de satélites à exploração espacial, temos também de salientar o papel desempenhado pela União Europeia”, alerta.

Em qualquer dos critérios, e a exemplo do que acontece em termos económicos, a China emerge como uma potência que, dentro de 15 anos, pretende aproximar-se dos seus competidores. “O mais espantoso no programa espacial chinês é o cumprimento do calendário das missões previstas, algo que hoje em dia nem os norte-americanos conseguem”, sublinha Jason Pun, explicando que para lançar missões como as da Shenzhou V, ou VI, “são precisos vários sectores de alta ciência a trabalharem em conjunto e integrados por especialistas capazes de lidar com todas as aplicações necessárias a uma missão espacial. E poucos países são capazes de o fazer!”, conclui.

Projectar a visão do mundo

A China projecta também no Espaço a sua visão do mundo. O documento orientador da política espacial chinesa - “*White Paper on China's Space Activities*” - espelha uma estratégia de desenvolvimento económico baseada no progresso tecnológico, bem como a necessidade de garantir um programa espacial autónomo, auto-suficiente e, acima de tudo, independente. Declaração que assenta que nem uma luva nos

princípios expressos por Deng Xiaoping, nos anos oitenta.

Naturalmente, os avanços extraordinários conseguidos pela China são subsidiários da transferência de conhecimentos que os cientistas chineses obtiveram dos seus congéneres. Recorde-se que o pai do programa espacial da China, Qian Xuesen, formou-se nos Estados Unidos e que, numa fase inicial, as contribuições mais significativas vieram da antiga União Soviética, quando, antes do cisma sino-soviético, os dois países cooperavam em várias matérias, incluindo na tecnologia espacial. Mais recentemente, desde o início dos anos noventa, os dois países deram de novo as mãos. É mais ou menos assumido que a cápsula da série Shenzhou importa muitos traços da série Soyuz, modelo de nave espacial soviético colocado pela primeira vez em órbita em 1966. Ao nível do treino, os candidatos a *taikonautas* (designação dos astronautas chineses) passaram pela *Star City*, pequena cidade espacial, perto de Moscovo, onde são realizados testes e simulações de missões espaciais tripuladas.

O entendimento sino-russo poderá levar à colaboração numa missão lunar dentro de menos de 20 anos, ou mesmo à construção de um satélite que possa ser colocado em órbita em torno de Marte.

Cooperação com o Brasil

Se em termos de missões espaciais a China recorre sobretudo à Rússia, no que concerne ao desenvolvimento de satélites tem dois outros parceiros privilegiados: o Brasil e a União Europeia.

Com os brasileiros, a China desenvolveu o Satélite Sino-Brasileiro de Recursos Terrestres (CBERS). Trata-se de um conjunto de dois satélites que permitem a prevenção e controlo, por exemplo, da desflorestação ilegal na Amazônia, bem como a monitorização do nível dos recursos hídricos e das características da ocupação do solo ou do crescimento urbano. A construção e lançamento do CBERS 1

Perguntas e Respostas

O que é a Shenzhou?

Quer dizer “Nave Divina”, nome da série de seis naves espaciais lançadas desde 1999. As quatro primeiras em missões não tripuladas; a Shenzhou V e a VI já incluíram astronautas a bordo.

Quem são os “taikonautas”?

Expressão criada por Chen Lan, especialista em assuntos espaciais e autor da página na Internet “Go Taikonauts”. Taikonauta advém da junção de “taikong”, que em chinês quer dizer espaço, ou cosmos, com “nauta”. Até ao momento só há três taikonautas: Yang Liwei, Fei Junlong e Nie Haisheng.

Quem gere o programa espacial chinês?

A *China Aerospace Corporation* (CASC) é responsável pela construção de satélites, veículos de lançamento e naves espaciais. Faz parte da Comissão para a Ciência, Tecnologia e Indústria da Defesa Nacional. Ao nível da investigação e desenvolvimento a Universidade de Tsinghua e o *Harbin Institute of Technology* assumem um especial relevo.

Que tipos de satélites artificiais existem?

Entre outros, os satélites astronómicos, de comunicação, de observação terrestre, de navegação e posicionamento, de reconhecimento, de transmissão da energia solar e meteorológicos.

O que é um satélite de navegação e posicionamento?

Usam sinais temporais de rádio transmitidos do espaço para a receptores móveis na Terra, que localizam objectos em tempo real, com uma margem de erro de apenas alguns metros.

O que é o GPS?

O *Global Positioning System* é o único sistema de posicionamento em plena operação. Foi criado pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, no final dos anos 1970, no contexto da Guerra Fria. Desde meados dos anos noventa, Washington abriu o sinal civil para receptores de todo o mundo. O sistema inclui um total de 24 satélites.

O que é o Galileo?

Alternativa europeia ao GPS, lançada em 2002 pela Agência Espacial Europeia. A constelação de 30 satélites foi lançada em Dezembro de 2005. Em 2012 o sistema estará em pleno funcionamento. Em 2003, a China aderiu a este projecto.

O que é o “Beidou”?

Sistema chinês de navegação. Ainda rudimentar, inclui apenas três satélites lançados entre 2000 e 2003. *Beidou* quer dizer em chinês Ursa Maior.

– já não está em funcionamento – e do CBERS 2 cifrou-se em 1,2 mil milhões de patacas (150 milhões dólares), para os quais a China contribuiu com 70 por cento do financiamento, ficando os restantes 30 por cento a cargo do Brasil.

André Mileski, especialista em assuntos espaciais e jornalista da publicação brasileira “Tecnologia e Defesa”, considera que na base desta cooperação estão “semelhanças geofísicas, tais como a vasta extensão territorial, grandes reservas de recursos naturais, forte potencial agrícola e extensas áreas despovoadas e de difícil acesso”. Mas importa também o facto de os dois países beneficiarem mutuamente do conhecimento e da experiência acumulada. Por um lado, aponta, “a experiência brasileira em metodologias de interpretação de dados de controlo remoto e meteorologia”; por outro, “o programa espacial chinês, desenvolvido desde os anos cinquenta com os foguetões Longa Marcha, lançou vários tipos de satélites, entre os quais os geo-estacionários e de reentrada na atmosfera, particularmente importantes no projecto sino-brasileiro”. Mileski considera ser este projecto “um marco nas relações políticas entre dois países em vias de desenvolvimento”. O programa CBERS “foi o primeiro projecto de alta tecnologia desenvolvido em conjunto por países do chamado terceiro-mundo”.

Galileo: a China na Europa

Uma das ambições do programa espacial chinês é a criação de um sistema autónomo de satélites de navegação e posicionamento. A China tem apenas um sistema de três satélites que, ao contrário do GPS norte-americano, do GLONASS russo e do Galileo europeu - ainda em fase de lançamento de satélites - não oferece graus de posicionamento precisos à escala global. É nesse contexto que a China iniciou a participação no Galileo, patrocinado e desenvolvido pela União Europeia (UE) e pela Agência Espacial Europeia (AEE). Em Outubro de 2003, Pequim e Bruxelas assinaram um acordo que suscitou fortes



André Mileski: A cooperação Brasil-China é “um marco nas relações políticas entre dois países em vias de desenvolvimento”

reservas por parte dos Estados Unidos. A China contribui com 268 milhões de dólares num projecto orçado em quase quatro mil milhões de dólares. A China assume-se como o principal aliado não europeu do Galileo.

Para a UE a participação chinesa é crucial, a julgar pelas declarações da espanhola Loyola de Palacio, comissária europeia dos transportes e indústria à época da assinatura do acordo: “A China ajudará o Galileo a tornar-se uma infra-estrutura de primeiro plano, a nível mundial, para o mercado dos serviços de localização”. O vasto e dinâmico mercado chinês surge como a “galinha de ovos de ouro” para os europeus, uma vez que o Galileo se apresenta como um sistema de posicionamento com alto grau de precisão que irá servir sectores que vão das telecomunicações aos transportes marítimos, terrestres e aéreos, passando pela agricultura, pescas, serviços financeiros e actividades de protecção civil.

Para acalmar os receios de Washington, Bruxelas insiste na tese segundo a qual o Galileo é um programa exclusivamente civil, sem ambições militares. Certo é que existe sempre uma forte dimensão securitária e militar em qualquer sistema de posicionamento por satélite, por definição, um activo estratégico. Aliás, o GPS foi



Jason Pun: “O mais espantoso no programa espacial chinês é o cumprimento do calendário das missões previstas, algo que hoje em dia nem os norte-americanos conseguem”

criado com objectivos militares e só mais tarde passou a ter um sinal aberto – com menor grau de precisão – para uso civil.

Tecnologia sensível

Os norte-americanos temem que a dimensão económica e civil do Galileo sirva para que a União Europeia consiga assumir-se como uma alternativa aos EUA em termos geoestratégicos. Aliás, já indirectamente assumida por líderes europeus como o presidente francês, Jacques Chirac. O que mais preocupa Washington parece contudo ser a presença da China no projecto, tal como assinala o académico Frank Umbach, presidente do Comité Europeu do Conselho para a Segurança e Cooperação na zona Ásia-Pacífico: “Numa altura em que os dois lados do Atlântico procuram resolver divergências em torno da intervenção norte-americana no Iraque, estratégias diferentes face à China, como a do projecto Galileo, podem abrir novas brechas na relação transatlântica”. Sempre que uma nação emergente procura dar passos em sectores de alta tecnologia enfrenta o problema de encontrar parceiros dispostos a transferir esse conhecimento de valor acrescentado. André Mileski lembra a propósito que “existem limitações na cooperação espacial entre a



Fotos: GCS

Fei Junlong, taikonauta. Por duas vezes (2003 e 2005) astronautas chineses deslocaram-se a Macau, mantendo contacto com a população. Símbolo do orgulho nacional, os “taikonautas” viajam um pouco por todo o país, promovendo os feitos do programa espacial

China e os Estados Unidos, visto que este país dificilmente permite transferência de tecnologia”. Jason Pun considera contudo que, no médio prazo, essa estratégia mudará: “Assim que os chineses provem que podem trazer mais valias, acredito que seja inevitável a participação da China no projecto da Estação Espacial Internacional. Apesar de, no curto prazo, existir uma tendência de incremento da competição, no futuro outros líderes vão perceber que a cooperação beneficia a todos”. Grande parte dos avanços nas tecnologias

de ponta começam no campo da investigação ligada ao aperfeiçoamento militar e espacial para depois serem importados para a economia civil - são os denominados *spin-offs*. O caso mais conhecido é o da Internet, mas a contribuição que a alta tecnologia espacial e militar trouxeram ao quotidiano dos cidadãos, em todo o mundo, é imensa. A investigação em materiais aplicados à vida de um ser humano dentro de uma nave espacial tem gerado inventos posteriormente comercializados em sectores chave como a informática, a

Objectivos

- 1- Deter um sistema global de satélites de observação terrestre
- 2- Lançar um sistema independente de telecomunicações
- 3- Criar um sistema de navegação e posicionamento autónomo
- 4- Melhorar a capacidade dos veículos de lançamento
- 5- Sustentar um sistema de missões espaciais tripuladas
- 6- Optimizar o sistema de controlo remoto de satélites
- 7- Desenvolver experiências de tecnologia avançada
- 8- Industrializar e comercializar aplicações da tecnologia espacial
- 9- Criar uma estação espacial própria
- 10- Missões, inicialmente não tripuladas, de exploração lunar
- 11- Colocar um astronauta no solo lunar
- 12- Lançar sondas de exploração científica no sistema solar

biotecnologia ou a nanotecnologia (engenharia de átomos e moléculas), o que gera vantagens competitivas decisivas na economia global. Quer isto dizer que “um programa espacial cria as condições para a formação de uma plataforma perfeita entre o mundo militar e o sector industrial”, sustenta Jason Pun.

Existe uma dimensão geopolítica sempre subjacente a qualquer projecto espacial. Isso aconteceu de forma explícita durante a Guerra Fria e de maneira um pouco mais implícita nos dias de hoje. Wong Yiu

Wah, curador adjunto do Museu do Espaço de Hong Kong, entende que “qualquer programa espacial visa também a projecção de poder”.

A verdade é que o Tratado sobre os Princípios que Governam as Actividades dos Estados na Exploração e Uso do Espaço, aprovado pela Assembleia Geral das Nações Unidas, estabelece que o Espaço não pode ser alvo de apropriação e que os estados não podem colocar em órbita qualquer tipo de armamento nuclear ou de destruição em massa. ■

A Shenzhou VI foi lançada no dia 12 de Outubro de 2005, no Centro de Lançamento de Foguetões e Satélites de Jiuqian, no Deserto de Gobi, na Mongólia Interior. Permaneceu em órbita durante cinco dias com dois astronautas a bordo: Fei Junlong e Nie Haisheng. Tratou-se da segunda missão espacial tripulada da China, dois anos depois de Yíang Liwei ter viajado na Shenzhou V.

A cápsula orbital, com 2,25 m de diâmetro e 2,8m de comprimento, tem o formato de um cilindro. Na parte interior existem prateleiras com equipamentos e provisões, além de instrumentos para a realização de experiências científicas. É aqui que a tripulação permanece e trabalha.

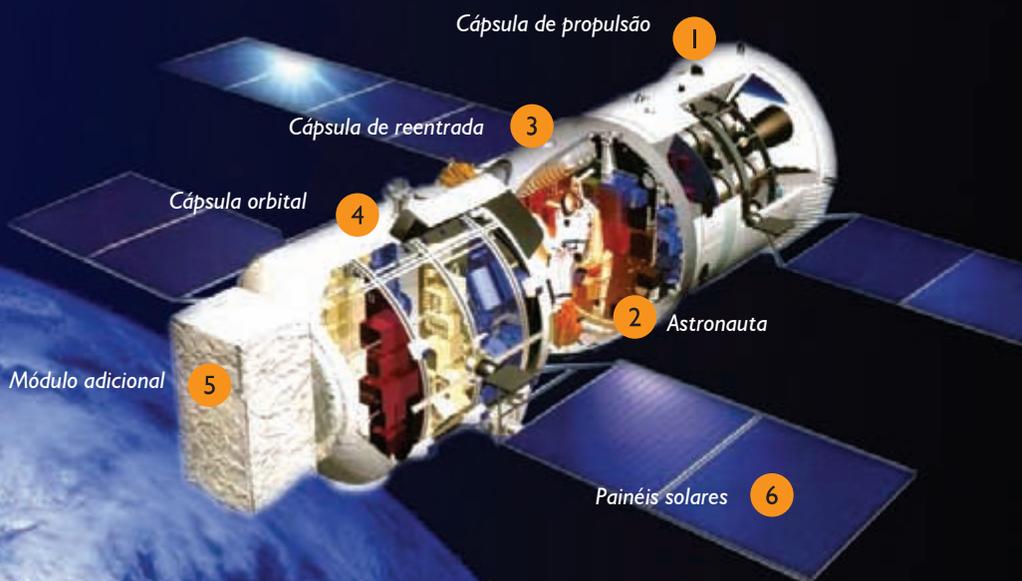
Depois da cápsula de reentrada ter regressado à Terra, a cápsula orbital funciona como um satélite, ficando em órbita durante meio ano com a finalidade de efectuar observação terrestre.

Shenzhou: a “Nave Divina”

A cápsula de reentrada tem um diâmetro máximo de 2,51m e um comprimento de 2,5m. Como o nome indica, esta é a parte da Shenzhou que regressa à Terra, por isso inclui três lugares sentados, alguns pára-quadras de reserva, duas portas e uma janela. A cápsula de reentrada inclui seis antenas, vários equipamentos de controlo, um painel de ligação à cápsula de propulsão, sensores e motores de aterragem, entre outros aspectos.

A cápsula de propulsão tem a forma de um cilindro com um cone truncado. Com um comprimento de 2,9m e um diâmetro máximo de 2,8m, esta parte da Nave tem um par de painéis solares instalados, um radiador exterior e quatro engenhos de propulsão que estão localizados na base da cápsula. O módulo adicional é uma caixa que inclui uma câmara de 1.6m, com capacidade de resolução CCD. ■

J. C. M.



1955: Qian Xuesen, “pai do programa espacial chinês”, regressa à China vindo do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), Estados Unidos..

1958: Qian apresenta ao Governo planos para o primeiro satélite chinês e do primeiro foguetão.

1968: Qian Xuesen funda o *Flight Medical Space Center* e lança as bases para o Projecto 714, que pretende colocar no espaço dois astronautas em 1973.

1972: Projecto 714 é cancelado por falta de verbas.

1970: A China lança o seu primeiro satélite, utilizando um míssil balístico intercontinental, o Longa Marcha I. O satélite transmitiu durante 26 dias a música revolucionária: “O Oriente é Vermelho” – tema que veio a dar o nome à primeira série de satélites chineses.

1975: A China consegue com sucesso recuperar um satélite em órbita.

1979: O jornal *Wen Hui Bao* publicou uma fotografia de um astronauta chinês em treino com um fato espacial, demonstrando que a China realizava já testes de simulação de um modelo de nave espacial.

1988: Pequim anuncia um programa espacial ambicioso, que inclui uma série de novos satélites, missões tripuladas e a construção de uma estação espacial.

1989: O presidente russo visita Pequim, relançando a cooperação sino-soviética em várias áreas, incluindo o acesso da China ao *know-how* soviético no Espaço.

1990: A China lança e recupera um “biosatélite” que contém 60 animais e plantas.

1992: É anunciado o Projecto 921, programa que visa colocar no espaço missões tripuladas.

1999: A China lança a primeira missão espacial não tripulada. A Shenzhou I esteve um dia em órbita.

2001: Lançamento da Shenzhou II. O voo durou oito dias, tendo completado 108 voltas à Terra.

2002: A Shenzhou III inclui três ovos fertilizados.

2002: A Shenzhou IV, a última missão-teste, está em órbita durante seis dias de Dezembro, testando os equipamentos necessários para um missão tripulada.

2003: A China lança a primeira missão tripulada, a Shenzhou V, com o astronauta Yan Liwei a bordo. O antigo piloto da Força Aérea esteve 21 horas no Espaço, tornando-se um verdadeiro herói nacional.

2005: Fei Junlong e Nie Haisheng estiveram cinco dias numa missão espacial que cimentou o lugar da China como terceira potência espacial, a seguir aos Estados Unidos e à Rússia.

2007: A Shenzhou VII levará três astronautas com a missão de repararem naves no Espaço (*Space Walk*).

2008-2010: Shenzhou VIII e XIX. Serão missões não tripuladas e ficarão em órbita. Uma décima missão incluirá astronautas treinados para lançar as bases do laboratório espacial chinês.

2012-2017: Lançamento de missões não tripuladas à Lua.

Até 2020: Construção da Estação Espacial Chinesa.

2020: Realizar uma missão tripulada à Lua. ■

Cronologia

Dez anos depois da sua inauguração, o Aeroporto Internacional de Macau responde aos desafios de uma região em crescimento económico acelerado. Aposta num centro de companhias de baixo-custo, na diversificação das rotas, no reforço do sector da carga e na melhoria das infra-estruturas

Os novos voos do Aeroporto Internacional

Comandante da Air Macau prepara uma descolagem

Fotos: Air Macau

No dia 8 de Novembro de 1995 cumpria-se um sonho de longa data: o Presidente da República Portuguesa, Mário Soares, inaugurava o Aeroporto Internacional de Macau (AIM). Dez anos volvidos, a importância e o papel da infra-estrutura têm sido reconhecidos por organizações internacionais ligadas à aviação civil. Em 2004, o AIM foi galardoado com o título "Aeroporto do Ano", pelo *Center for Asia Pacific Aviation*, e com a designação de "Melhor Aeroporto Emergente" nos *Asian Freight & Spilly Chain Awards*.

O AIM vive grandes transformações, com o aumento acentuado do movimento de aeronaves, passageiros e carga. O crescimento é visível, particularmente ao nível da carga, que em 2004 aumentou 56 por cento em comparação com o ano anterior, movimentando 220.828 toneladas. Com este valor, o *Airports Council International* colocou o AIM na 82ª posição entre os aeroportos com maior movimento de carga – situação que em grande medida se deve à aposta feita neste segmento de mercado por parte da Air Macau, companhia

A Air Macau, durante dez anos a única companhia de bandeira da RAEM, opta agora pelas subconcessões, sobretudo no apetecível mercado dos voos de baixo custo



de bandeira da RAEM, responsável, em 2005, pelo movimento de 66 por cento das mercadorias no aeroporto.

Melhorar as infra-estruturas

Para responder aos desafios da modernidade, é consensual entre os principais agentes locais do mercado da aviação que o AIM precisa de novas respostas a vários das questões que o futuro coloca. No imediato, será preciso precaver um cenário que, de acordo com o director executivo da Companhia do Aeroporto de Macau (CAM), John Chan, “vai acontecer mais cedo que do que muitos pensavam”: a ultrapassagem do limite de seis milhões de passageiros por ano – capacidade máxima para a qual a infra-estrutura foi construída. Depois, há que enquadrá-lo estrategicamente na grande região do Delta do Rio das Pérolas, bem como no contexto mais alargado da zona Ásia – Pacífico.

No ano 2004, em média, aterravam e descolavam do AIM 110 aeronaves. Se tivermos em conta que, em 1996 o movimento diário de aviões era de 36 apa-

investimentos no valor de cerca de 6 mil milhões de patacas com vista ao aumento da capacidade de movimento de passageiros para 25 milhões dentro de 10 anos. Em estudo estão obras de ampliação que implicam a criação de aterros das zonas de água entre as *taxiways* e obras na aerogare, na placa de estacionamento de aeronaves, na zona de carga, e na pista, que deverá ser ampliada em 750 metros. Parte das obras deverá ter início ainda este ano.

A aposta no baixo-custo

Rodeado por quatro aeroportos num raio de 140 quilómetros – Hong Kong, Zhuhai, Shenzhen e Cantão - a posição estratégica do AIM na região marcou desde sempre o debate sobre a sua viabilidade.

Projectado essencialmente como aeroporto de origem e de destino, circunstâncias políticas regionais ditaram a oportunidade de se assumir também como placa giratória de transferência de passageiros, com voos semi-directos entre Taiwan e a China Continental, que não têm ligações directas. Desde meados de 2003, a Companhia do Aeroporto de Macau tem estado a afinar os planos de transformação do aeroporto, no sentido de o tornar mais competitivo e de explorar nichos de mercado negligenciados por outros aeroportos da região. “O desafio é prestar atenção à procura e tentar reagir antes que ela se torne um problema”, resume John Chan. A grande aposta no futuro breve é nas carreiras de baixo-custo, actualmente o filão mais importante dessa estratégia. Encomendado um estudo de viabilidade nessa área, a CAM contactou companhias aéreas e outros aeroportos com vista à atracção dos voos de baixo-custo.



A capacidade máxima do Aeroporto, seis milhões de passageiros por ano, deve ser em breve ultrapassada

relhos percebemos a evolução da actividade da infra-estrutura. Considerando igualmente que, em 2005, o movimento de passageiros registou um novo recorde acima de 4 milhões e 200 mil pessoas, a CAM assume que é impreterível ampliar o espaço do Aeroporto. Nesse sentido está a ser preparado um ambicioso plano de

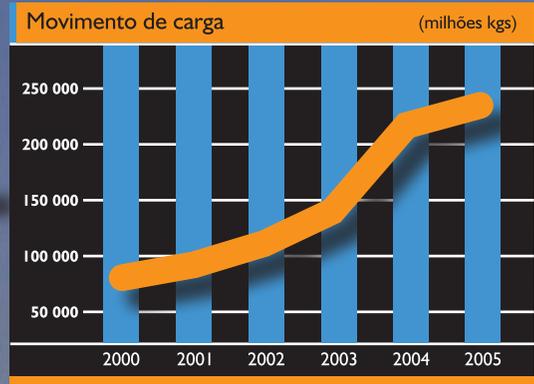
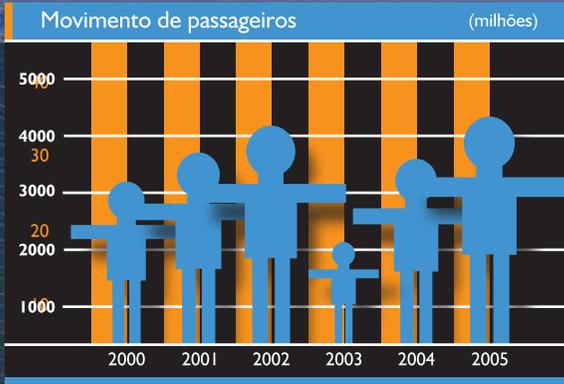


Foto: Air Macau

Com apenas dez anos de actividade o AIM já obteve reconhecimento internacional: em 2004 foi galardoado com o título de "Aeroporto do Ano" pelo "Center for Asia Pacific Aviation"

Após a entrada em funcionamento da companhia malaia *Air Asia*, em 2004, e da *Tiger Airways*, em 2005, outras empresas do sector estão em negociações para operarem a partir de Macau. Em 2006 está prevista a entrada em funcionamento da *Golden Dragon Airlines* – companhia de *full-service* - da Viva Macau e da *Macau Asia Express*, que negociaram acordos de subconcessão, a exemplo do que já antes fizera a tailandesa *Nok Air*.

A estratégia parece começar a resultar, numa altura em que o mercado de baixo-custo está em grande expansão, não só na Europa, onde primeiro surgiu, mas também na Ásia, que se apresenta como um mercado muito promissor.

Macau tenta neste contexto posicionar-se como uma plataforma ideal de operação para estas companhias: primeiro, adoptan-

do taxas mais baixas que as de aeroportos vizinhos, como o de Hong Kong; segundo, apresentando projectos turísticos, em especial casinos, hotéis e locais de entretenimento, que representam crescimento económico e aumento de visitantes; terceiro, explora o facto de estar apenas a 3 horas e meia de voo de quase todos os destinos do Sudeste Asiático, Coreia do Sul, Japão, Mongólia e interior do país – circunstância que agrada às companhias de baixo-custo. No entanto, o director executivo da Companhia do Aeroporto de Macau reconhece ser ainda preciso ultrapassar alguns obstáculos para que Macau possa tornar-se nesse centro de companhias de baixo custo: "Temos de compreender os constrangimentos do ambiente regulatório para quem queira por cá começar a operar voos. A este nível precisamos de melhorar a oferta". ■



Rotas a partir do AIM

Actuais:

Continente: Chengdu, Guilin, Kunming, Haikou,

Pequim, Nanjing, Xangai, Xiamen, Shenzhen

Taiwan: Kaoshiung, Taipé

Coreia do Sul: Seul

Filipinas: Manila

Cambodja: Siem Reap

Previstas:

Continente: Sanya, Hangzhou, Zhangjiajie, Cantão

Vietname: Ho Chin Min

India: Nova Deli

Alemanha: Frankfurt

Estados Unidos: Anchorage, Los Angeles

RAEM é a aposta certa

A *Air Asia* inaugurou uma nova era no AIM: foi a primeira companhia de baixo-custo a operar a partir da RAEM. Com sede na Malásia, a companhia liderada por Tony Fernandes, voa de Macau para Kuala Lumpur e Bangucoque. A preferência por Macau foi explicada por Tony Fernandes ao diário de Hong Kong, *The Standart*: “Macau viu o potencial da *Air Asia* e, ao contrário de Hong Kong, oferece taxas de utilização mais baixas e descontos”. Em meados de 2006, a *Air Asia* deverá iniciar uma nova rota para a Malásia, tendo como destino a zona balnear de Kota Kinabalu.

Em Macau desde Março de 2005, a *Tiger Airways*, companhia de baixo-custo com sede em Singapura, faz um balanço muito positivo das operações no AIM: “Estamos muito felizes com os resultados”, comenta o director executivo, Tony Davis, elogiando a “política de aviação liberal” da RAEM. Tony Davis é peremptório: “O mercado asiático é fantástico, tem grande dimensão e cada vez mais pessoas procuram preços baixos”. Actualmente, a *Tiger Airways* voa para Singapura e para Manila.

A companhia de baixo-custo tailandesa *Nok Air* promete entrar em força no mercado de Macau em meados de 2006, altura em que estarão em funcionamento novas atracções turísticas, tais como a Doca dos Pescadores (*Fishermen's Wharf*) e o primeiro casino de Steve Wynn. A *Nok Air* pretende começar a voar para Bangucoque, naquela que será a sua primeira rota internacional.

A *Macau Asia Express*, lançada em Janeiro, surge de uma *joint-venture* entre a *Air Macau* e da *Shun Tak*, empresa do grupo de Stanley Ho, pretende voar para vários destinos asiáticos que não façam parte das rotas exploradas pela companhia de bandeira da RAEM.

Já a *Viva Macau* procura voos mais distantes. Com um investimento inicial de cerca de 250 milhões de patacas (31,25 milhões de dólares), proveniente de empresas canadianas, norte americanas, australianas e tailandesas, esta companhia de baixo-custo tem um plano de voos ambicioso. Estão previstos destinos tão diversos como Lisboa, Milão, Goa, Emirados Árabes, Austrália e Honolulu. Considerando Macau a cidade mais atractiva para o investimento na Ásia, o CEO da *Viva Macau*, Andrew Pyne, sublinha que “a rota para Lisboa poderá ainda abrir as portas a ligações com outros países de língua portuguesa”. ■

No dia 9 de Novembro de 1995, um dia depois do Aeroporto Internacional de Macau ter sido inaugurado, 14 meses após a fundação da companhia, a Air

Centro de Treino da *Airbus*, em Toulouse, França. O segundo comandante formado por esse curso foi Paulo Bandeira, o piloto mais antigo dos que ainda

Dez anos com a bandeira de Macau

Macau realizou o primeiro voo comercial, ligando Macau a Pequim. Dez anos depois, a companhia

se encontram em actividade na Air Macau. Desses primeiros tempos da Air Macau, Bandeira recorda-



O primeiro voo da Air Macau foi efectuado em Novembro de 1995

de bandeira da RAEM mudou muito: aumentou os quadros, expandiu as rotas e tornou-se numa companhia aérea fundamental nas ligações semi-directas entre Taiwan e a China Continental.

Em 2005, a companhia transportou 2,1 milhões de passageiros. O primeiro avião a levantar voo, um *Airbus 321*, foi pilotado por João Brito, o primeiro comandante a sair do curso de formação realizado no

se de uma companhia de “dimensão familiar, onde existiam muita interajuda e uma grande coesão no interior da empresa”. O primeiro voo que comandou foi entre Macau e Pequim, na altura a única rota existente.

Depois das dúvidas iniciais quanto à viabilidade comercial da Air Macau, as ligações para Taiwan acabaram por se revelar “a galinha dos ovos de ouro” da companhia. É evidente

a dependência face a este nicho de mercado, que representa 70 por cento das receitas – todas as semanas a Air Macau realiza 76 voos de ida e volta para Taipé, e 28 para Kaoshiung. Além de Taiwan, a Air Macau voa para Pequim, Chengdu, Guilin, Haikou, Kunming, Nanjing, Xangai, Shenzhen, Xiamen, Shengzhen, Manila, Seul e Busan.

No futuro próximo estão previstas rotas para Sanya, ilha de Hainão, Zhangjiajie e Hangzhou, na China Continental.

Além do tráfego de passageiros, a Air Macau tem nos últimos anos apostado fortemente no transporte de carga aérea, investimento que começa a dar resultados: entre 2002 e 2004, o movimento de mercadorias passou de cerca de 30 mil para 100 mil

toneladas.

Em 2005 atingiu as 150 mil toneladas. Tendo em conta este crescimento notável, a Air Macau planeia em breve poder realizar voos directos de transporte de carga para Seul, Nova Deli e Saigão, bem como ligações indirectas para Los Angeles, com escala em Anchorage, no Alasca; e Frankfurt, com escala em Nova Deli. ■

J.C.M.



Cartaz publicitário do lendário “Martin 130”, que ficou conhecido por “China Clipper”

Tufões, filmes e piratas

A construção de aeroportos, nos tempos actuais, obedece a criteriosos estudos multidisciplinares, os quais, como sabem todos os que têm acompanhado as recentes polémicas sobre a localização dos novos empreendimentos, em vários pontos do mundo, redunda em toneladas de documentos, meses ou anos de discussões e, finalmente, uma decisão política que nunca agrada a todos os intervenientes.

Mas nem sempre foi assim. Tempos houve em que o local do aeroporto não se escolhia – acontecia, muitas vezes por acaso. Em Macau, por exemplo, o primeiro “aeroporto” aconteceu “na campa de onde tinha sido retirado o cadáver de um chinês”. Corria o ano de 1891 e aquele cemitério, na calçada dos Cavaleiros, no cen-

tro da cidade, teve a duvidosa honra de ser o primeiro local onde aterrou alguém, neste caso um pára-quadista americano, Thomas Baldwin, depois de ter efectuado em balão o primeiro voo na história do território, então administrado por Portugal.

Depois de umas piruetas no balão, conduzido por um seu irmão, Thomas Baldwin largou-se do aparelho e a sua queda livre foi logo amparada pela abertura de um pára-

quedas que o fez deslizar graciosamente para dentro de um túmulo recém aberto. Quando saiu, a multidão bateu palmas e estava inaugurada a história da aviação em Macau, sector onde a cidade foi pioneira em alguns episódios – nem todos pelas melhores razões.

Quando se fala em Miss Macau, a maioria

Por duas vezes, cemitérios serviram de “aeroporto”. O que podia ter sido um mau augúrio acabou por não se confirmar e a história da aviação em Macau tornou-se rica em episódios que acompanharam desde os primeiros tempos o evoluir do meio de transporte aéreo

das pessoas pensa em desfiles de beldades em fato de banho diante de uma plateia sorridente e das câmaras de televisão. Mas na história dos aviões Miss Macau representa o primeiro desvio aéreo ocorrido no Mundo, muito antes da generalização das operações de pirataria e de terrorismo aeronáutico registada na década de 70 do século passado.

O ataque foi tão “antes de tempo” que o avião desviado era um anfíbio Catalina e o motivo não teve nada a ver com motivações políticas, mas apenas com o roubo de uma considerável quantidade de ouro que transportava de Macau para Hong Kong. O comércio de ouro, cuja proibição decretada pelo tratado de *Bretton-Woods* estava prestes a vigorar em Hong Kong, motivou um enorme frenesim aéreo, com a criação, em 1948, de uma companhia de aviação em Macau – MATCO, *Macau Aerial Transport Co.* – e a tentativa frustrada de se criar uma pista na Areia Preta. Em alternativa, o então homem forte de Macau, Pedro José Lobo, associa-se aos fundadores da *Cathay Pacific* com os quais explora a rota para Hong Kong com aparelhos anfíbios que usavam as águas do Porto Exterior para chegar e sair de Macau. É um desses Catalina que em 16 de Junho de 1948 é assaltado em pleno voo por uma quadrilha de chineses, embarcados em Macau como passageiros, e que apenas conseguem fazer despenhar o avião, levando para a morte todos os que iam a bordo, excepto um dos assaltantes que ficaria preso em Macau durante alguns anos. No dia da sua libertação, foi morto à porta da cadeia.

Do outro lado do mundo

Pelas “boas razões”, Macau apresenta o registo de ter sido destino de uma das primeiras expedições aéreas desenvolvidas pela aviação militar em Portugal, país que então administrava colónias em África, Ásia e Oceania.

Apenas dois anos depois da primeira travessia aérea entre a Europa e a América do Sul (Lisboa-Rio de Janeiro), por Gago

Coutinho e Sacadura Cabral, outros aviadores portugueses empreendem o gigantesco voo, pelos padrões actuais, de Portugal a Macau. O voo, realizado por Brito Pais, Sarmento de Beires e Manuel Gouveia, parte no dia 2 de Abril de 1924 de uma pista de aviação de Vila Nova de Mil Fontes.



O avião chamava-se Pátria e muitos dias depois, quando aterriza em Bagdade, suscita a admiração de um outro pioneiro aéreo, o francês Pelletier Doisy, que fazia a expedição Paris-Tóquio.

“Examinei, estupefacto, o aparelho que tripulavam Brito Paes, Beires e o seu mecânico. Era um velho *Breguet* de bombardeamento de noite, com motor Renault de 300 cv. Quase um “coucou”. E eram três ali dentro. Sob as asas da sua casca de noz tinham instalado dois enormes depósitos cilíndricos, com capacidade para 1600 litros, e que pareciam flutuadores ligados às rodas.

Não escondi aos meus camaradas portugueses a admiração que me causava a sua façanha. Ter conduzido um BN2, de Lisboa a Bagdade, era qualquer coisa. Querer conduzi-lo até Macau parecia-me temeridade louca. Não conheço muitos pilotos que tivessem ousado semelhante tentativa com meios tão pouco apropriados. No entanto, Paes e os seus companheiros realizaram o seu projecto. Realizá-lo não era proeza fácil”, escreveu Doisy, no seu livro de memórias, “*Mon Raid*”.

De facto não era fácil e, no subcontinente indiano, uma aterragem forçada perturbada por um golpe súbito de vento destrói o Pátria. Mas nem por isso cessa a aventura – uma subscrição pública realizada em Portugal permite a compra de um aparelho

De Havilland 9 A e é já neste Pátria II que os pilotos portugueses sobrevoam Macau a 26 de Junho de 1924. A proximidade de um tufão impede-os de aterrar e vão cair direitinhos... num cemitério de uma aldeia chinesa.

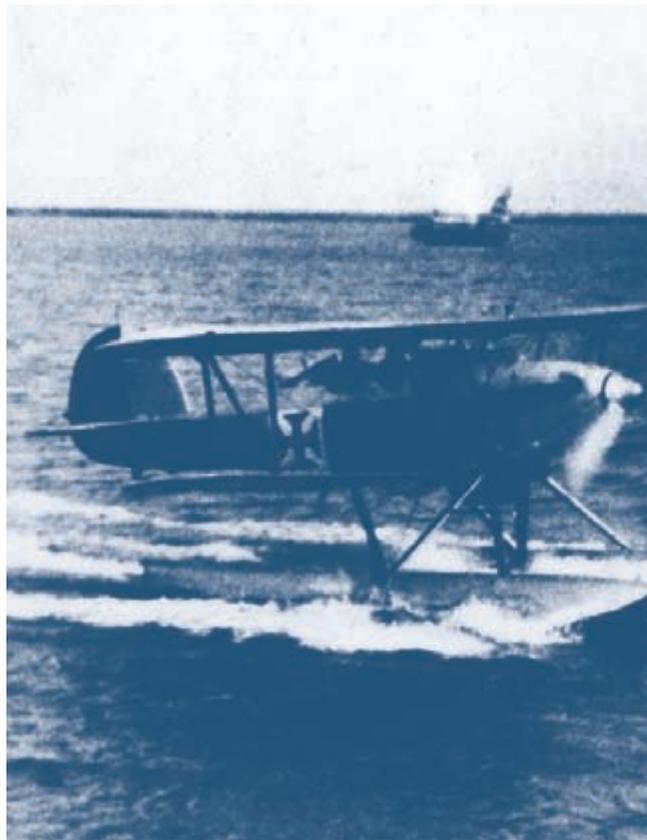
Ficava assim (quase) concluído o *raid*, que foi pioneiro nas viagens aéreas de ligação de Portugal às então suas colónias: a expedição Lisboa-Lourenço Marques foi realizada apenas em 1928, ano em que são tentadas, mas não concluídas, as primeiras ligações Lisboa-Luanda e Lisboa-Índia.

Durante quase 50 anos, mais ou menos a segunda metade do século XX, os aviões desapareceram dos céus de Macau, o que não deixa de ser estranho para uma cidade associada ao pioneirismo deste transporte aéreo. Hoje, com os aviões de volta, já quase não se repara nesse passado, mas suas marcas persistem, até mesmo nos locais mais improváveis. Quem passear por *Repulse Bay*, em Hong Kong, poderá encontrar o *De Ricou Apartments*, um conjunto residencial de luxo, baptizado com o nome de um desses visionários que tiveram razão antes de tempo ao insistir nos benefícios da aviação.

Charles Ricou, francês nascido em Hong Kong e residente em Macau, criou nos anos 20 a MAT CO. (*Macao Aerial Transport*), que durante algum tempo ligou a cidade a *Repulse Bay*. Depois, o sistema burocrático, os múltiplos interesses de Ricou na cidade e alguma desconfiança perante a sua condição de francês derrubaram o projecto.

Visionários e aventureiros

A MAT foi apenas uma das companhias que operaram em Macau quando voar era ainda uma actividade rara e só os audazes se aventuravam a entrar nos aparelhos que subiam das águas em direcção a misteriosos céus. Foi num desses aviões que, em 1936, a gigantesca companhia norte-americana *Pan Am* fez a sua aparição em Macau, no âmbito da rota S. Francisco-Manila-S. Francisco, que atravessava



meio Pacífico nos lendários *Martin 130*, que passaram para a História com a designação *China Clipper*.

O hidroavião amarou nas águas do Porto Exterior, perante uma grande multidão, e os passageiros deram uma volta pela cidade. De Macau ninguém embarcou no *China Clipper* (em rigor, *Philippine Clipper*), mas o aparelho transportou diversas malas com correio, cujos carimbos comemorativos da viagem são hoje em dia disputados pelos coleccionadores. A presença da *Pan Am* em Macau durou pouco mas ficou perpetuada no filme “*China Clipper*”, de 1936, no qual o ainda actor secundário Humphrey Bogart tenta aterrar no território durante um tufão.

Menos conhecidos que o famoso actor de “*Casablanca*”, os militares do Centro de Aviação Naval estabelecido em Macau, no ano de 1927, contribuíram como poucos para o desenvolvimento da aviação no território em missões de reconhecimento,

Cronologia

Os hidro-aviões deixaram de ligar Macau e Hong Kong com a invasão japonesa no Pacífico, no início dos anos quarenta



de trabalho topográfico e, até, no difícil combate à pirataria, que nessa época infestava as águas adjacentes à cidade.

Instalados na Taipa, os pilotos voavam em três hidroaviões *Fairey* - número constantemente reduzido por falhas de manutenção e falta de peças - e percorreram os céus de Macau até 1942, altura em que a agressão japonesa na Ásia tornou prudente a retirada dos obsoletos aparelhos, cuja presença podia constituir o pretexto para a intervenção nipónica em Macau, que de resto nunca aconteceu.

Após a curta experiência da MAT CO., no final dos anos 40, os aviões desaparecem de Macau durante quase 50 anos, até ao seu regresso viabilizado pela construção do Aeroporto Internacional, dando seguimento a uma história com mais de cem anos de episódios ■

* Autor de "Um Século de Aventuras, Aviação em Macau" - Edição Livros do Oriente

1891 – Os irmãos norte-americanos Baldwin realizam o primeiro voo, em balão, em Macau, durante o qual Thomas Baldwin se lança de pára-quadras, caindo numa campa recém aberta no centro da cidade.

1920 – Charles Ricou, empresário francês residente em Macau, lança a MAT, *Macao Aerial Transport*.

1924 – Realiza-se o primeiro "raid aéreo" Portugal – Macau, por Brito Pais, Sarmento de Beires e Manuel Gouveia (mecânico).

1934 – Ligação aérea Portugal-Timor-Macau-Índia por Humberto da Cruz e Gonçalves Lobato (mecânico).

1927 – Instala-se na Taipa uma secção da Aviação Naval, dependente dos Serviços de Marinha, com três hidroaviões *Fairey*.

1929 – A aviação naval controla uma revolta de soldados portugueses, amotinados na Fortaleza do Monte.

1936 – Amara em Macau o *Philippine Clipper*, da Pan Am, no primeiro voo transpacífico na rota S. Francisco - Manila - S. Francisco da companhia norte-americana.

1942 – Extinto o corpo de Macau da Aviação Naval, já com a China, Hong Kong e a maioria do continente asiático ocupados pelos japoneses.

1945 – Aviões norte-americanos bombardeiam Macau por diversas vezes e causando várias vítimas, no final da Guerra do Pacífico. Os EUA indemnizam Portugal com cerca de 60 milhões de dólares.

1946 – A MAT CO. (companhia de Macau) e a Cathay Pacific (Hong Kong) iniciam ligações entre as duas cidades com hidroaviões Catalina.

1948 – O hidroavião Miss Macau é assaltado durante a viagem entre Macau e Hong Kong por uma quadrilha de ladrões. Apenas uma pessoa – um dos assaltantes – sobrevive.

1967 – Último voo da MAT CO., então já numa fase muito irregular, entre Macau e Hong Kong, com um *Piaggio*.

1987 – A "Sagres" - uma *Mooney Super 21 M-2* - liga Portugal a Macau, evocando o *raid aéreo* de Brito Pais e Sarmento Beires. Dois pilotos, Jorge Cruz e Armando Leal, e o mecânico Álvaro Mendes compõem a tripulação.

1988 – O governo de Macau anuncia a construção do aeroporto internacional de Macau.

1995 – Inaugurado o AIM. A Air Macau inicia operações com um voo para Pequim e Xangai.

Da China para a África

A China admite abrir o seu mercado aos produtos de países africanos menos desenvolvidos e, a prazo, criar uma zona de comércio livre com países ou organizações africanas. A China manifestou ainda a intenção de continuar a disponibilizar empréstimos preferenciais e créditos de exportação. E propõe-se apoiar o desenvolvimento e exploração dos recursos naturais, ajudando os países africanos a traduzi-los numa vantagem competitiva. Por outro lado, a China promete empenhar-se na redução e alívio da dívida externa dos países africanos, nomeadamente intercedendo junto das instituições internacionais.



Europa deslumbrada com mercado chinês

Os gestores das principais empresas europeias consideram a China um dos países que apresenta maior potencial de crescimento as suas exportações. De acordo com os dados presentes na edição deste ano do *Europe Business Monitor* (UPS), 71 por cento dos gestores que consideram a Ásia como um destino atractivo para os seus produtos. Os gestores europeus reconhecem contudo a existência de limitações, especialmente de ordem prática. A burocracia é referida por 59 por cento dos inquiridos como um obstáculo, logo seguido pela potencial falta de conhecimento do mercado, com 53 por cento.



Maior central eólica da Ásia

A China vai construir, em parceria com a Alemanha, as maiores turbinas eólicas da Ásia, gerando energia para abastecer as provas marítimas das Olimpíadas de 2008. Orçado em mais de 100 milhões de dólares, o plano prevê cinco turbinas com capacidade de cinco megawatts cada, instaladas ao largo de Qingdao, província de Shandong, leste do país, onde decorrerão as provas. O Governo Central tem como meta o uso de energias renováveis para 15 por cento do sistema eléctrico do país, em 2020, contra os actuais sete por cento.



Gigante asiático arrefece o crescimento

A economia chinesa vai arrefecer em 2006, crescendo entre os 8,5 e os nove por cento. Este ano será de “crescimento ligeiramente reduzido”, com “as políticas macro-económicas de controlo do crescimento a surtirem efeitos”, refere um relatório da Comissão de Reforma e Desenvolvimento (CNRD), que tem o estatuto do Ministério do Desenvolvimento e do Planeamento Económico. Segundo as autoridades alfandegárias, as exportações subiram 28,4 por cento em 2005, atingindo os 774 mil milhões de dólares. As importações subiram 17,6 por cento, para os 670 mil milhões de dólares.





China rende-se ao telemóvel

Os utilizadores da rede móvel da *China Mobile*, a maior operadora do país, enviaram mais de 700 milhões de mensagens escritas (SMS) por dia, em 2005. A China, com 1,3 mil milhões de habitantes, é o maior mercado de telemóveis do mundo, com 388 milhões de assinantes. Segundo o “Fórum Chinês das Telecomunicações Móveis”, o mercado das telecomunicações móveis crescerá em especial nas pequenas e médias cidades, e áreas rurais, atingindo os 520 milhões, em 2008, e os 600 milhões em 2010.



Casinos em grandes cifrões

A RAEM fechou o ano de 2005 com receitas brutas de jogo a rondarem os 45.800 milhões de patacas (USD 5621 milhões). No final de 2005, Macau tinha em funcionamento 17 casinos que disponibilizavam 1388 mesas de jogo e 3421 *slot machines*, mais 1049 mesas e 2613 *slots machines* do que em 2002, o ano em que o Executivo da RAEM liberalizou a indústria do jogo. Os projectos em curso indicam que no final do corrente ano deverão estar a funcionar 25 casinos em Macau, com receitas brutas globais que poderão atingir os seis mil milhões de dólares.



Inflação cresce em Macau

A taxa de inflação em Macau, em 2005, foi de 4,4 por cento, quando no ano transacto se fixara em um por cento. A subida de preços deve-se fundamentalmente às secções de “rendas e despesas com habitação”, (8,27 por cento), “ensino e lazer”, (4,07 por cento) e “produtos alimentares e bebidas”, (3,99 por cento). Em Dezembro os preços ao consumidor aumentaram 0,43 por cento, com as subidas verificadas nas secções “saúde” (0,92 por cento), “outros bens e serviços”, (0,76 por cento) e “transportes e comunicações” (0,60 por cento).



Ponte gigantesca no Rio das Pérolas

A ponte de 30 quilómetros que ligará Hong Kong a Macau e a Zhuhai, representando um investimento de quatro mil milhões de dólares americanos, vai começar a ser construída no final deste ano e deverá ficar concluída em cinco anos. A ponte, superada em extensão apenas pela ponte sobre o lago *Pontchartrain*, nos EUA, ligará Macau à ilha de Lantau, onde está o aeroporto de Hong Kong. A estrutura, sugerida pela primeira vez em 1983 pelo empresário de Hong Kong Gordon Wu, reduzirá a distância entre Hong Kong e Macau para 30 minutos.

A chegada de um novo ano é, na China como em todo o mundo, motivo de celebração e de renovação de esperanças.

A publicação de almanaques nos meses que antecedem a chegada do novo ano é um dos ingredientes desse ambiente de festa. Esses pequenos livros, inspirados no tradicional almanaque Tong Shu, trazem as previsões astrológicas para o ano que então começa. Uma síntese das mesmas é apresentada nas páginas que se seguem. O calendário lunar é utilizado para indicar as datas das festividades tradicionais

corrente ano está também sob a influência do elemento Fogo. Na linguagem astrológica, diz-se que é um ano bing-xu, sendo bing o carácter ou “tronco celeste” que representa o Fogo, e xu o “ramo terrestre” a que corresponde o signo do Cão.

A astrologia popular associa ao signo do Cão características como a fidelidade e alguma agressividade superficial, que todavia não corresponde a uma realidade profunda. Dir-se-ia que “cão que ladra, não morde”, pelo que, nesta associação de ideias, poderá afirmar-se que as hostilida-

Sob o signo do Cão

Às 22h15 (hora de Pequim) do dia 29 de Janeiro (isto é, 14h15 de Tempo Universal, TU), começou um novo ano lunar, que se prolongará até 17 de Fevereiro de 2007. Cada ano é regido por um dos doze signos do zodíaco oriental, estando 2006 sob a égide do Cão.

chinesas, que, em geral, são datas móveis. Assim, o primeiro dia do novo ano lunar pode calhar algures entre finais de Janeiro e finais de Fevereiro. Mas, no calendário usado pelos astrólogos, que é um calendário solar, o ano chinês começa, em regra, a 4 de Fevereiro (às vezes a 3 ou a 5 de Fevereiro), do mesmo modo que a Primavera ocidental começa no dia 21 de Março (às vezes, a 20 de Março). Este ano do Cão começou às 23h07 (TU) do dia 3 de Fevereiro, ou seja, às 7h07 de 4 de Fevereiro em Macau e no resto da China.

Isso quer dizer que os livros publicados no Ocidente, que fazem coincidir o começo do ano astrológico com a festividade do Ano Novo Chinês, estão errados. Por exemplo, as crianças nascidas este ano entre as 14h15 (TU) de 29 de Janeiro e as 23h06 (TU) de 3 de Fevereiro pertencem ainda ao signo do Galo, não ao do Cão. Além de dominado pelo signo do Cão, o

des serão muitas vezes mais aparentes do que reais e que, no fundo, o amor pela paz será maior do que o desejo de guerra. No entanto, quando elaboram os seus prognósticos, os astrólogos chineses baseiam-se mais na interacção dos (cinco) elementos do que na simbologia do signo. Para eles, o mais significativo é que estamos num ano em que o elemento Fogo está muito forte, não só devido à influência celeste bing mas também porque o próprio Cão guarda dentro de si o elemento Fogo. Outro elemento em foco é a Terra, que é o elemento do Cão.

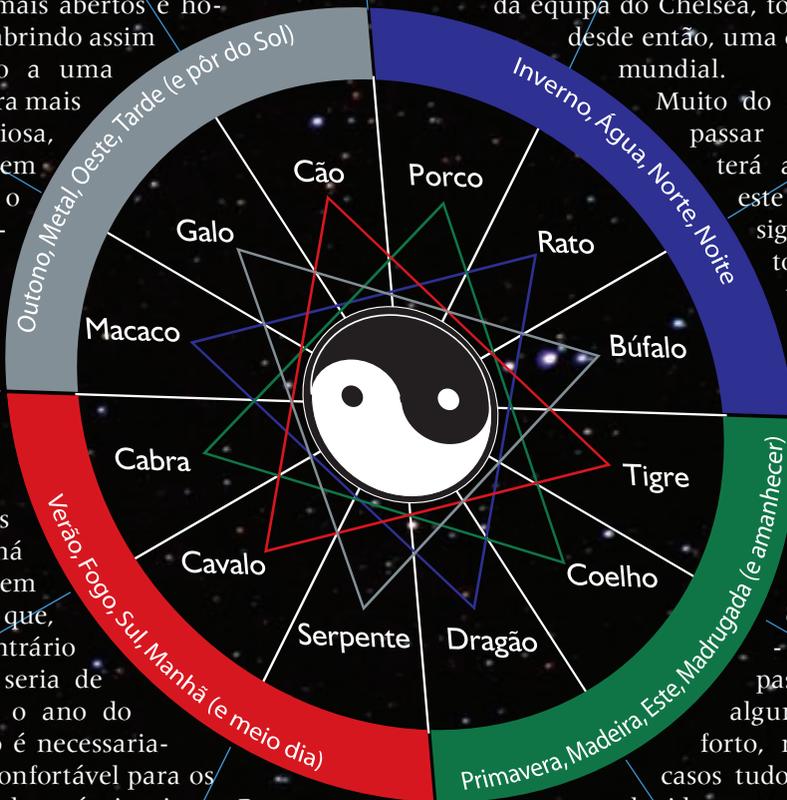
Para interpretar esta combinação de energias, há que ter em conta que, segundo os princípios que regem a interacção entre os elementos, o Fogo dá nascimento à Terra, o que quer dizer que, finalmente, há harmonia entre as energias dominantes do ano, o que não acontecia desde o ano 2000. Na interpretação do astrólogo Ray-

mond Lo, de Hong Kong, é pois de esperar que 2006 traga, em termos comparativos, menos conflitos na cena internacional. O tronco celeste do ano, bing, é Fogo yang. Isso corresponde, simbolicamente, ao Sol (o Fogo yin é como uma chama ou uma pequena fogueira, ao passo que o Fogo yang brilha com a intensidade e a plenitude do Sol), que veicula uma mensagem de abertura, franqueza e optimismo. Na visão do mesmo astrólogo, é de esperar que haja “conversações e acordos de paz mais abertos e honestos, abrindo assim caminho a uma atmosfera mais harmoniosa, que tem faltado no mundo desde há vários anos”. No que diz respeito às previsões anuais, há que ter em conta que, ao contrário do que seria de esperar, o ano do Cão não é necessariamente confortável para os nativos do próprio signo. Por outras palavras, a repetição do signo do nascimento não é uma garantia de que se está perante um ano favorável (tudo depende, afinal, do horóscopo individual). No mínimo significa que será um ano de mudanças, mesmo que sejam alterações neutras e sem grandes implicações. Em segundo lugar, há a considerar o choque natural existente entre o Cão e o Dragão (situam-se em pontos opostos do Zodíaco), que será activado este ano. Isto pode significar momentos difíceis

para os nativos do Dragão, embora não necessariamente, pela mesma razão já referida. Este conflito de energias pode ser desconfortável, mas também deixa em aberto a possibilidade de acontecimentos excepcionalmente bons. Em 2004, ano do Macaco, que se opõe ao Tigre, o treinador de futebol português José Mourinho, nascido sob este último signo, foi desafiado pelas circunstâncias e reagiu pela positiva, dando o título de campeão ao F. C. do Porto e sendo convidado para treinador da equipa do Chelsea, tornando-se, desde então, uma celebridade mundial.

Muito do que se vai passar em 2006 terá a ver com este eixo de signos opostos. Indirectamente, os signos do Búfalo e da Cabra - também signos de Terra, como o Cão e o Dragão - poderão passar por algum desconforto, mas nestes casos tudo será mais esbatido e menos radical.

Finalmente, os signos naturalmente beneficiados em 2006 serão o Tigre, o Coelho e o Cavalo. O Coelho tem uma cumplicidade especial com o Cão, formando os dois como que um casal no zodíaco chinês. Por seu turno, o Tigre e o Cavalo beneficiam do facto de pertencerem à mesma “família” zodiacal do Cão, todos reunidos sob a égide do elemento Fogo. Os nativos da Serpente e do Porco podem igualmente contar com um bom ano do Cão, sobretudo no campo sentimental. ■



Poucas notícias, boas notícias

Juntando as informações dos principais almanaques, fica-se com a ideia de que os nativos do Rato não deverão esperar um ano difícil, que todavia não será espectacular.



O seu relacionamento com as “energias” do Cão é pacífico. É certo que o Cão tende a disciplinar o Rato (o elemento Terra do primeiro tende a conter e controlar o elemento Água do segundo), o que pode ser sentido por vezes como desconfortável. No entanto, representará, ao mesmo tempo, a oportunidade: maior disciplina significa a capacidade de utilizar melhor as potencialidades pessoais e, portanto, a maior probabilidade de sucesso e progresso.

ANOS 1924, 1936, 1948, 1960, 1972, 1984 e 1996

AMOR ★★★ “No news is good news”. Um princípio que, durante 2006, ano do Cão, se aplicará sobretudo aos nativos do Rato que ambicionam uma vida familiar e sentimental estável. Poderá haver momentos de alguma emocionalidade dentro do casal (o Cão tentando disciplinar o Rato...) mas no fundamental haverá segurança. Quanto aos que aspiram a que “alguma coisa aconteça” - diz Peter So - terão de se “mexer” durante a primeira metade do ano chinês, isto é, até princípios de Agosto. Depois dessa data, tudo será mais difícil.

TRABALHO ★★★ Ser-lhes-á possível progredir, por mérito próprio, mas não deverão contar com a sorte. É importante que estabeleçam claramente os seus objectivos e lutem por eles com determinação.

DINHEIRO ★★★ Deverão encarar este aspecto das suas vidas como uma consequência natural das suas decisões inteligentes. A sorte a que tiverem direito bater-lhes-á à porta, sem que tenham de se esforçar por isso.

SAÚDE ★★★ Para a generalidade dos nativos do signo, este será um dos aspectos mais protegidos.

O seu signo benfeitor (em 2006) será o Tigre
 Cores favoráveis: azul, cinzento, preto e branco
 Cores desfavoráveis: verde e amarelo
 Números de sorte: 1 e 9

Ano de consolidação

Os astrólogos estão de acordo em que há a presença de “estrelas” negativas no destino dos nativos do Búfalo em 2006, ano do Cão. Mas praticamente todos reconhecem que essa influência negativa é relativamente fraca e facilmente anulável por outros factores positivos - como por exemplo os que resultam do horóscopo individual, baseado nos dados completos do nascimento.



O astrólogo Peter So sublinha que nada de grave estará em causa, mas apenas algum “ruído” de fundo, como intrigas ou preocupações. No plano concreto, haverá provavelmente estabilidade a consolidação do que foi conseguido no ano precedente.

O astrólogo Peter So sublinha que nada de grave estará em causa, mas apenas algum “ruído” de fundo, como intrigas ou preocupações. No plano concreto, haverá provavelmente estabilidade a consolidação do que foi conseguido no ano precedente.

ANOS 1925, 1937, 1949, 1961, 1973, 1985 e 1997

AMOR ★★★ O ano será especialmente positivo para as pessoas do sexo feminino. Alguns almanaques chegam a classificar 2006 como bom para o casamento, mas o de Sung Siu Kwong aconselha a que este aspecto da vida seja encarado com precaução. Outros ainda apontam para a tentação de aventuras e os riscos daí decorrentes.

TRABALHO ★★★ Parece ser o aspecto mais claramente beneficiado pela conjuntura do destino. O estatuto profissional estará em geral bem, o trabalho que se faz é reconhecido pelos outros. Os apoios virão muito provavelmente de pessoas do sexo feminino. Mas Sung Siu Kwong é menos optimista: os resultados serão comparativamente menores do que os esforços empreendidos. Uma estratégia conservadora, sem investimentos excessivos, resultará bem.

DINHEIRO ★★ As potencialidades são pequenas neste campo. O melhor será estabelecer objectivos pouco ambiciosos e pensar mais em conservar do que em expandir.

SAÚDE ★★ Eventuais problemas sem gravidade. Levar uma vida saudável deverá ser uma prioridade.

O seu signo benfeitor (em 2006) será o do Cavalo

Cores favoráveis: verde, amarelo e castanho

Cores desfavoráveis: cinzento e preto

Números de sorte: 1 e 5

Destino com saldo positivo

As vibrações do seu signo de nascimento (Tigre) e do ano de 2006 (Cão) combinam-se bem, apesar das evidentes diferenças que as simbologias dos dois signos evidenciam. Os Tigres, por natureza intransigentes, poderão esperar das circunstâncias e das pessoas, apoios incondicionais e desinteressados.

Este poderá pois ser um ano de “sorte” para muitos Tigres. Na menor das hipóteses, manterão a situação em que se encontram. Mas se vêm de um período difícil, chegou

o tempo da resolução dos problemas e do progresso esperado.

Alguns astrólogos baseiam-se na presença das chamadas “estrelas negativas” para prever um ano com algumas dificuldades. Todavia, a influência de “estrelas auspiciosas” ajudará os nativos do Tigre a ultrapassarem as crises e a transformar as situações más em oportunidades.



ANOS 1926, 1938, 1950, 1962, 1974, 1986 e 1998

AMOR ★★ (★) De uma maneira geral haverá harmonia no relacionamento com os outros. No amor, apesar de uma grande probabilidade de que “aconteça qualquer coisa”, acabará por não haver uma alteração significativa no *status quo*.

TRABALHO ★★★ Poderá haver uma ou outra crise, mas ultrapassável. A primeira metade do ano chinês (até princípios de Agosto) será muito activa, mas com poucos resultados concretos. A segunda metade será mais calma. Mais oportunidades para os homens do que para as mulheres do signo.

DINHEIRO ★★ Como não se vislumbram grandes oportunidades neste campo, os nativos do Tigre deverão agir com prudência e fazer investimentos conservadores.

SAÚDE ★★★★★ De acordo com os almanaques chineses, este deverá ser o grande trunfo para muitos nativos do Tigre. Um bom estado físico ajudará a uma atitude de espírito mais positiva, “atraindo” as coisas boas.

O seu signo benfeitor (em 2006) será o Coelho

Cores favoráveis: verde, cinzento, preto e azul

Cores desfavoráveis: branco e amarelo

Números de sorte: 2 e 8

Viva o ano do Cão!

O ano passado (2004, ano do Galo) terá sido de grandes desafios, já que o Galo e o Coelho opõem-se no zodíaco, gerando por isso um choque de energias. Isso poderá ter-se traduzido em mudanças, eventualmente não desejadas, e alguma instabilidade ou tensão. Agora, neste ano do Cão, o ambiente astral muda radicalmente. Com efeito, o Coelho e o Cão formam uma parceria especial no zodíaco chinês, pelo que as energias correspondentes se combinam e completam muito bem.



Os nativos do Coelho serão provavelmente as “estrelas” deste ano, em termos do zodíaco chinês.

ANOS 1927, 1939, 1951, 1963, 1975, 1987 e 1999

AMOR ★★★ O relacionamento com os outros será um elemento-chave no destino dos Coelhos em 2006, não só no campo sentimental, mas também em outros.

Haverá muitas oportunidades de conhecerem outras pessoas e iniciarem relacionamentos. O entusiasmo e, muitas vezes, a paixão estarão muitas vezes presentes, mas em princípio os romances não serão duradouros.

Quanto ao casamento, poderá ficar perturbado por algumas tempestades...

TRABALHO ★★★★★ Valerá a pena esforçarem-se pois colherão os frutos do seu trabalho. Os almanaques referem a existência de muita sorte guardada para os Coelhos ao longo do corrente ano. É pois um tempo para a acção - de outro modo, arriscam-se a deixar fugir um dos grandes momentos das suas vidas.

DINHEIRO ★★★★★ Num contexto como o deste ano, o dinheiro aparecerá com alguma facilidade. Os que se dedicam aos negócios encontrarão bons (e muitos) clientes e excelentes parceiros. Gente poderosa ajudá-los-á - prevêm os almanaques.

SAÚDE ★★★ A saúde estará em consonância com a vibração auspiciosa do ano. Mesmo os que estiverem doentes, sentirão novas energias a movê-los para a cura.

O seu signo benfeitor (em 2006) será a Serpente

Cores favoráveis: vermelho, púrpura, amarelo e branco

Cores desfavoráveis: cinzento e verde

Números de sorte: 1 e 4

Chegou a hora da mudança

No zodíaco chinês o Dragão e o Cão opõem-se. Isto significa um choque de energias, cuja consequência mais imediata será a mudança. Pode ser de emprego, de casa ou de situação familiar. É difícil garantir (sem conhecer o horóscopo individual, baseado

não só no ano mas também no mês, no dia e na hora do nascimento) se essa mudança será para melhor, para pior ou neutra. A única garantia, poderá dizer-se, é que nada ficará como dantes, o *status quo* será desafiado...

No conjunto, tende a haver instabilidade e tensão.



ANOS 1928, 1940, 1952, 1964, 1976, 1988 e 2000

AMOR ★★ O amor, uma vez conseguido, exige estabilidade e harmonia. Situações que será difícil aos Dragões conseguirem ao longo de 2006, pois o ambiente será de movimento e instabilidade. Terão de se esforçar por se adaptarem às circunstâncias e compreenderem melhor os seus parceiros.

Quanto aos não casados ou não envolvidos em relações estáveis, tudo poderá acontecer (e provavelmente acontecerá) neste ano do Cão!

TRABALHO ★★ A tónica das previsões para este aspecto da vida é, uma vez mais: mudança! Poderá ser uma alteração substancial na situação profissional, envolvendo uma mudança de emprego ou de estatuto, ou meras alterações sem significado.

DINHEIRO ★ Se houver alguma “sorte” reservada para o campo financeiro, ela manifestar-se-á de forma espontânea. À parte isso, os Dragões deverão ser particularmente cuidadosos. Será muito fácil perderem dinheiro por más decisões ou como resultado de circunstâncias impossíveis de controlar. Haverá gastos inesperados, para os quais se devem preparar.

SAÚDE ★★ Num ano potencialmente atribulado, deve ser feito um esforço extra para preservar a saúde.

O seu signo benfeitor (em 2006) será o próprio Dragão

Cores favoráveis: amarelo, castanho e verde

Cores desfavoráveis: cinzento e azul

Números de sorte: 2 e 6

Sob a estrela do amor

Por natureza, os nativos da Serpente tendem a ser um tanto reservados e habitam-se a contar mais consigo próprios do que com a ajuda dos outros. Mas no corrente ano, sob o signo do Cão, é importante que saibam abrir-se um bocado mais aos outros, acreditando na sua bondade e nas suas boas intenções.

Esse esforço no sentido de uma maior sociabilidade trará recompensas e poderá beneficiar todos os aspectos da vida.

De acordo com o almanaque de Peter So, a Serpente é, dos três signos que atravessam o seu "ano de relacionamento", o mais beneficiado de todos, a este respeito.



ANOS 1929, 1941, 1953, 1965, 1977, 1989 e 2001

AMOR ★★☆☆ Este será o aspecto mais beneficiado, devido à auspiciosa "estrela" do amor. O relacionamento com os outros será melhor e trará satisfação. É grande a probabilidade de um acontecimento positivo na vida sentimental ou na vida familiar. Um bom ano para o casamento.

TRABALHO ★★☆☆ Devido às energias harmoniosas do ano, os nativos da Serpente poderão fazer progressos significativos no campo profissional. Todo o esforço feito no sentido de melhorar o relacionamento com colegas de trabalho ou parceiros de negócio será altamente recompensado. Os que, devido às suas funções ou ramo de actividade, tiverem de contactar com outras pessoas serão, obviamente, os mais beneficiados.

Os almanaques recomendam cautela em tudo o que tenha a ver com documentos legais e o respeito pela legalidade.

DINHEIRO ★★☆☆ Pode haver uma boa sorte extraordinária neste campo. Mas se não agirem com sensatez, arriscam-se a deitar tudo a perder.

SAÚDE ★★☆☆ O ambiente de harmonia exerce um efeito benéfico sobre a saúde.

O seu signo benfeitor (em 2006) será o Cão

Cores favoráveis: amarelo, verde e castanho

Cores desfavoráveis: vermelho e preto

Números de sorte: 5 e 7

Em família

O Cavalo e o Cão pertencem à mesma família de signos. Por isso, apesar da presença de algumas “estrelas” negativas no seu destino para 2006, a generalidade dos almanaques conclui por prever um ano rico em potencialidades para os nativos do Cavalo. No mínimo haverá paz e estabilidade e o relacionamento com os outros estará favorecido.

Tratando-se pois de um período positivo, os nascidos sob este signo devem assumir uma atitude activa, não se limitando a esperar que a boa sorte lhes bata à porta. É importante que estabeleçam

objectivos claros quanto ao que querem da vida e lutem pela sua concretização.

O relacionamento com nativos do Tigre e do Cão estará beneficiado, já que os três signos se integram numa mesma família, sob o patrocínio do elemento Fogo.



ANOS 1930, 1942, 1954, 1966, 1978, 1990 e 2002

AMOR ★★★ A boa notícia é que os nascidos sob o Cavalo ainda estarão sob a conjuntura favorável de 2005 (no que diz respeito à vida sentimental). A mesma influência poderá ainda fazer sentir-se durante a primeira metade deste ano do Cão, isto é, até princípios de Agosto, no calendário ocidental.

A notícia menos boa é que a conjuntura específica de 2006 não é tão favorável, podendo gerar alguma instabilidade e desentendimento.

TRABALHO ★★★ Ano para o progresso lento e seguro, em que os méritos profissionais serão reconhecidos. Contudo – diz Peter So – isso não implicará necessariamente uma promoção, embora traga certamente mais estatuto e autoridade.

É muito importante que não actuem isoladamente. Se conjugarem os seus próprios interesses com os de outras pessoas, os resultados serão mais amplos e evidentes.

DINHEIRO ★★★ Poderá não ser espectacular, mas será bom.

SAÚDE ★★★★★ A conjuntura é claramente positiva a este respeito.

O seu signo benfeitor (em 2006) será o Búfalo

Cores favoráveis: amarelo, branco e castanho

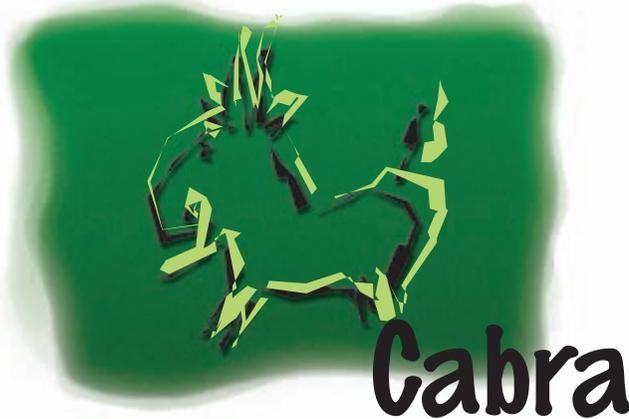
Cores desfavoráveis: vermelho e laranja

Números de sorte: 2 e 7

Do bom e do mau

Há uma dissonância entre a Cabra e o Cão. Não é grave, mas o suficiente para incomodar.

No conjunto, porém, o balanço acaba por ser positivo, oscilando as previsões dos almanaques entre o neutro ou misto e o claramente positivo. Há “estrelas negativas”, mas a



presença de “estrelas positivas” permite muitas vezes anular o efeito das primeiras. Será possível aos nativos da Cabra transformarem situações difíceis em oportunidades, realizando a magia da transformação do mal em bem.

Numa palavra, não deverão deixar-se impressionar pelas situações aparentemente insolúveis e confiar nas suas capacidades. Tudo acabará por se alterar a seu favor.

ANOS 1931, 1943, 1955, 1967, 1979, 1991 e 2003

AMOR ★★ Este será um dos aspectos mais críticos. Poderá haver amor e paixão, mas também instabilidade, intriga e maledicência. Terão de conservar a serenidade.

TRABALHO ★★★ Devem caminhar devagar e com segurança. Há espaço para o progresso profissional, pois surgirão oportunidades, mas, ao mesmo tempo, outras pessoas se movimentarão, pretendendo o mesmo. Manter os olhos bem abertos!

DINHEIRO ★★ As perspectivas não são brilhantes, mas também não são más. Não conte com a sorte. O dinheiro custará muito trabalho e esforço. Mas Sung Siu Kwong diz que o ano será bom para investimentos e para iniciar um negócio.

SAÚDE ★★ Este o aspecto da vida que deverá ser encarado com maior cuidado. A tensão e o excesso de trabalho serão os maiores inimigos. A saúde deve estar no topo das prioridades.

O seu signo benfeitor (em 2006) será o Rato

Cores favoráveis: vermelho, branco, laranja e púrpura

Cores desfavoráveis: verde e preto

Algarismos de sorte: 1 e 3

Ano movimentado, mas...

As previsões dos almanaques são contraditórias, mas nenhum prevê um ano acentuadamente bom ou mau.

Peter So chama a atenção para uma “união secreta” entre o Macaco e o Cão, influência que pode favorecer os nativos do primeiro signo. Diz ele, surgirá alguém a querer ajudar - a ajuda poderá não ser tão efectiva, mas condicionará positivamente a “sorte” do ano.

Na pior das hipóteses, para Peter So, será um ano sem acontecimentos de relevo, mas com estabilidade.

Há que ter em conta, por outro lado, que se trata de um “ano de mobilidade”, o que signi-

fica predisposição para mudar de casa, viajar ou outras mudanças, que no entanto não serão radicais. Pode acontecer que se tenha de viajar ou viver temporariamente no estrangeiro, por razões profissionais.

Sung Siu Kwong é menos optimista e recomenda a precaução.

Definitivamente, não é um ano para tentar a aventura.



ANOS 1932, 1944, 1956, 1968, 1980, 1992 e 2004

AMOR ★★★ Bom ano para ter amigos e, de uma maneira geral, estabelecer boas relações com os outros. Isso é importante e acaba por ajudar a vida sentimental. Mas não é de esperar que seja um período realmente romântico.

TRABALHO★★ O caminho mais sábio será não depositar grandes esperanças nos próximos meses. Se tem em mente algum projecto importante, ou adie a sua implementação para melhor altura, ou leve-o por diante em passo lento. Entretanto, aproveite o lado agradável dos pequenos acontecimentos, como viagens, já referidos.

DINHEIRO ★ Trata-se de um ano mais apropriado para gastar do que para ganhar... Faça os possíveis para que o saldo não seja demasiado negativo.

SAÚDE★★★★ A boa saúde poderá ser uma das melhores notícias do ano.

O seu signo benfeitor (em 2006) será o Porco
 Cores favoráveis: verde, azul, cinzento e preto
 Cores desfavoráveis: amarelo e castanho
 Algarismos de sorte: 8 e 9

No reino da serenidade

Os nativos do Galo ainda viverão, por algum tempo, sob os efeitos do ano precedente (do Galo, 2005), dominado pelo seu próprio signo. Para uns, terá signo um tempo de sucesso, para outros, de perturbação ou instabilidade. Os dados foram lançados em 2005. Muito do que acontecerá em 2006, sob o signo do Cão, será uma consequência



natural da conjuntura do ano precedente.

À parte este enquadramento, as energias específicas de 2006 pouco acrescentam de realmente novo. Quando a vida passa por transformações significativas, há que ter tempo para as assimilar. Esta a mensagem fundamental deste ano do Cão.

ANOS 1933, 1945, 1957, 1969, 1981, 1993 e 2005

AMOR ★★ O que era para mudar, deverá ter mudado no ano passado, sob a égide do Galo. Para o bem ou para o mal. Não é de supor que 2006, sob o Cão, traga alguma coisa de realmente novo.

De acordo com o almanaque de Sung Siu Kwong, quanto menos se esperar de 2006, mais o ano poderá trazer de inesperadas e agradáveis surpresas.

TRABALHO ★★ Para Sung Siu Kwong, será um ano “a passo de caracol”, neste campo. A combatividade e a competitividade não compensarão. Os nativos do Galo ganharão muito mais se optarem por se descontraír e estabelecer como primeira prioridade a melhoria do relacionamento com os seus colegas e clientes. Este será, de facto, o caminho para a boa sorte.

DINHEIRO ★★ Um ano em que, quanto menos se esperar, mais se conseguirá. Mais benéfico para os nativos do sexo masculino do que para as mulheres. Em qualquer dos casos, uma atitude serena e descontraída conduzirá aos melhores resultados.

SAÚDE ★★★ Uma boa e adequada filosofia de vida acabará por reflectir-se positivamente na saúde.

O seu signo benfeitor (em 2006) será o próprio Galo
 Cores favoráveis: amarelo, azul, cinzento e vermelho
 Cores desfavoráveis: branco e verde
 Algarismos de sorte: 8 e 2

Ano de mudanças

O Cão será um dos signos desafiados pela conjuntura do ano. Ao contrário do que se poderia esperar, os nativos do Cão não estarão necessariamente à vontade no seu próprio ano. Haverá desafios e nem tudo estará garantido. Não será uma questão de



má sorte mas sim um ambiente de mudança e alguma tensão. As mudanças tanto podem ser positivas como negativas.

Devem preparar-se para todas as eventualidades. Se forem acontecimentos positivos, estes ocorrerão por pura sorte. Mas como há a possibilidade de acontecimentos negativos, a prudência deverá ser uma regra de conduta.

ANOS 1934, 1946, 1958, 1970, 1982, 1994 e 2006

AMOR ★★ Este será um dos aspectos da vida em que o ambiente de mudança do ano mais se fará sentir. O que tanto poderá corresponder a um acontecimento positivo como negativo.

Encarar com serenidade qualquer eventual turbulência neste campo da vida. Uma reacção demasiado emocional pode, por si só, criar um problema onde ele não existia.

TRABALHO ★★★ Predisposição para mudanças no ambiente profissional. A melhor estratégia a seguir será a de uma atitude discreta. Se você chamar demasiado as atenções sobre si, atrairá a inveja e a competição. Há a possibilidade de acontecimentos positivos, como, por exemplo, uma promoção.

DINHEIRO ★★★ Siga caminhos seguros, não tente a sorte. Por outras palavras, não arrisque e só acredite no que for sólido e testado pela experiência. Seguindo este caminho, o ano será positivo.

SAÚDE ★★ A saúde em geral não andarás mal, mas há a predisposição para ferimentos ou pequenos acidentes.

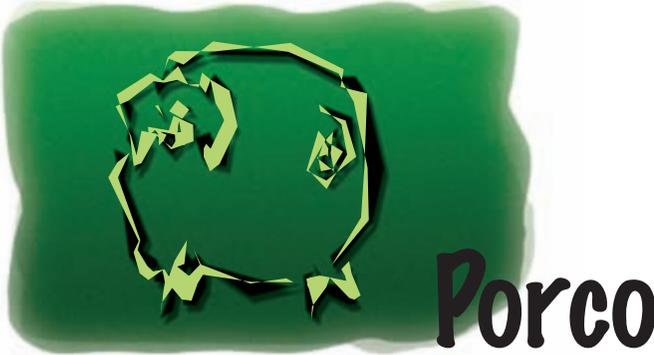
O seu signo benfeitor (em 2006) será a Cabra
 Cores favoráveis: branco, castanho e amarelo
 Cores desfavoráveis: azul e preto
 Algarismos de sorte: 6 e 9

Boas estrelas

Os nativos do Porco atravessarão este ano sob a influência de uma “estrela de relacionamento”, que os ajudará em tudo o que envolver o contacto com as outras pessoas. Estarão mais atraentes e terão uma maior capacidade de influenciar os seus semelhantes.

Outra “estrela” em foco durante o ano será o “Sol”, que prenuncia a ajuda vinda de pessoas do sexo masculino e poderosas. Essas pessoas surgirão no momento certo.

Pode dizer-se que este será um ano afortunado, bom para tentar a sorte e mudar de vida. Mas deverão esperar até que lhes seja feita uma proposta razoável e, então, sim, aceitar o desafio.



ANOS 1935, 1947, 1959, 1971, 1983, 1995 e 2007

AMOR ★★★★★ Saber dar-se com os outros e fazê-los sentirem-se bem será um caminho seguro para a felicidade e a boa sorte. As amizades devem ser cultivadas com generosidade.

A generalidade dos almanaques prevê um bom ano para a vida sentimental dos nascidos sob o Porco.

TRABALHO ★★★★★ Uma das chaves para o sucesso estará no bom relacionamento com colegas de trabalho e clientes. Os nativos do Porco podem esperar um bom ano, mas terão de ser rápidos a ajustarem-se a prováveis mudanças.

Os do sexo masculino terão um melhor ano do que os do sexo feminino - de acordo com os almanaques.

DINHEIRO ★★★★★ Apesar do tom positivo do ano, prometendo ganhos, quer os que decorrem do trabalho (como o salário) como ganhos inesperados, os almanaques recomendam alguma prudência. Poderá haver perdas ou despesas inesperadas.

SAÚDE ★★★★★ De uma maneira geral, boa saúde, com grande capacidade de recuperação, em caso de doença.

O seu signo benfeitor (em 2006) será Macaco

Cores favoráveis: vermelho, púrpura, amarelo e preto

Cores desfavoráveis: branco e verde

Algarismos de sorte: 3 e 7

Há dois milénios que se celebra o Ano Novo Chinês. Na ida aos templos, na passagem pelos mercados, nas ruas engalanadas ou à mesa de família, onde se partilham sabores auspiciosos, a vida renasce todos os anos no primeiro dia da primeira lua do calendário tradicional

A tradição do ciclo

Último fim-de-semana de Janeiro, em Macau. O Sol espreita no céu. Está frio, muito frio, mas o calor humano é do tamanho do mundo. As ruas estão à pinha, é um corrupio de gente que nunca mais acaba. Os carros demoram-se nas filas, as pessoas atropelam-se nas ruas. Nos mercados, os vendedores mudam de negócio e, nos templos, há mendigos em peregrinação à caça da generosidade. É o sonho que os chineses vivem uma vez por ano. Intensamente. A trabalhar ou de férias. Vestem o vermelho e o dourado para receberem tudo aquilo a

que aspiram no Ano do Cão.

Há quem pinte a casa, quem apenas a limpe de uma ponta à outra. Há quem não coma carne e quem não deite fora o lixo durante dias. Uns visitam os parentes distantes, outros recebem-nos em casa. Há gostos para tudo, mas há regras. E são para seguir à risca. Assim o ditou a tradição há dois milénios, quando se acredita terem começado as celebrações do Ano Novo Chinês. Mas será que a tradição ainda é o que era? Que o diga quem agora a recria e, por vezes, com muita imaginação. São os pós-modernos chine-



O Templo de A-Ma é o favorito na noite de Ano Novo Chinês. Além do incenso, os crentes compram moínhos de vento em cartão que, acreditam, trazem-lhes sorte. Os paus de incenso, esses, quanto mais compridos forem maior é a probabilidade de serem satisfeitos os desejos.

ses. Põem perucas e correm para os templos para adorar os deuses. Querem *lai see* do *Snoopy* para celebrar o Ano do Cão e lotam os cabeleireiros por umas novas nuances no cabelo. Nada de mais: manda a tradição que tudo se renove.

Chega ao 22º dia do último mês lunar e os chineses ficam loucos. De uma forma geral, gozam as únicas férias que têm no ano - e são muitos a fazê-lo ao mesmo tempo. Quem trabalha cobra bem o sacrifício. Vem na conta da mercearia, na máquina calculadora do vendilhão. Quem não pagar que

passar fome... Todos lhe desejam sorte, saúde e, claro está, dinheiro!

Fecham algumas lojas para férias e abrem tantas outras, muitas vezes com um novo negócio: os artigos típicos da época. Mas há quem sempre os tenha. É o caso de Kenneth Lo. Não cabe nem mais um alfinete na sua loja. As pessoas acotovela-se para entrar pois "ali se encontra muita variedade", explica Lei Ka Man, de 20 anos de idade, que leva num braço a irmã e noutra um saco com compras: uma camisola vermelha e uns cartõezinhos com dizeres auspiciosos



Recheados de guloseimas, os lingotes de ouro gigantes, a fazerem lembrar a antiga moeda chinesa eram dos artigos mais procurados.



A loja de Kenneth Lo é uma das mais procuradas na cidade.

para pregar na parede. Para trás, deixa o senhor Lo com a casa cheia de clientela. Fica situada na Zona dos Três Candeeiros, uma das mais visitadas nas vésperas do Ano Novo Chinês. Há 20 anos neste negócio e “nunca vi nada assim”. Recorda que nos meados dos anos oitenta houve um pico, mas “nunca se vendeu tanto como este ano”. Elogia Pequim por permitir a emissão de vistos individuais para Macau a cidadãos chineses. Acredita que se “este ano o negócio está melhor do que nunca”, muito se deve a essas medidas e ao progresso de Macau, que tem agora uma clientela com mais poder de compra.

Já o ano passado se tinha apercebido da mudança de gostos, por isso apetrechou bem a loja com as novidades do Continente, mantendo os artigos mais tradicionais nos escaparates. “Temos muito mais variedade este ano, mas as pessoas preferem tudo o que se relaciona com o Ano do Cão”, aquele que agora entra pela vida das pessoas adentro. Não é só na loja do senhor Lo que a tradição e a modernidade andam de mãos dadas. É um pouco por todo o lado: nas lojas de docinhos há chocolates em forma de lingote de ouro chinês e pedacinhos de carne seca envoltos em plástico transparente, mas também os *snacks* da moda em tamanho



Este ano, Macau teve mais variedade de artigos para o Ano Novo Chinês. Os clientes pediram e os lojistas deram resposta ao apelo.



Nas bancas, os doces tradicionais convivem nesta época com os bens alimentares do dia-a-dia

miniatura. Os mais velhos não sabem bem com o que adoçar a boca dos seus parentes mais novos por isso levam para casa um bocadinho de tudo.

“Os gostos mudaram”, garante a senhora Hoi, dona da firma *Tin Sin*, bem no coração do mercado que preenche as ruas junto aos Três Candeeiros. Há muitos anos que se dedica ao negócio do *lai see*. Os famosos envelopes, que os casados oferecem aos solteiros na noite de ano novo e no primeiro dia de reinado do Cão, são concebidos na *Tin Sin*, do design à produção. “ Já no ano passado as pessoas, procuravam um tipo de produto mais moderno”. Para começar, preferem

outras cores, que não o tradicional vermelho, e a personalização do produto. Hoi ouviu o recado e não fez ouvidos de mercador. Criou uma gama de *lai see* com a inscrição de vários apelidos. “São um sucesso!” Para além de vender bem a produção caseira, que responde a muitas encomendas, ainda importa da China o último grito em *lai see*, aquele que tem o desenho do *Snoopy*. “Vende bem porque é um cão”. A *Yellow Kitty* faz-lhe séria concorrência.

Ao fim da tarde, o mercado quase rebenta pelas costuras. Atarefam-se os comerciantes e as pessoas vão passando os olhos pelas bancas de fruta, cheias de laranjas manda-



Tradição com toque macaense

Durante o Ano Novo Chinês a confusão nas ruas, nos mercados, é tão grande que muitos ocidentais preferem o aconchego do lar a aventurarem-se por estas artérias bem mexidas. Mas há quem se junte aos chineses nos preparativos: os macaenses.

No final da tarde, na zona dos Três Candeeiros não há praticamente viva alma ocidental. Mas junto à florista que tem mais baldes vazios que flores, encontra-se Hermínio Fernandes, um macaense que se orgulha de festejar tanto o Natal como o Ano Novo Chinês. “Estou tão habituado às duas festividades que não tenho uma favorita”. É-lhe difícil comparar tradições, mas vai logo dizendo que a festa chinesa é muito mais complicada que o Natal: “Existem muitas regras sobre o que fazer e não fazer nesta altura do ano.”

Não se pode lavar o cabelo em determinados dias, nem arrumar a casa. A comida têm ainda de ser preparada com antecedência pois não se pode cortar nada por altura do ano novo chinês, não vá a sorte fugir pela janela da cozinha. Também não se pode discutir ou ter maus pensamentos.

Hermínio Fernandes lembra-se de todas as regras mas não as segue à risca. Gosta de ver a casa decorada e os doces sobre a mesa. Agora anda em busca de flores, “aquelas que dão sorte”. Mas está cansado da azáfama da cidade. Para este macaense, celebrar o ano novo na Macau de há muitos anos é que era. Perdeu a piada porque “as ruas estão sempre engarrafadas, não há lugares para estacionar e tem que se andar devagar nas ruas”. ■



Cheng Iau Eng (foto da direita) era este ano o único a vender as flores próprias da época, no Largo do Senado, outrora local de excelência para os floristas tradicionais



“Carnaval” do Largo do Senado

A noite de Ano Novo Lunar faz-se entre o Largo do Senado e o Templo de A-Ma. Se algumas famílias optam por jantar em casa e só sair depois da meia-noite para pedir sorte aos deuses, outras há que deambulam pelo Largo, comprando mais algumas decorações nas bancas que são margem de um rio de gente. Ali se venderam em tempos as flores que iriam decorar as casas no Ano Novo Chinês. Agora, nem sombra delas. As perucas, os martelos insufláveis, as flores de plásticos e outros gritos da moda, em releituras da tradição, enchem muitas as bancas e atraem os olhares mais jovens. Num cantinho, entre uma e outra banca daquele “carnaval”, está, como nos últimos dez anos, o exuberante e simpático Cheng Iau Eng. É o único que ainda vende flores no Largo do Senado. Um especialista nesta velha arte, faz-se entender.

Cheng foi jardineiro no edifício onde está instalada a sede do Governo, durante 25 anos. E há muitos que canta ópera. Nesta altura do ano tira sempre férias para vender flores. “Já houve o muita variedade. “Agora, só vendo a *soi u si* que dá dinheiro à casa de quem a comprar”. Nem todos vão na conversa de Cheng, que teme pelo desaparecimento desta tradição no Largo do Senado. Ainda tem esperanças que o Governo disponibilize um novo espaço para o mercado de flores, já que o antigo, no Campo dos Operários,, vai ser morada de um casino. E sonha com o aroma das suas flores junto aos Lagos Nam Van. “Seria o sítio ideal”, diz, piscando o olho. ■



Os mais novinhos gostam de vestir as cores da tradição

rim que vão dar sorte a quem as comprar, vegetais bem fresquinhos e até *soutiens* vermelhos. Há ainda muitas compras a fazer e os comerciantes vão acusando o cansaço. A senhora Cheong já quase perdeu a voz. Há dias que prepara os doces para a sua banca numa das áreas mais movimentadas do mercado. Estão fresquinhos e têm ar caseiro. “São feitos na noite anterior”, avisa. Vendem tão bem que todos os anos a comerciante chinesa põe de lado os seus *habitués*, os *dumplings* e as garrafinhas de leite de soja, para se dedicar à doçaria..

Os *nee goo*, de coco ou açúcar amarelo, encabeçam a lista de preferências. Conhecidos como bolos do Ano Novo Chinês, são um *must* em qualquer casa chinesa. Servidos quentes ao pequeno-almoço ou a quem visita a casa, são o grande negócio desta comerciante chinesa. “Vendemos 50 bolos por dia”. Depois de esgotar o *stock*, corre para

Venda de signos chineses em pedrinhas de jade

casa para preparar a doçaria que vai vender no dia seguinte. Na sua pequena banca, basicamente uma tosca estrutura em metal, pendem ainda saquinhos de plástico com *dumplings* secos e outros bolinhos que se assemelham a *molotofs* em pedra. A cor rosa choque não é a mais bonita mas chama a atenção...

Noutra banca, Au Iong remexe nos cetins de muitos fatos tradicionais. Há-os em todos os tamanhos, cores e feitios. O filho Ang Ang “pediu-me que lhe comprasse um para seguir a tradição chinesa da época”. É tão pequenino que quase se perde entre os tecidos. Gosta do fato de cetim dourado mas o cor-de-rosa deixa-o indeciso. “O melhor é ver qual lhe serve”, diz a jovem mãe medindo-lhe os ombros. E desabafa: “Vai deixar de lhe servir rapidamente, mas não faz mal”. Para o ano, há mais, novo e melhor... ■

O outro lado da moeda

Durante as festividades do Ano Novo Lunar a generosidade aumenta. Que o diga Ma Kok, um mendigo que até ao grande dia vai andar em périplo por três templos de Macau. Assim toma o pulso ao altruísmo dos crentes.

Faltam dois dias para a noite de ano novo e é à porta do templo... que aborda os peregrinos. Vêm pedir sorte aos deuses. Não é um dos mais famosos de Macau, mas fica junto ao mercado da praça dos Três Candeeiros, onde todos se abastecem para os preparativos das celebrações. Na tarde do dia seguinte, Ma segue o rasto das gentes até ao Templo de Kun lam, terminando o ano no Templo de A-Ma, que depois da meia-noite mais parece uma colmeia com o entra e sai de gentes. “Aí, sim, you fazer algum dinheiro”, acredita, sonhando com os moínhos de papel e o fumo da queima de incensos que põe todos a chorar. São aos milhares e isso há-de render umas boas moedas a Ma.

É geralmente à saída dos templos que interpela as pessoas. “Já fizeram as suas orações e saem de coração aberto”. Umhas frases auspiciosas bastam para dizer ao que vem. As moedas caem sobre a sua mão e Ma agradece à moda chinesa.

Este é mais um ano que passa sem a família. Há muito que não vê os seus parentes: “A relação não é lá muito boa!”. Acredita que ainda vivam em Hong Kong, de onde Ma é oriundo. Não tem esperança de reencontrar mas recorda-os com saudade. Sem os parentes para partilhar o momento especial, Ma vale-se da companhia de tantos outros que, como ele, passam sozinhos o Ano Novo Chinês. “Se conseguirmos juntar dinheiro suficiente vamos jantar num restaurante modesto”. Pelo caminho ficam as tradições: a reunião em família e os preparativos para as boas entradas. Mas viverá a época tão intensamente como qualquer outro, garante. ■



Vista exterior do templo de A-MA, na noite de 29 para 30 de Janeiro

Sabores auspiciosos

Não é certamente o melhor *fat choy ho si dai lei* do mundo mas lá que é famoso é. Se não é pelos segredos do cozinheiro Long Man Fong que a ostras estufadas com língua de porco e algas pretas, do restaurante *Tou Tou Koi* são tão apetecidas – o próprio o admite - por que será que atraem tanta gente durante o Ano Novo Chinês? É que aquele restaurante é um ninho de celebridades e actores famosos, sobretudo de Hong Kong. Até o actual Chefe de Executivo daquelas Ilhas, Donald Tsang, já ali se deliciou.

O isco às celebridades não é certamente o *fat choy ho si dai lei*, uma iguaria com muita tradição em Hong Kong e Macau, que não é o prato mais solicitado entre os ilustres. Já a ideia de merendar num prato que matou a fome a Donald Tsang agrada a muitos. Mal o vermelho das lanternas enche a cidade de sombras chinesas, lá para o 22º dia do 12º mês lunar, a cozinha de Long enche-se de alguidares com água para engordar ostras secas e o *fat choy*, uma espécie de musgo preto que

se crê serem algas das nascentes de um deserto na Mongólia. Noutros recipientes, explica o cozinheiro, apura-se o molho castanho onde vai nadar aquele “pudim” afatiado num manto de folhas de couve bem saborosas.

Nos dias da contagem decrescente, apinha-se a dispensa de todos os ingredientes para as cerca de cinco centenas de *fat choy ho si dai lei* que vão ser servidas no *Tou Tou Koi* durante as festividades. É tempo de fartura e este prato de nome tão auspicioso atinge o auge das preferências nesta altura do ano, embora fora da época decore as mesas de celebração de abertura de novos negócios ou aniversários.

Em casa de ferreiro espeto de pau

É verdade que tem alguns segredos na manga sempre que prepara o *fat choy ho si dai lei*. Afinal, Long Man Fong é cozinheiro profissional e “por gosto” há 16 anos. “Trabalhei sempre em Macau” e a

cozinha do *Tou Tou Koi* é a sua segunda casa. Quanto aos segredos do auspicioso prato de Ano Novo Chinês, “não os revele, embora não me considere um especialista deste prato”, diz com humildade, apesar de ostentar a reluzente medalha que prova o título de *Commandeur* ganho há três anos no concurso francês Auguste Escoffier. Vestido a rigor, de chapéu branco alto e plissado, como manda a tradição europeia, Long Man Fong explica que “qualquer pessoa pode cozinhar este prato em casa. Na véspera de Ano Novo Chinês é a minha mulher que cumpre essa tarefa”. Não se envergonha e até sorri com o pasmo que causa.

Primeiro estranha-se, depois entranha-se

Parece um pudim com as fatias de língua de porco macia e tenra a confundirem-se com a ostra numa coroa festiva. Mas não é doce. Sobressaem os veios negros da pele fininha e dourada da ostra. Um cenário que pouco abre o apetite ao ocidental mas provado o pitéu rapidamente se lhe toma o gosto. Depois, é um capricho dos deuses. É numa verdadeira caixinha de surpresas: quanto mais se come, mais se faz querer. Ao centro do “pudim” um cogumelo grande e macio – moeda de ouro, para os chineses - esconde o melhor dos paladares. Vários pedacinhos de bacon suam sobre aquele toldo para um manto de folhas de couve, esponja deste e outros sabores ali dispersos. Prove e ficará a saber porque é que o *fat choy ho si dai lei* tem tanto sucesso.

Uma receita para levar mais do que à letra

Chama-se *fat choy ho si dai lei*. À letra, este prato típico da noite do Ano Novo Chinês corresponde a algas pretas, ostras secas e língua de porco. Mas os sons das palavras chinesas escondem outros significados e, é por isso, que este é um prato tão especial na China. Prosperidade, riqueza e bons lucros traduz a segunda leitura. ■

Ostras estufadas com língua de porco e algas pretas (*fat choy ho si dai lei*)

Língua de porco; algas pretas; ostras secas; couve; um cogumelo; gengibre; alho e bacon.

Molho: 2 colheres de sopa de molho de ostra; 1 colher de sopa de molho preto de ostra; 1 colher de sopa de molho de soja; alho; 1 colher de chá de fécula de milho; 1 colher de chá de açúcar granulado; três quartos de uma colher de chá de sal; 1 colher de sopa de vinho.

Limpe e escale a língua do porco por alguns minutos. Lave e corte-a em fatias. Mergulhe em água morna, em três recipientes, as ostras secas, as algas pretas e o cogumelo. Lave as ostras. Escalde as algas, escorrendo depois a água. Ferva as folhas de couve por alguns minutos e passe-as por água bem fria.

Num *wok* (frigideira chinesa) com um pouco de óleo a ferver salteie o gengibre cortado e, depois, as ostras amolecidas até que soltem aroma. Retire as ostras e cozinhe-as por algum tempo em lume brando no molho doce - uma combinação de molho de ostra e soja. Quando as ostras tiverem tomado o gosto ao molho, adicione as fatias de língua de porco. Deixe cair algumas gotas do vinho sobre o preparado e salteie-o. Adicione quatro chávenas de água e ferva a língua até esta ficar tenra e suave. Guise tudo em lume brando por duas horas. No final, adicione as algas pretas que devem ficar em lume brando por mais duas horas. Após a cozedura, coloque as folhas de couve, cobrindo as mesmas com dentes de alho e pedacinhos de bacon ligeiramente fritos. As fatias de língua de porco devem estar intervaladas de ostras num prato, seguindo a tradição. Termine dispendo as algas pretas e o molho à volta das fatias. ■

As finas areias do deserto do Góbi tinham deixado de fustigar Pequim quando um triunfante Mao Zedong proclamou na Praça da Paz Celestial (Tiananmen) a fundação da República Popular da China. O largo terreiro construído durante a Dinastia Ming (1368-1644) foi abanado pelas ondas da ensurdecidora euforia espalhadas aos ventos por um oceano de seguidores do Grande Timoneiro. Estava-se a 1 de Outubro de 1949. A poucos milhares de quilómetros, na costeira e magnífica Xangai, na Universidade Aurora, os padres jesuitas adivinhavam mudanças.

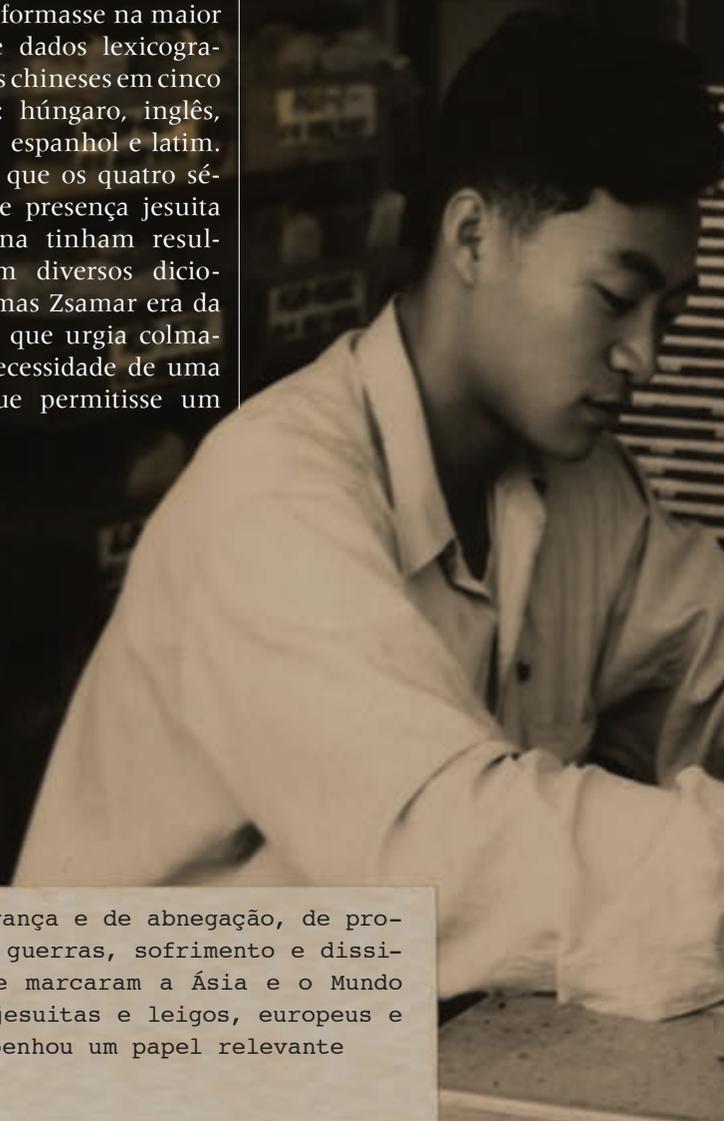
Entre altos e baixos, a presença dos jesuitas na China tinha-se feito sentir nos últimos quatro séculos. Macau tinha sido a porta de entrada, onde a ordem tinha erguido o Colégio de São Paulo. Nessa longa aventura no Império do Meio (Zhong Guo) destaca-se, entre outras, a histórica figura do padre italiano Matteo Ricci (1552-1610), que em 1583 entrara por Macau para iniciar um diálogo entre a China e o Ocidente que perduraria até aos dias de hoje. Uma entrega

que lhe valeu, inclusive, a faculdade de se instalar em Pequim por auto passado pelo imperador Wanli, em Maio de 1601.

Entre os jesuitas obrigados a sair da China estava Eugene Zsamar, padre de nacionalidade húngara que há já alguns anos alimentava um ideal de proporções épicas: o maior dicionário para a compreensão da língua chinesa. Uma enciclopédia do saber que abarcasse dezenas de áreas do conhecimento e que se transformasse na maior base de dados lexicogramaticais chineses em cinco línguas: húngaro, inglês, francês, espanhol e latim. É certo que os quatro séculos de presença jesuita na China tinham resultado em diversos dicionários mas Zsamar era da opinião que urgia colmatar a necessidade de uma obra que permitisse um

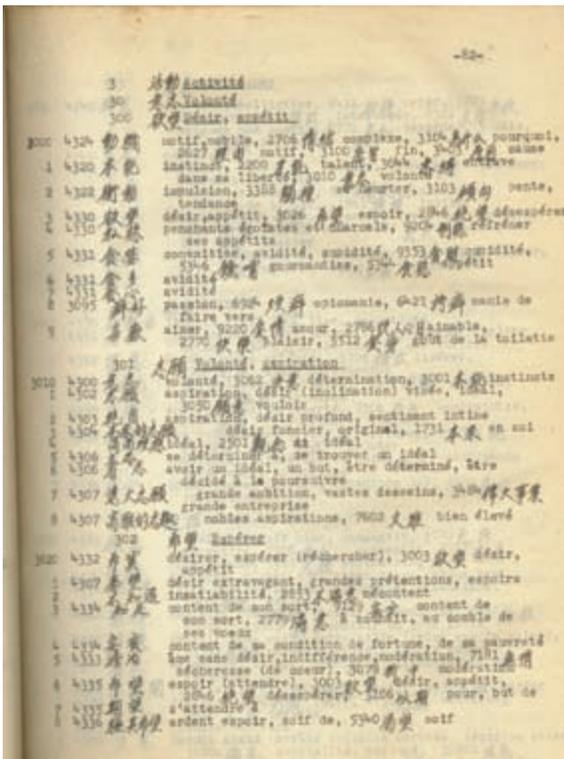
conhecimento sistemático e profundo dos diferentes aspectos da cultura e língua chinesas. O sacerdote germinava essa ideia há já vários anos, estava então o Império do Meio a ser devorado pelos horrores da segunda guerra entre a República da China e o Império do Japão (1937-1945). Com a invasão da Manchúria, em 1931, provocada por um alegado acto de sabotagem na linha férrea que estava na posse do Im-

Esta é uma história de perseverança e de abnegação, de procura do conhecimento por entre guerras, sofrimento e dissidências políticas profundas que marcaram a Ásia e o Mundo no século XX. Uma história de jesuitas e leigos, europeus e chineses e na qual Macau desempenhou um papel relevante



50 anos de paixão

Dentro de pouco meses Macau vai conhecer, através de uma exposição, o mais completo dicionário da língua e cultura chinesas. O “Grand Ricci” levou 52 anos a concluir, numa longa marcha que teve início, em 1949, em Macau



pério do Sol Nascente em Mukden, hoje Shenyang, os japoneses avançavam a passos largos na intenção de conquista do *interland* asiático. Os vários incidentes entre as forças dos dois países provocariam um estado de quase ruptura político-diplomático. Até que o pior aconteceu com o mais grave dos incidentes, em 1937, na Ponte Marco Polo. Um violento confronto entre as duas forças rapidamente se transformou no rastilho que fez eclodir o segundo conflito armado entre os dois estados e que só terminaria com a rendição do Japão, a 2 de Setembro de 1945, perante as forças aliadas, no convés do porta-aviões americano *USS Missouri* ancorado na baía de Tóquio.

Macau: o início da aventura

Ainda o ano de 1949 não tinha saído do calendário e Eugene Zsamar chegava a Macau. A ele juntaram-se outros padres jesuitas, como o francês Deltour. Com eles trouxeram incontáveis manuscritos e livros além de perto de 200 dicionários e trabalhos congêneres que acabaram por servir de base ao projecto. As primeiras

duas equipas, a húngara e a francesa, cedo deitaram mãos à obra. No Outono de 1951 seria a vez dos espanhóis e mais tarde um sacerdote espanhol e outro italiano iniciaram os trabalhos em latim. A última equipa, para o dicionário em inglês, viria a ser constituída em 1952, já então em Taichung, na parte central de Taiwan. Lenta e laboriosamente, a equipa de uma vintena de jesuitas e alguns colaboradores chineses cumpria a primeira das muitas fases de uma tarefa que levaria mais de meio século a ser concluída. Em pequenos pedaços de cartão manuscriam as definições dos principais dicionários chineses existentes à época e a respectiva tradução nas cinco línguas, num trabalho longo e fastidioso. Mais de dois milhões de fichas viriam a ser redigidas. Em 1955 chegava a Taichung outro jovem jesuita, vindo de Xangai, que se tornaria em uma das principais peças deste gigantesco *puzzle*: Jean Lefevre. Hoje, em Taipé, este ancião de 82 anos é o mais antigo dos sacerdotes ligados ao projecto. Em 2002, ao suplemento literário do jornal *Libération*, Jean Lefevre sintetizou a minúcia emprestada à criação de uma obra que viria a resultar, apenas na versão francesa, em sete volumes com 17 quilos de peso, 9000 páginas repletas de 13.500 caracteres chineses e 300.000 expressões que abraçam cerca de 200 áreas do saber, da Astronomia ao Budismo, do Tauismo ao Direito, da Medicina à Economia, às artes, à literatura. “Se um dos dicionários utilizados citava uma frase extraída de um livro, havia que descobrir esse livro e o contexto do qual tinha sido tirada a frase”, explicou Lefevre ao matutino francês. Não admira por isso os 52 anos de trabalho nos quais participaram quase 300 pessoas, entre jesuítas e outros historiadores e homens do saber leigos além de técnicos chineses. De etapa em etapa, o imenso espólio recolhido e guardado nas pequenas fichas viria depois a dar mais de 40 espessos volumes de páginas dactilografadas. À falta de meios financeiros, a monumental tarefa foi sendo cumprida ao ritmo possível e viria a demorar 15 anos. Cada folha

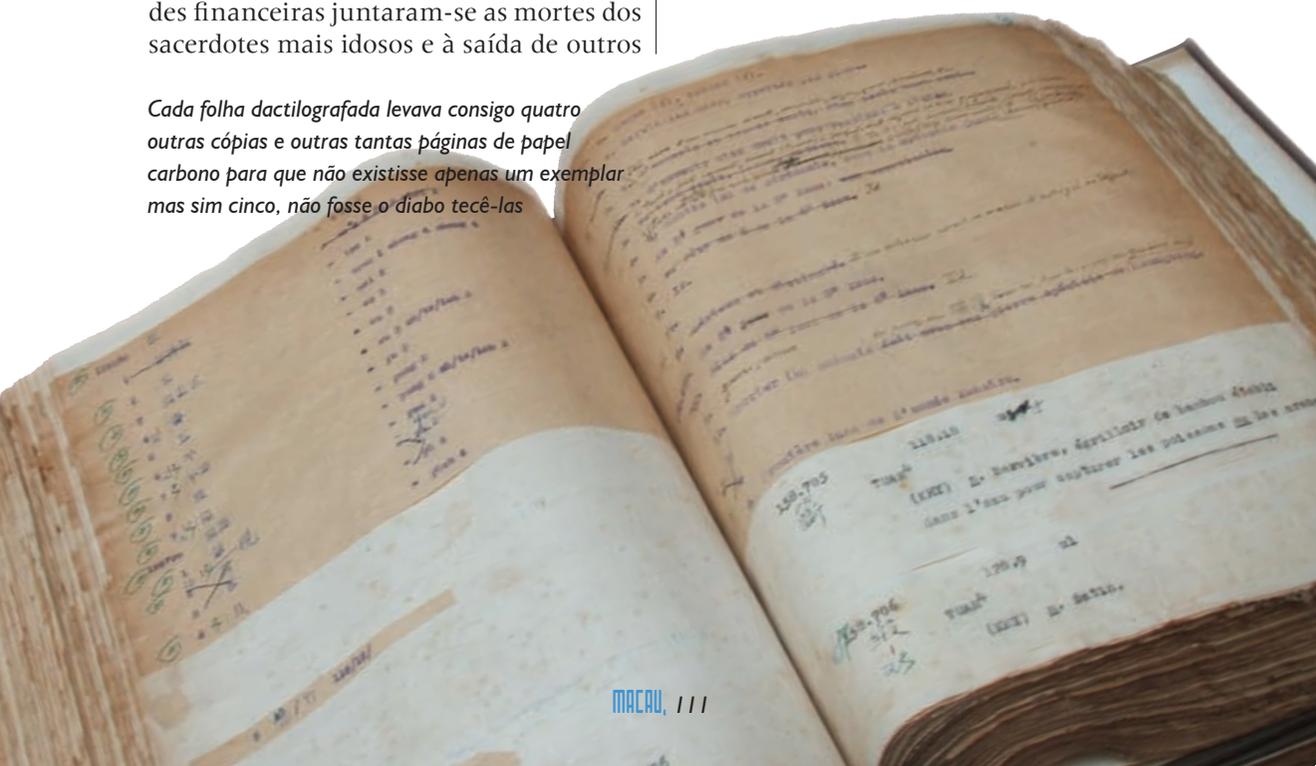
dactilografada levava consigo quatro outras cópias e outras tantas páginas de papel carbono para que não existisse apenas um exemplar mas sim cinco, não fosse o diabo tecê-las. Dois exemplares ficavam então à guarda do Instituto Ricci, criado em Taipé em 1964 pelo jesuita Yves Raguin, que sucedera a Zsamar, cuja saúde se tinha deteriorado. O sacerdote húngaro não resistiu e veio a falecer em 1967. O Instituto Ricci de Taipé surgia com a intenção de dar uma base institucional ao projecto do dicionário, além de o incluir, no futuro, num leque maior de programas de investigação. Poucos anos depois surgiram outros institutos, em Paris e São Francisco. O de Macau seria criado apenas no final da década de 90. Os restantes volumes com exemplares dactilografados foram enviados para as Filipinas, França e Estados Unidos.

O único sobrevivente

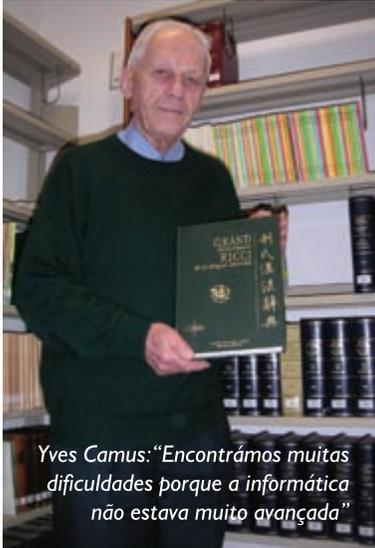
Década e meia depois e a espinhosa missão parecia irremediavelmente condenada ao desastre, por falta de meios financeiros. “Ninguém queria investir num projecto que terminaria, muito provavelmente, em fracasso”, revelam escritos guardados nos arquivos do Instituto Ricci. Às dificuldades financeiras juntaram-se as mortes dos sacerdotes mais idosos e à saída de outros

padres para missões em diferentes campos apostólicos. Sem surpresa, das cinco equipas apenas se manteve em funções a francesa. Ainda que não se tenha perdido tudo. Na década de setenta a versão espanhola viria a dar um pequeno dicionário, o trabalho em húngaro foi oferecido ao governo de Budapeste e o de latim mantém-se nos arquivos do Instituto Ricci de Taipé. Também a inglesa não mais sairia da gaveta mas por razões diferentes. A secção foi dissolvida após a inesperada morte do seu líder, o padre e arqueólogo Thomas Carroll. Este enérgico americano era o especialista em “ossos de oráculo”, carapaças de tartaruga e omoplatas de bovinos com inscrições que recuavam ao tempo da Dinastia Shang, 2000 anos antes de Cristo, utilizados em cerimónias divinas. Acredita-se que estes artefactos descobertos pela primeira vez em 1899 sejam a primeira evidência do chinês escrito. A má sorte de Carroll, porém, estava traçada. Durante uma expedição arqueológica à ilha de Lamma, em Hong Kong, em Agosto de 1964, o jesuita terá sido vítima de prolongada exposição ao implacável sol e extrema humidade do Verão nesta parte do mundo e despenhou-se num precipício. Seria Jean Lefeuvre a substituí-lo no estudo dos “ossos de oráculo” e ainda hoje

Cada folha dactilografada levava consigo quatro outras cópias e outras tantas páginas de papel carbono para que não existisse apenas um exemplar mas sim cinco, não fosse o diabo tecê-las



se agarra a essa tarefa ao ponto de se esperar a publicação de um dicionário. Em 1968 chegava a Taiwan outro “noviço”. Yves Camus, hoje director do Instituto Ricci de Macau, ingressava na Universidade Nacional da ilha nacionalista para



Yves Camus: “Encontrámos muitas dificuldades porque a informática não estava muito avançada”

cumprir os seus estudos em filosofia chinesa. Seis anos depois saía com uma licenciatura. Membro do Ricci de Taipé desde o início da década de setenta, assistiu ao lançamento de uma pequena versão do dicionário que já levava mais de 25 anos. O *Petit Ricci* tinha 6000 caracteres e 5000 expressões. Yves Camus ainda não o sabia mas na década seguinte viria a ser um dos protagonistas na “saga” do *Grand Ricci*. Com o advento da informatização surgiu na década de oitenta a necessidade de passar as dezenas de volumes dactilografados para computador. Corria o ano de 1985 e a tarefa foi atribuída a Camus que pouco ou nada sabia de sistemas operativos. Sentado na sala de arquivos do Instituto Ricci de Macau, no pequeno edifício de traça mediterrânica a escassas dezenas de metros do Tap Seak, o sacerdote relembrou à Revista Macau os 13 anos que deu ao projecto, de 1985 a 1998. A introdução dos dados em computador levou quatro anos e a entrega diária de cinco pessoas. “Encontrámos muitas dificuldades porque a informática não estava muito avançada”. A juntar a isso, explicou, o facto de “nos termos deparado com conflitos na junção das duas línguas”. Como se não bastasse, a equipa que chefiou teve ainda de “desenhar cerca de 2000 caracteres que não

estavam na lista comercial de Taiwan”. Em 1985, quando deitou mãos à obra, os arquivos dispunham de cerca de 185.000 entradas. Treze anos depois tinham sido incluídos na base de dados 300.000, ainda que Yves Camus, como confessa, gostaria de ver o dicionário aprofundar ainda mais assuntos como literatura, arqueologia, artes, música e provavelmente mitologia e tradições”. Por isso defende, ainda hoje, que o *Grand Ricci* deveria ter levado mais tempo a concluir. Ainda sim, garante, não há outro trabalho com esta dimensão e profundidade e o sétimo volume, dedicado a *dossiers* como budismo e confucionismo, entre outros, “é excelente”. A necessidade de múltiplas revisões, correcções, com os discos a viajarem entre Taipé e Paris, estendeu os trabalhos até 1998 e outros quatro anos foram necessários para a impressão dos três mil exemplares do *Grand Ricci*. Último obstáculo técnico: o *software* era poderoso, sim senhor, “mas muito pouco amigável”. Foi precisa a intervenção de peritos da Universidade de Lausanne, na Suíça, para que finalmente se pudesse utilizar o programa *Pagemaker* da *MacIntosh* no *design* das páginas. Em 1999, Yves Camus embarcava rumo a Macau. Em Dezembro de 2001 o *Grand Ricci* via finalmente, ao fim de 52 anos, a luz do dia. Eric Sautédé, editor da revista *Chinese Cross Currents*, é quem, no Instituto Ricci de Macau, se está a encarregar da comercialização de alguns dos exemplares do enciclopédico dicionário. “Encomendámos 14 e rapidamente vendemos seis”, diz, confiante que não tardará em esgotar a primeira remessa. O dicionário, contam todos, nunca foi visto como um produto comercial, bem pelo contrário. Os quase 10 milhões de dólares americanos investidos não terão retorno. Ainda assim a obra não sai barata. Em Macau custa 7500 patacas (USD 940). “É um dicionário fundamental para bibliotecas, universidades, sinólogos”, afiança Sautédé. Além de um importante pedaço de história que, conclui, está igualmente a despertar o interesse de coleccionadores. Afinal, nestes 17 quilos de páginas está um bom pedaço de China descodificado ao longo de meio século. ■



Os jesuitas envolveram-se durante mais de 50 anos na elaboração de uma obra com sete volumes, 17 quilos, 9000 páginas, 13500 caracteres chineses e 300.000 expressões que abarcam 200 áreas do saber



Eric Sautedé (Instituto Ricci) e Claude Haberer (BNP Paribas) conjugam esforços para trazer a Macau a exposição sobre o “Grand Ricci” que Kong Kong verá em Maio

Versão em CD-Rom

Depois de exposições em Paris, Xangai e Pequim o *Grand Ricci* vai ser apresentado, em Maio, em Hong Kong. A caminho está já a versão em *CD-Rom* do mega-dicionário. O Instituto Ricci de Macau aguarda com ansiedade a exposição do *Grand Ricci* em Macau. Uma mostra sobre a entrega de homens à descodificação do saber chinês. A exposição, acredita Eric Sautedé, tem obrigatoriamente de passar por Macau, porque foi aqui que o enorme dicionário começou a ser trabalhado, no longínquo ano de 1949. O *Grand Ricci*, de resto, já esteve presente nas feiras internacionais do livro de Paris, em Março de 2004, e de Pequim, em Setembro de 2005. E foi alvo de duas exposições levadas a cabo em Xangai e Pequim, no último trimestre do ano passado. No próximo mês de Maio, o *Grand Ricci* vai

ser dado a conhecer à população de Hong Kong, durante a habitual comemoração de cultura francesa “*French May*”.

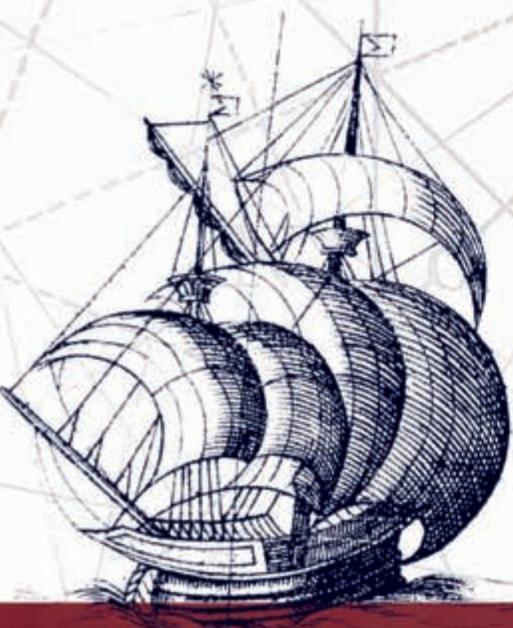
Mais barato e de fácil acesso

Claude Haberer preside em Hong Kong à Associação Ricci, criada numa das fases em que o projecto esteve prestes a morrer por falta de financiamento. Claude Haberer, *Chief Executive Officer* do BNP Paribas, ficou com a tarefa de encontrar fundos. Era essa, de resto, uma das principais funções da nova associação. O banqueiro e a sua equipa não tiveram muitas dificuldades e estão já a meio caminho de transformar o *Grand Ricci* num dicionário digital, em *CD-Rom*. “O acesso é mais fácil, sem necessidade de recorrer aos volumes tão pesados e o custo do será

apenas uma fracção do da versão papel”, explica o financeiro francês.

Sentado numa das poltronas do *American Club*, no 48º andar da torre 2 de *Exchange Square*, em Hong Kong, Haberer avança outra das vantagens do *CD-Rom*. A utilização do pinyin em vez da romanização clássica dos volumes de papel. Com o apoio de Taiwan de França, de particulares e de empresas,. Claude Haberer aponta ainda a utilização da base de dados do *Grand Ricci* para a produção de dicionários especializados. “Dentro de um a dois anos vamos publicar um dicionário sobre medicina tradicional chinesa”, avança. E em parceria com uma das mais prestigiadas editoras de Pequim, a Associação Ricci prepara “um grande volume mas em chinês-francês, em caracteres simplificados e pinyin”, desvenda. ■

O caminho DO PORTUGUÊS NO ORIENTE



PORTUGUÊS, V séculos de língua e cultura no Oriente, continuados através do IPOR.

Preservar e difundir a língua e a cultura portuguesa através dos seus cursos, manuais e outros materiais didácticos é um dos principais objectivos do Instituto Português do Oriente.

O IPOR promove ainda a difusão e a certificação da Língua Portuguesa na Coreia do Sul, Filipinas, Indonésia, Japão, Malásia, República Popular da China, Tailândia e Vietname.



INSTITUTO
PORTUGUÊS
DO ORIENTE

Venha aprender PORTUGUÊS no IPOR e obtenha a certificação reconhecida em Portugal

R. Pedro Nolasco Silva, 45 - 1.º Macau • Tel: (853) 530227 • Fax: (853) 530277 • info.macau@ipor.org.pt • www.ipor.org.pt



Pequim

13285 dias

Quando pela primeira vez aterrei no aeroporto de Pequim, em 1996, de coração e olhos bem abertos, fiquei surpreendido ao ver guardas armados a circularem de bicicleta pelas pistas. Mas o tempo passou e o cenário de Pequim mudou muito desde Janeiro de 1997, ano em que aí comecei a viver.

Não pensava lá ficar mais de um ano e, entretanto, já se passaram nove. Descobri uma cidade que nenhum livro, reportagem escrita ou televisiva me haviam jamais dado a conhecer na Europa, antes de ali chegar. Apesar das vicissitudes dos últimos

Em busca de um mundo novo, encontrou na Cidade Proibida o que nunca outro estrangeiro pudera antes ver. Gravou a tinta da China memórias de um passado que o futuro não pode dispensar. Em Macau, Chauderlot deixou-nos este testemunho sobre uma aventura que acabou em paixão

50 anos, a capital chinesa guardou um estilo arquitetónico, urbanístico e social excepcional, pela vastidão da sua extensão e pela sua antiguidade - quase 500 anos -, com um estilo de vida rico em

costumes locais, moldados pela sua história, que a tornam, certamente, um caso único no mundo.

O artista que há em mim apaixonou-se totalmente por essa cidade e pelos seus habitantes. Assim, adoptei o uso de pincéis chineses e a subtilidade da tinta da China, misturando as técnicas chinesa e europeia. Como um amante apaixonado pelo seu modelo, não cessei de pintar retratos de Pequim; ou seja, as suas ruas (*hutong*), as suas baixas casas tradicionais de pátios quadrados (*siheyuan*), os seus lagos, os templos que sobreviveram

à Revolução Cultural. Os seus habitantes mais antigos, incluindo os manchus, herdeiros da última dinastia Qing, iniciaram-me no simbolismo omnipresente do urbanismo, na arquitectura da cidade e nos seus mais ínfimos pormenores decorativos, tais como os ornamentos das portas características das *siheyuan*, mas também me deram a conhecer os costumes e as tradições pequinenses. Habitando nos velhos bairros da capital, todos os dias me sentia mais impregnado. Compreendi a riqueza e o sentido de inúmeros elementos da arquitectura de uma cidade que se caracteriza, no entanto, por uma gama de cores limitada e uma certa sobriedade, quando a comparamos com a de outras províncias da China. Depois, fui testemunha involuntária da agonia desse conjunto maravilhoso, sob os efeitos da demolição desejada em nome de um certo modelo de futuro. Vi bairros esvaziarem-se dos seus habitantes, empurrados para longe do coração da cidade; vi as suas artérias serem alteradas, os seus edifícios desmembrados. Segundo alguns observadores chineses e estrangeiros, involuntariamente tornei-me a memória

visual (e artística, claro) de Pequim. Prédios de grande altura, fachadas de metal e vidro surgiram no lugar das casas tradicionais de tijolos e telhas cinzentas, rodeadas de árvores do norte da China (salgueiros, romãzeiras, pereiras), elas próprias substituídas por... palmeiras de plástico.



No meio das nuvens de poeira levantadas pelas demolições, graças a uma extraordinária coincidência de circunstâncias, foi-me permitido penetrar na Cidade Proibida e pintar nas zonas interditas ao público, durante dois anos. Nunca saberei agradecer



o bastante às autoridades chinesas e aos amigos que tal me permitiram. Para além de ter sido o primeiro estrangeiro a desfrutar desse lugar mítico, longe das multidões ruidosas de turistas, vivendo ao ritmo das estações, esse acesso exclusivo revelou-se uma viagem inimaginável ao verdadeiro centro de Pequim, um sonho acordado do qual me restou uma colecção de 81 obras que gostaria de mostrar ao maior número possível de pessoas. Eu não me limitei a gostar de Pequim, eu apaixonei-me por Pequim. ■

A Construção de Estados de Francis Fukuyama

Previu que com a democracia liberal e o capitalismo global chegaria o “fim da História”. Agora, rejeita a existência de uma ciência da administração pública e põe o dedo na ferida ao analisar a fraqueza do Estado. Num tempo em que todos procuram a melhor fórmula para a construção de estados saudáveis, Fukuyama explica como criar instituições públicas bem sucedidas nos países em vias de desenvolvimento, por forma a trazerem benefícios aos seus cidadãos. Fukuyama é professor de economia política internacional na Escola Paul H. Nitze de Estudos Internacionais Avançados e director do Programa de Desenvolvimento Internacional na Universidade John Hopkins.



Portugal e a Europa - Ideias, Factos e Desafios de Rui Lourenço A. de Almeida

A relação entre Portugal e a Europa é o grande tema em análise neste livro dirigido ao grande público. O autor, Rui Lourenço Amaral de Almeida, passa à lupa a União Europeia expondo os fenómenos de integração económica e política, do comércio mundial, do desenvolvimento e da criação dos novos pólos de decisão em política internacional. Passado, presente e futuro, de Portugal e da Europa, são

estudados para discutir o papel da União Europeia no mundo e os desafios que esta e Portugal têm pela frente. Com informação detalhada, o volume permite formar uma opinião para uma intervenção de qualidade na sociedade dos nossos dias.

Edições Sílabo

Mosaico:

O Brasil e a China e We Macanese



Da colecção Mosaico surgem dois volumes que se referem a Macau. No primeiro “O Brasil e a China”, Severino Cabral analisa as relações de cooperação dos dois maiores países do mundo em desenvolvimento no século XXI, já em “We Macanese” Frederic A. (Jim) Silva dedica 15 páginas aos macaenses e à sua cultura. ■

Severino Cabral e Frederic A. (Jim) Silva,

Ptolemeu e a sua Viagem de Circum-navegação

de Tchalé Figueira

Foi na Cidade da Praia que Tchalé Figueira lançou em Cabo Verde, no final de Janeiro, o seu “Ptolemeu”, a segunda obra de ficção de um autor que convida muitas artes à sua expressão. Seja na tela, ao microfone ou no papel, este cabo-verdiano, que viveu na Europa, lança um olhar muito pessoal sobre o mundo que o rodeia, traduzindo ideias críticas nas suas obras com uma pitada de humor. Com prefácio de Germano Almeida, o livro foi editado o ano passado em Portugal pela Mar da Palavra, estreando uma colecção intitulada “Margens Lusófonas” para divulgar autores de língua



portuguesa. Uma nota do jornalista da agência Lusa, Francisco Fontes, apresenta este livro com reflexões de Ptolemeu Rodrigues durante a viagem marítima que teve ponto de partida na Ilha de São Pedro. ■

Mar da Palavra

Tokinfim um Disionári di Purtugés-Kiriolu **Dicionário Prático Português-Cabo-verdiano (variante de Santiago)**

É a primeira obra a descrever de modo sistemático, por contraste com a língua cabo-verdiana (crioulo), um léxico nuclear do português, essencial às aprendizagens escolares.

O primeiro Dicionário Prático Português-Cabo-verdiano (variante de Santiago) permite a aprendizagem formal da língua, assumindo o bilinguismo dos cabo-verdianos, contribuindo para a correcta utilização de ambos os idiomas. Já tinha sido editado em Portugal há cerca de quatro anos e é para muitos uma obra fundamental para comunidades linguísticas cabo-verdiana e portuguesa. Só em Novembro foi lançado na Cidade da Praia, em Cabo Verde. ■

Mafalda Mendes (Portugal), Nicolas Quint (França) e Aires Semedo (Cabo Verde) - Verbalis

Dicionário Temático da Lusofonia

Para que a mentalidade dos países lusófonos seja mais divulgada. É com esse intuito que foi recentemente editado este dicionário que conta com a participação de mais de 350 pessoas, entre as quais se destacam os nomes de Urbano Tavares Rodrigues, Almeida Santos e Adriano Moreira. Além dos PALOP, Portugal, Brasil e Timor-Leste, contribuíram para a elaboração do dicionário especialistas espanhóis, franceses, alemães, russos, checos, senegaleses e goeses. Com mil páginas e 536 entradas, num único volume,

o dicionário abarca temas como a geografia, história, economia ou a arte e resulta de um trabalho de cinco anos. ■

Texto Editores

Discos

Lisboa@Com.Fusion, vários

A nova auto-estima musical portuguesa, "Lisboa@Com.Fusion" lança olhares dos quatro cantos do mundo lusófono na Europa. Fusões musicais criadas em Portugal que se traduzem na comunhão única de culturas. São várias gerações de artistas, de Portugal, de África, do mundo. Pautas onde convivem passado e presente com referências a diversos pontos do planeta. Com sotaques e mensagens diferentes, esta colectânea de grupos lusófonos é um contributo essencial para a afirmação da musicalidade da língua e culturas portuguesas. Em "Lisboa@Com.Fusion" ainda se misturam as texturas urbanas nos enredos do campo e do mar. ■

Compilação, EMI, 2006

Tudo de Vitorino

Três discos, trinta anos de carreira. Vitorino continua a cantar as memórias depois de há cinco anos ter lembrado os tempos



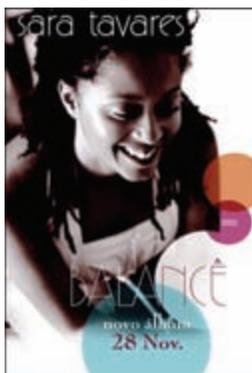
de meninice em "La Habana 99", disco que traz ao XVII Festival de Artes de Macau, que arranca no dia 11 de Março e se prolonga até ao dia 1 de Abril. Nesse palco Vitorino canta o "son" cubano e alguns dos êxitos da sua carreira. "Tudo" vai do "Alentejo" a "Lisboa" e termina com "Amor". Um trevo musical que, espera-se, venha a resultar num futuro renovado. ■

Compilação, 2006

Em digressão

18 de Março, 20h - Centro Cultural de Macau

Balancê
de Sara Tavares



É com um grande “Balancê” que Sara Tavares se estreia nos escaparates do mundo. Faz-se à estrada num périplo que só termina em Maio. São os caminhos da Europa que se abrem à passagem do terceiro disco de condimento africa-

no. Uma pop levezinha que a primeira vencedora do programa da SIC “Chuva de Estrelas” assina da criação à produção. Agora vai dá-lo a conhecer a muitos países. No Reino Unido, Charlie Gillet espera-a aos microfones da rádio, repetindo o tempo de antena dado aos portugueses Dead Combo, no apoio constante à world music. Cabo Verde, Brasil e Portugal convivem na nova música de Sara Tavares que ainda conta com pitadas de Melo D em “Poka Terra” e de Ana Moura em “De Nua”. ■

World Connection, 200

D’Rivera e os seus “Sonhos Brasileiros”. Um especialista em metais, D’Rivera, que coleciona sete prémios Grammy, vai tocar alguns clássicos de Tom Jobim e de outros compositores brasileiros. É com ópera que encerra mais uma edição do Festival de Artes de Hong Kong. “Don Giovanni”, com direcção artística de Willy Decker, é a peça escolhida para assinalar o 150^o aniversário de Mozart. ■

Centro Cultural de Hong Kong, 10 e 11 de Março
Dança: “Rosas” - La Monnaie

Jazz: “Sonhos Brasileiros” - Paquito D’Rivera

Ópera: “Don Giovanni” - Semper Opera e Opera Nuremberg

Recital

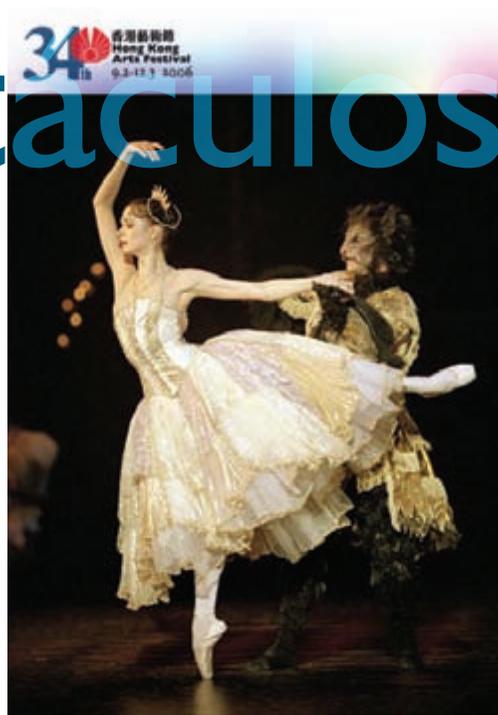
de **Violino de Chuanyu**

A par de Lang Lang e Yundi Li, Chuanyun Li é uma das grandes promessas da música clássica na China. Ao violino G.B. Guadagnini, de 1784, este jovem músico vai interpretar obras de Sarasate e Liszt. Uma parte do repertório deste concerto é dedicada à música que o tornou famoso, a banda-sonora do filme “Together”, do realizador Chen Kaige. Nesta película Chuanyun tocou solos de violino com

Espectáculos

Festival de Artes de Hong Kong

Já entrou em contagem decrescente. Na edição deste ano o Festival de Artes de Hong Kong não é muito ambicioso mas saltam à vista algumas pérolas dos palcos mundiais, na área da música e da dança. É o caso de “Rosas”, com a verve criativa da famosa coreógrafa Anne Teresa De Keersmaeker. Junta-se à companhia de La Monnaie e mostra em palco porque é aclamada como uma das melhores coreógrafas de dança contemporânea na Europa. É ao som de Joan Baez e John Coltrane, entre outros compositores, que vai dançar no Centro Cultural de Hong Kong, por onde passa também Paquito



grande virtuosismo, levando os críticos e o público a aclamá-lo como um dos melhores músicos da actualidade. ■

Centro Cultural de Macau, 4 de Março

Maze

por **Beijing Children's Art Theatre**

Depois de Pequim, Xangai e Hangzhou terem aplaudido este espectáculo dedicado aos mais novos, chega a vez de Macau conhecer o talento dos jovens actores do *Beijing Children's Art Theatre*. É sobre a aventura do jovem traquina Jelly num labirinto secreto que evolui a história de "Maze". Meng Jinghui, um conhecido encenador do novo teatro chinês, vai escolher uma actriz de Macau para entrar na peça, que é a sua primeira produção de teatro infantil. ■

Centro Cultural de Macau, 14 e 15 de Abril

A Profundidade da Sombra, de Yong Deok Lee

Parecem negativos de esculturas. Em tons azuis se anunciam ao olhar as 40 esculturas do coreano Yong Deok Lee que o Museu de Arte expõe a partir do dia 4 de Março. Muito expressivas na sua tridimensionalidade, as figuras humanas deste escultor de renome na Ásia habitam um mundo de fantasias. Foram criadas nos últimos cinco anos. Esculpidas à luz de algumas técnicas tradicionais, como o entalhe, as obras têm uma grande presença mas o seu significado é fruto da ilusão do espectador e não do autor, que ao valer-se da iconologia da arte contemporânea asiática, comunica de forma dramática outras noções do real: nem tudo o que parece é.

São as superfícies naturais que compõem a temática da obra de Yong Deok Lee. Parte dessas para unir realidade e ilusão num só plano. A luz tem um papel fundamental nesse jogo de ilusões. As sombras que acompanham o movimento do olhar sobre as obras criam muitos efeitos cénicos que são marca do trabalho deste artista da Coreia.

A par da mostra vão ser projectados diapositivos em grande escala. Sob o signo de "Saudação e Despedida", a sessão permitirá ver as diferentes poses das peças numa câmara escura equipada com uma tela fluorescente. Lee Yong Deok é docente do Departamento de Escultura, da Faculdade de Belas Artes da Universidade Nacional de Seul, na Coreia. Já foi galardoado com o Prémio de Excelência e um Grande Prémio na Exposição de Belas Artes da Coreia do Sul. ■

Individual de Escultura

no Museu de Arte de Macau, até 28 de Maio

Microcosmo

A arte chinesa contemporânea volta ao palco cultural de Macau. Depois da aposta que marcou as últimas exposições da Galeria do Tap Seac, o Museu de Arte de Macau avança com uma proposta que promete surpreender os visitantes. Com obras de conhecidos artistas da China Continental, "Microcosmos" inclui ainda trabalhos com a imaginação de Macau. Uma parceria, que se estende à curadoria, a inaugurar no dia 17 de Março. ■

Colectiva de Arte Chinesa Contemporânea

no Museu de Arte de Macau até 18 de Junho

2006 HomeExpo Inter Casa, em Abril

É uma feira de mobiliário moderno e artigos de decoração que em Abril invade o Tap Seac. Industrial e comercial, esta exposição é uma porta que se abre aos *designers* de Macau para divulgarem os seus trabalhos. Um trampolim que poderá resultar no lançamento de assinaturas locais. O Centro de Indústrias Criativas de Macau é uma das instituições a aceitar o desafio, aproveitando esta oportunidade para criar aí uma janela para o trabalho dos seus membros. Dividida em vários sectores, a exposição abrange áreas como o design de acordo com o Feng Shui e sistemas para uma casa inteligente. ■

Mobiliário

no Pavilhão Polidesportivo Tap Seac, Macau

O que Fazer no Ano do Cão?

A questão foi posta aos artistas de Macau e de Hong Kong pelo espaço de arte *Old Ladies House*, a mais alternativa associação de artes de Macau. Ao desafio responderam nomes tão sonantes como Konstantin Bessmertny e o ainda emergente João Ó Bruno Soares, o único português participante. Experimentalismo e criatividade são os tectos desta proposta anual da associação de artes de Macau. Aceitaram-na 30 artistas que desde Fevereiro expõem novas ideias no Armazém do Boi em expressões muito diversificadas, definindo em laboratório as ideias do futuro. ■

Colectiva no Armazém do Boi, Macau até 19 de Março

Visões da Antiguidade

Um conjunto de 170 peças do Museu do Palácio de Pequim celebra o 80^º aniversário desta instituição no Museu de Arte de Macau. Obras em bronze, esmaltes, porcelanas, peças de jade, entre outras encontram-se entre as muitas relíquias. Alguns dos maiores atractivos são os "Tigres" do período dos Estados Guerreiros, as porcelanas Boshan da Dinastia Han e as peças dos fornos dos Ge da Dinastia Song.



É o mais extenso e abrangente museu da China, tendo sido ainda o palácio dos imperadores das dinastias Ming e Qing. Localizado no interior da Cidade Proibida, o Museu do Palácio é muito apreciado pelos turistas que visitam Pequim. É hoje um símbolo evidente dos cinco mil anos da história e civilização chinesas e património cultural do mundo. ■

É o mais extenso e abrangente museu da China, tendo sido ainda o palácio dos imperadores das dinastias Ming e Qing. Localizado no interior da Cidade Proibida, o Museu do Palácio é muito apreciado pelos turistas que visitam Pequim. É hoje um símbolo evidente dos cinco mil anos da história e civilização chinesas e património cultural do mundo. ■

Relíquias do Museu do Palácio no Museu de Arte de Macau até 18 de Março

The Collective Dream

O suíço Hanspeter Ammann, que foi até ao ano passado o curador da Mostra de Vídeo Internacional de Macau, abriu recentemente uma galeria em Xangai. No *Shanghai Studio* pretende expor o melhor da arte alternativa asiática. Um grupo de vídeos realizados este ano e em 2005 por artistas de Banguécoque, na Tailândia, está neste momento patente no *Shanghai Studio*. Trata-se de uma selecção do coreano Jung-Chul Hur, que já expôs no Brasil, em Portugal, em Macau e na Finlândia. Abrindo com "*The Gallery of Enigmatic Visions*", deste vídeo de PoomPattavisit, realizado em 2005, se viaja até ao universo de Sasicha Viriyarithikorn, Chawit Wawewsawangwong e Wahchalobon Puwanad, entre outros.

No mesmo espaço estão ainda em mostra "Very Chinese", três instalações de vídeo arte de Hanspeter Ammann e Mickey Tan, criados na Malásia há dois anos, uma exposição de pintura de Ta Ni la e outra de fotografia de Mickey Tan. ■

Colectiva de Vídeo Arte no Shanghai Studio, China até 17 de Abril

Paintings For People with IQ Well Above Normal e Games

de **Konstantin Bessmertny**

Depois de ter exposto "Don't Ask" na Galeria Armazém, em Lisboa, o pintor russo Konstantin Bessmertny, que há vários anos reside em Macau, faz outras perguntas em Londres, em dez pinturas na *Kings Road Gallery*. A inaugurar no dia 28 de Abril, a mostra inclui duas séries, "Paintings for People with IQ Well Above Normal" e "Games". Na primeira questiona a existência mas de uma forma light, como se exige na *Big Smoke*. Na segunda o pintor recorre ao universo bizarro de Franz Kafka para trabalhar o tema do jogo, tão premente em Macau, e que também mereceu reflexão do grande escritor alemão. ■

Individual de Pintura na Kings Road Gallery Reino Unido até 28 de Maio

Agenda

de Ana Azevedo

Desenho, pintura e fotografia. Eis algumas das artes que Ana Azevedo vai desvendar na sua "Agenda" na Casa de Portugal em Macau. Uma exposição que se insinua como um diário próximo das sensibilidades de Macau, onde várias técnicas se interligam despreocupadamente, convivendo numa temática muito pessoal e codificada. Assim se estreia esta jovem artista do Porto em Macau. Ana Azevedo tem exposto em Portugal e em Espanha. ■

Individual na Casa de Portugal em Macau, em Março

Camilo Pessanha

Camilo Pessanha é um dos maiores poetas portugueses. O Instituto Português do Oriente reúne numa só exposição obras, livros e documentos sobre a vida do poeta, que viveu e morreu em Macau. A par da mostra, está ainda previsto o lançamento do livro "Fotobiografia de Camilo Pessanha", de Daniel Pires, que mergulha no universo lírico de Pessanha para traduzir em muitas imagens a obra e a personalidade do autor. ■

Relíquias na Livraria Portuguesa de Macau, no final de Março



Redescobrir Macau

Depois do desafio lançado aos artistas e residentes de Macau surge a exposição. As melhores imagens deste concurso de fotografia foram seleccionadas por terem captado a identidade da zona do Porto Exterior, em Macau, onde está a ser construído o resort Ponte 16. São partilhadas com o público para uma maior consciência do valor cultural de Macau. ■



Tesouros do Antigo Estado de Chu



São mais de 150 bronzes e trabalhos em laca, que representam a nata das artes da cultura do Estado de Chu. Foram seleccionados de um grupo de mais de 120 mil antiguidades que integram a colecção do

Museu de Jingzhou, da província de Hubei.

Um dos objectos mais impressionantes em laca é um tambor que foi descoberto num túmulo em Jingzhou do tempo dos Estados Combatentes. A exposição dá ainda nota do quotidiano daquele antigo Estado da China, incluindo armas, espelhos, objectos em jade e algumas peças em bambu. Quatro espadas em bronze, empunhadas por reis do antigo Estado de Yue, surgem em destaque na exibição. Ainda estavam afiadas quando foram desenterradas de vários túmulos reais nos anos 70. Ali permaneceram por mais de dois mil anos. Muitos historiadores acreditam que estas espadas foram levadas até Jingzhou como troféus de guerra quando o Estado de Chu conquistou o reino Yue por volta de 306 A.C.. ■

Antiguidades no Museu de Shenzhen, até 9 de Abril

Redução de efectivos

A China reduziu em 200 mil efectivos as suas forças armadas, nos últimos três anos, prosseguindo com a política de desmilitarização, mas continua a ser o maior exército do mundo, com 2,3 milhões de efectivos. Apesar das reduções de pessoal, o orçamento chinês para a defesa tem aumentado nos últimos 15 anos, registando em 2005 uma subida de 12,6 por cento. Números do Governo mostram uma despesa de 248 mil milhões de patacas (31 mil milhões de dólares) na Defesa, valor este que não inclui a compra de armamento ou o investimento em investigação e desenvolvimento.



Austrália e Timor-Leste partilham receitas petrolíferas

Ao fim de anos de difíceis negociações, os ministros dos Negócios Estrangeiros de Timor-Leste, José Ramos-Horta, e da Austrália, Alexander Downer, ratificaram a partilha em partes iguais das receitas provenientes das reservas petrolíferas da zona em disputa e que totalizam cerca de USD 30 mil milhões. Entretanto, os dois países suspenderam por um período de 40 a 50 anos a polémica demarcação definitiva da fronteira marítima. Com este acordo, fica ainda aberto o processo negocial para levar a Timor-Leste o gasoduto,. Há vários candidatos para a sua construção e exploração, nomeadamente por parte da China.



Da China e para a China

A Administração Nacional de Turismo admite que a China se afirme como o maior destino turístico mundial, em 2019. A China foi este ano o quarto maior destino mundial, recebendo nos primeiros oito meses do ano 30,89 milhões de turistas, um aumento de 15 por cento em relação a 2004. Entretanto, a corretora CLSA Asia-Pacific Markets publicou um estudo onde reitera que a China será também a maior fonte mundial de turistas em 2020, com mais de 115 milhões de chineses a viajarem anualmente para o estrangeiro.



“A diferença é Macau”

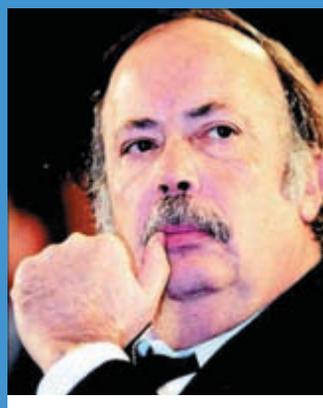
“Num mundo de diferenças, a diferença é Macau”. O slogan com que a RAEM se tem vindo a promover em campanhas mundiais parece ter surtido efeito, a julgar pelo número recorde de turistas em 2005 – 18,7 milhões, mais 12 por cento relativamente a 2004, ano em que o número de turistas tinha crescido 40,3 por cento. Já em 2006, e capitalizando o estatuto de Património Mundial atribuído pela UNESCO, em Junho de 2005, a estratégia da RAEM passa por uma vasta campanha de promoção do Centro Histórico de Macau.





Marcas europeias na moda

Os habitantes mais ricos da China preferem carros, bebidas e relógios europeus, mas o destino mais popular de férias é a Austrália, revela o mais importante relatório de estilos de vida dos chineses ricos, divulgado pela consultora de imagem e marcas *Hurun*. Nos automóveis, as preferências recaem sobre marcas europeias como a Bentley, Rolls-Royce, Mercedes, BMW, Porsche e Ferrari. As marcas Vacheron Constantin, Cartier, Rolex, Montblanc e Armani foram as mais citadas. Hennessy, Chivas Regal e Dom Pérignon foram eleitas as melhores marcas de conhaque, whisky e champanhe, respectivamente.



Museu do Oriente em 2007

O Museu do Oriente deverá abrir em Lisboa no primeiro trimestre do próximo ano, com um espólio de 14 mil peças. Situado junto ao Rio Tejo, na zona de Alcântara, o edifício Pedro Álvares Cabral, que vai acolher o museu, começou a ser construído em 1939, tendo albergado armazéns de bacalhau. O museu, orçado em mais de 24 milhões de dólares, incluirá uma área de exposições de mais de 7000 metros quadrados. Projectado pelos arquitectos Carrilho da Graça e Rui Francisco, contempla ainda um auditório com capacidade para 400 pessoas, um restaurante e lojas onde serão vendidas reproduções das peças expostas, livros e edições da Fundação Oriente.



Jesuíta condecorado

O jesuíta Luís Sequeira (Mérito Cultural) foi uma das 32 personalidades agraciadas pelo Chefe do Executivo de Macau por ocasião do VI aniversário da RAEM. O oftalmologista Pedro Batalha recebeu a medalha de Mérito Profissional e a karateka Paula Carion, ouro nos Jogos da Ásia Oriental, o Título Honorífico de Valor. Destaque ainda para Tong Chi Kin, porta-voz do Conselho Executivo, que recebeu a medalha Lótus de Ouro, a mais importante condecoração da RAEM.



A gripe que assusta o mundo

A conferência internacional de doadores para conter a gripe das aves, reuniu no princípio do ano, em Pequim, 1,7 mil milhões de dólares. A morte de quatro crianças na Turquia, em Janeiro - as primeiras vítimas fora do Sudeste Asiático e da China - e a descoberta de surtos em quintas do sudeste daquele país, aumentaram receios de que o H5N1 esteja a espalhar-se pelo mundo. Desde o seu reaparecimento, em 2003, em Hong Kong, o H5N1 causou já a morte de 80 pessoas. Segundo o Banco Mundial, o potencial custo financeiro e económico de uma pandemia poderá ultrapassar os 800 mil milhões de dólares.

Designer de profissão, apaixonada pelos arranjos florais, que já lhe valeram diversos prémios em Macau, Cecilia Chu sonha com uma cidade que possa crescer para além dos casinos e com uma juventude que recupere os valores tauistas que a modernidade vai fazendo esquecer. O mundo das artes criou-lhe uma sensibilidade especial para os padrões estéticos. Mas no que respeita às pessoas, alerta, a beleza que realmente interessa é a que emana do seu interior

Cecilia Chu

“A beleza está no coração”

Como descobriu o amor pelas flores?

- Nascida no seio de uma família católica, habituei-me a ver a casa repleta de flores em honra de Nossa Senhora de Fátima. Porque estudei design gráfico estive sempre rodeada de cores e imagens diferentes durante os tempos da faculdade. Foi aí que comecei a pensar em misturar essas duas experiências.

Qual é a sensação que experimenta ao dedicar-se aos arranjos florais?

- Quando lido com as flores esses são os meus principais momentos de prazer. A concentração que isso me exige liberta-me de todo e qualquer outro pensamento. Nessa altura só as flores me interessam. Olho também para essa actividade como uma forma de meditação, pois acalma-me imenso e treina-me a paciência. Para além disso, experimento uma grande satisfação sempre que consigo um bom arranjo.

Quais são os seus outros grandes amores?

- Para além dos arranjos com flores reais, gosto muito de trabalhar arranjos artificiais.

Quais são os melhores sítios de Macau?

- Gosto de ir à praia e ao Templo de A-Ma, em Coloane.

Qual é o evento que sonha um dia poder organizar em Macau?

- Um festival da juventude, na zona do Templo de A-Ma, em Coloane.

Porque acha que esse evento faz especial sentido em Macau?

- A juventude local tem vindo a perder interesse pela cultura tauista e esse é um dos valores mais importantes de Macau. Levar os jovens a um lugar com aquela força aumentaria o conhecimento da juventude sobre as raízes da sua cultura.

Acredita que a beleza pode ajudar as mulheres no seu percurso profissional?

- A beleza é relativa e está nos olhos de quem a vê. O que realmente conta é o coração e quando há beleza interior ela afecta a reacção vinda do exterior.

Que reacções lhe provoca o momento que actualmente vive Macau, com este rápido crescimento económico e as transformações que ele provoca?

- Penso que tudo está a acontecer com demasiada rapidez. Penso que o Governo deve ter mais atenção à Educação e fazer por criar mais oportunidades para aqueles que não estão muito interessados na indústria do jogo.

O rápido crescimento económico poderá criar mais oportunidades para a juventude de Macau? Por exemplo no design e das artes, no qual está mais envolvida?

- Pelo contrário. A forma como a cidade está a crescer está a empurrar as pessoas para um modelo imposto pelos novos operadores norte-americanos, limitando os horizontes a uma geração que podia ser melhor instruída e mais criativa.

Se alguma vez pensasse em sair de Macau, qual seria a cidade dos seus sonhos?

Barcelona, Espanha.



Foto: Nuno C. Bastos

Trimestralmente a sua Revista

uma publicação do Gabinete de Comunicação Social da RAEM



Assinaturas:

email: assinaturas@revistamacau.com

Tel: + 853 323660 Fax: + 853 323601

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E

Edf. Centro Comercial First International,

14º andar, Sala 1404 - Macau



deltaedições